Instituto Politécnico de Coimbra

Escola Superior Agrária de Coimbra

Mestrado em Ecoturismo

Turismo Cultural e Religioso: o caminho de Santiago no concelho de Vouzela

António Pereira Martinho

Coimbra
Maio 2014

Instituto Politécnico de Coimbra

Escola Superior Agrária de Coimbra

POLITÉCNICO DE COIMBRA
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

Mestrado em Ecoturismo

Turismo Cultural e Religioso: o caminho de Santiago no concelho de Vouzela

O Júri:
Presidente: Prof.ª Doutora Isabel Dinis
Orientadora: Prof.ª Doutora Vivina Almeida Carreira
Arguente: Prof. Doutor Orlando Simões

António Pereira Martinho

Coimbra
Maio 2014

Agradecimentos

Este Caminho nunca teria sido possível sem o apoio, a ajuda e compreensão de muitas pessoas. Devo um especial agradecimento à Professora Doutora Vivina Carreira, por ter aceitado a orientação deste relatório, pela sua disponibilidade, incentivo e paciência.

O meu, Muito Obrigado.

Dedicatória

Este Caminho, esta penosa peregrinação, durante o período de tempo entre o início do mestrado até à redação do relatório, foi estranho. Foi um namoro de contrastes entre a profunda tristeza perante a doença do meu irmão e a alegria pura do nascimento da minha filha; do escuro das noites mal dormidas e o claro do dia-a-dia do trabalho… foi estranho.

À minha esposa, companheira e amiga, Letícia.
Ao meu irmão, Paulo.
À minha força e alegria, minha Filha, Maria

Resumo

Este trabalho visa apresentar uma proposta para a implementação de uma rota turística aproveitando os recursos endógenos do Concelho de Vouzela. O Caminho de Santiago em Vouzela tem como principais objetivos aumentar e diversificar a oferta turística, o fluxo de visitantes, a visibilidade do território e a dinamização da base económica local.

O património religioso é um recurso abundante por todo o território do concelho de Vouzela, que se reflete nas tradições, nos usos e costumes, na arquitetura religiosa da sua população. Esta forte presença de recursos de índole religiosa permite dinamizar e apostar no desenvolvimento do turismo religioso.

Numa primeira fase, este trabalho começou com um estudo sobre o Turismo Cultural e Religioso através de uma pesquisa sobre a religião, espiritualidade e, muito em particular, o Caminho de Santiago. Na segunda, é feito todo um trabalho de campo que compreende, a definição do traçado, o levantamento dos pontos de interesse e a sinalização.

Com a implementação do Caminho de Santiago, o concelho de Vouzela irá diversificar e aumentar a sua oferta turística, o seu grau de atratividade, contribuindo desta forma, para o desenvolvimento económico local.

Palavras-chave: Turismo religioso, Caminho de Santiago, desenvolvimento local.

Abstract

This work presents a proposal for the implementation of a touristic route based in the endogenous resources of the Municipality of Vouzela. The Caminho de Santiago in Vouzela main objectives are to increase and diversify the touristic offer, the flow of visitors, the visibility of the territory and boosting the local economic base.

The religious heritage is an abundant resource in the entire territory of the municipality of Vouzela, which is reflected in the traditions, the customs, the religious architecture of its population. This strong presence of religious nature resources allows focusing on the development of religious tourism.

Initially, this work began with a study on the Cultural and Religious Tourism through the research on religion, spirituality and, in particular, the Caminho de Santiago. In the second step, it was made a whole fieldwork as, defining the route, the survey of the points of interest and signaling.

With the implementation of the Caminho de Santiago, the municipality of Vouzela will diversify and increase their tourism offer, their degree of attractiveness, thus contributing to local economic development.

Keywords: religious tourism, Caminho de Santiago, local development.

Sumário

Lista de Tabelas 8

Lista de Figuras 8

Lista de Siglas 9

Introdução 10

Metodologia 14

I. Diagnóstico - concelho de Vouzela 15

I.1 – LOCALIZAÇÃO 15
I.2 – AMBIENTE NATURAL 17
I.3 – ESTRUTURA SÓCIO-CULTURAL E ECONÓMICA 18
I.4 – INFRA ESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS 23
I.4.1 – REDE VIÁRIA E ACESSIBILIDADES 23
I.4.2 – EQUIPAMENTOS CULTURAIS E RECREATIVOS 24
I.4.3 – EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS 26
I. 5 - MEIO AMBIENTE 27
I. 6 EDUCAÇÃO 28
I. 7 SAÚDE 29
I.8 OFERTA TURÍSTICA DO CONCELHO DE VOUZELA 30
I.8.1 RECURSOS NATURAIS 30
I.8.2 RECURSOS CULTURAIS 33
I.8.3 PATRIMÓNIO MONUMENTAL DO CONCELHO DE VOUZELA 34
I.8.4 PATRIMÓNIO ARTÍSTICO DO CONCELHO DE VOUZELA 35
I.8.5 PATRIMÓNIO ETNOGRÁFICO DO CONCELHO DE VOUZELA 36
I.8.6 ALOJAMENTO 37
I.8.7 ESTABELECIMENTOS DE RESTAURAÇÃO, BEBIDAS E DE BEBIDAS COM ANIMAÇÃO 37
I.8.8 MATRIZ DE AVALIAÇÃO DE RECURSOS E EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS 39
I.8.8 ANÁLISE SWOT DA OFERTA TURÍSTICA 41

II. Turismo Religioso: religião ou espiritualismo 43

II.1 A PEREGRINAÇÃO 43
II.2 A PEREGRINAÇÃO E O TURISMO 48
II.3 AS GRANDES PEREGRINAÇÕES NO MUNDO 53

III. Caminho de Santiago – A origem 66

III.1 CAMINHO DE SANTIAGO PORTUGUÊS 86

IV. Proposta – O caminho de Santiago no concelho de Vouzela 96

IV.1 CAMINHO DE SANTIAGO VOUZELA 98

Conclusão 99

Bibliografia 101

Anexos 105

Lista de Tabelas

Tabela 1 | Freguesias do concelho de Vouzela. Fonte CMV 19
Tabela 2 | Evolução da População Residente do concelho de Vouzela, entre 2001 e 2011. Fonte: CMV 19
Tabela 3 | Indicadores de população município de Vouzela, 2011: Fonte CMV 20
Tabela 4 | População residente (nº) por local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Grupo etário. Fonte: INE 21
Tabela 5 | Espaços Culturais Existentes. Fonte: CMV 25
Tabela 6 | Número de unidades e camas/capacidade por tipologia. Fonte: CMV 37
Tabela 7 | Matriz de avaliação de recursos e equipamentos turísticos 41
Tabela 8 | Análise SWOT da Oferta Turística 41
Tabela 9 | Caminhos de Santiago em território português 92

Lista de Figuras

Fig. 1 | O concelho de Vouzela na Região Centro e na sub-região de Dão-Lafões. Fonte: CMV 15
Fig. 2 | concelho de Vouzela – Relevo. Fonte: CMV 16
Fig. 3 | Monte Sr.ª do Castelo. Fonte CMV 16
Fig. 4 | Freguesias do Concelho de Vouzela. Fonte: CMV 18
Fig. 5 | Evolução da população empregada, por ramos de actividade (%). Fonte: CMV 22
Fig. 6 | Rede viária da região. Fonte: CMV 23
Fig. 7 | Distribuição de equipamentos culturais, recreativos e de lazer no concelho de Vouzela. Fonte: CMV 25
Fig. 8 | Distribuição de equipamentos desportivos no concelho de Vouzela. Fonte: CMV 26
Fig. 9 | Fontes de poluição urbana na bacia do Vouga. Fonte: CMV 27
Fig. 10 | Distribuição de estabelecimentos de ensino no concelho de Vouzela. Fonte: CMV 29
Fig. 11 | Distribuição de unidades de saúde e farmácias no concelho de Vouzela. Fonte CMV 30
Fig. 12 | Áreas protegidas do concelho de Vouzela. Fonte: CMV 31
Fig. 13 | Linhas de água do concelho de Vouzela. Fonte: CMV 32
Fig. 14 | Distribuição do património monumental do concelho de Vouzela. Fonte: CMV 34
Fig. 15 | Distribuição do património artístico do concelho de Vouzela. Fonte: CMV 35
Fig. 16 | Distribuição do património etnográfico do concelho de Vouzela. Fonte: CMV 36
Fig. 17| Mapa da distribuição dos estabelecimentos de restauração, estabelecimentos de bebidas e estabelecimentos de bebidas com animação. Fonte: CMV 38
Fig. 18 | Escala de religiosidade nos locais sagrados. Fonte: Smith (1992) 51
Fig. 19 | Meca. 55

Fig. 20 | Montanha Shri Pada. **56**
Fig. 21 | Rio Ganges. **57**
Fig. 22| Muro das Lamentações. **58**
Fig. 23 | Vaticano. **59**
Fig. 24 | Stonehenge. **60**
Fig. 25 | Knock. **60**
Fig. 26 | Catedral de S. Bonifácio. **61**
Fig. 27 | Catedral de San Esteban. **62**
Fig. 28 | Lourdes. **63**
Fig. 29 | Fàtima: Fonte: Região Turismo Leiria/Fatima **64**
Fig. 30 | Santiago de Compostela. **65**
Fig. 31 | Caminhos de Santiago em território português **93**
Fig. 32 | Caminho Santiago Tondela-Albergaria à Velha **94**
Fig. 33 | Processos de fixação **96**

Lista de Siglas

CMV – **C**âmara **M**unicipal de **V**ouzela

INE – **I**nstituto **N**acional de **E**statística

OMT – **O**rganização **M**undial de **T**urismo

SWOT – ***S****trengths,* ***W****eakenesses,* ***O****pportunities and* ***T****hreats*

UNESCO – ***U****nited* ***N****ations* ***E****ducational,* ***S****cientific and* ***C****ultural* ***O****rganization*

Introdução

Considerando várias escalas espaciais, o turismo assume-se como importante gerador de riqueza, como fenómeno capaz de contribuir para o desenvolvimento de economias deprimidas, nomeadamente através do aproveitamento de recursos endógenos (Cravidão e Cunha, 1993).

No nosso país, não há dúvidas de que o turismo balnear é aquele que movimenta um maior número de turista, assim como um maior volume de capital. No entanto, tem-se assistido nos últimos tempos a uma crescente diversificação no que diz respeito às diferentes ofertas turísticas. Assim, apesar do turismo balnear continuar a ser aquele que move maior número de turistas, outras práticas turísticas começam a dar mostras da sua importância, em que temos como exemplo o turismo em espaço rural e o turismo religioso.

São inegáveis os benefícios do turismo rural a nível demográfico e cultural, já que possibilitam a fixação da população mais jovem pela criação de novos empregos, e permitem o desenvolvimento numa perspetiva de preservação do património local, em que se incluem a criação de infra-estruturas de animação (Cunha, 1995). Muitas vezes, para além do turismo de se apresentar como um ávido consumidor do espaço rural, o turismo constitui uma das suas oportunidades de sobrevivência (Soneiro, 1991).

Segundo Umbelino (1997) os turistas presentes em espaço rural requerem níveis de animação muito superiores aos que se praticam noutros ambientes. Por isso, uma forma de fixar os turistas durante mais tempos nos espaços rurais é através do aumento e da diversificação da oferta, o que poderá traduzir-se em melhorias no campo económico nas áreas em que se desenvolvem estas práticas turísticas.

Assim, algumas áreas do nosso país têm vindo também a ser procuradas se não para atividades turísticas convencionais, para outras experiências de lazer ligadas a vários e novos tipos de atividades desportivas em que se busca a satisfação do espírito de aventura, o contacto com a natureza, a fruição dos grandes espaços (Cravidão e Cunha, 1993).

No seio de novas formas de ocupação dos tempos livres, surgem necessidades onde estão presentes a aventura e o risco (Cunha e Cravidão, 1997). São atividades que decorrem da necessidade de criar rupturas com a vida quotidiana na ocupação de tempos livres, e que geralmente se desenvolvem, em termos espaciais, longe das áreas consideradas desenvolvidas, explorando o contacto direto com a natureza (Cunha e Cravidão, 1997).

O turismo religioso e, em particular, a implementação do Caminho de Santiago em Vouzela pode constituir um bom complemento no desenvolvimento do turismo em espaço rural, tornando a oferta mais complexa e diversificada, o que permite a retenção dos turistas por maiores períodos de tempo.

Um dos problemas centrais do nosso país é ter regiões onde as oportunidades de desenvolvimento não existem, no entanto, estas regiões têm um passado histórico-cultural e valores sociais e patrimoniais muito ricos, que podem permitir alavancar o desenvolvimento do setor do turismo.

Foi neste pano de fundo que, no início da pesquisa conducente à realização desta dissertação, duas importantes questões se nos colocam:

Como desenvolver áreas pobres em recursos convencionais (indústria, serviços e tecnologias)?

Como alavancar o desenvolvimento do turismo em áreas sem tradição neste setor?

Tendo em consideração os dois vetores anteriores, a questão primordial que se coloca ao concelho de Vouzela, bem como à maior parte das regiões com recursos naturais e patrimoniais, mas não desenvolvidas sob o ponto de vista do turismo, é como despoletar e estruturar o desenvolvimento turístico.

O objetivo deste trabalho concentrar-se-á, assim, em contribuir, com a implementação do Caminho de Santiago no concelho de Vouzela, na dinamização da base económica local, aumentando a oferta e a visibilidade turística da região e fixar os visitantes no território.

O concelho de Vouzela não tem ainda uma expressão de registo em termos de destino, no entanto, nos últimos anos o Município tem vindo a adotar uma estratégia muito direcionada para o desenvolvimento turístico no seu território e colocá-lo, deste modo, no mapa turístico regional e nacional. Este trabalho assume assim um papel relevante, contribuindo para atingir essa finalidade. O desenvolvimento deste trabalho ajudará a criar importantes sinergias entre os setores público e privado, que se pretende que continuem e se fortaleçam para além da fase de implementação do Caminho de Santiago em Vouzela.

O Caminho de Santiago no concelho de Vouzela foi desenvolvido no gabinete de turismo da Câmara Municipal de Vouzela, tendo como principal foco impulsionar o Turismo Religioso em particular, através do Caminho de Santiago.

Atualmente, aproximadamente 300 milhões de turistas por ano viajam com uma motivação religiosa ou espiritual, segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT). Estimativas desta organização apontam para o turismo religioso corresponder a 20% do turismo mundial total.

O património temático católico e judaico faz de Portugal um destino bastante competitivo em matéria de turismo religioso e cultural. Fátima, com 3,5 milhões de peregrinos por ano, continua a apresentar-se como o destino mais procurado pelos turistas com motivações religiosas. Segue-se o Caminho Português para Santiago de Compostela, que é o mais percorrido, a seguir ao Caminho em território francês. No entanto, há ainda muito a fazer para captar mais visitantes e melhorar a qualidade das visitas. A forma como se apresenta ou se ajuda a interpretar o património é essencial. Neste contexto, torna-se fundamental melhorar a sinalização para o acesso ao património, reforçar a valorização turística dos eventos e tradições populares e alcançar uma melhor articulação entre os diversos agentes turísticos.

Com o presente trabalho pretende-se o desenvolvimento e implementação de um dos percursos que liga Tondela, passando por Vouzela, ao Caminho de Santiago do Litoral.

O trabalho encontra-se dividido em quatro partes, constituindo a primeira apresentação do território em estudo através de um diagnóstico sobre o concelho.

Na segunda parte, é desenvolvido o tema do Turismo Religioso num âmbito teórico, através de uma análise desta temática enquanto fenómeno humano, social e cultural, uma abordagem às motivações dos turistas, às dimensões que o setor apresenta bem como à sua ligação ao território, à cultura e ao património.

A temática dos Caminhos de Santiago é apresentada na terceira parte. Além de uma discussão sobre a lenda e a história de Santiago na Península e o seu sepulcro na cidade Compostela, são analisadas as transformações e a evolução sofrida por esta tradição ao longo dos séculos, até aos dias de hoje. No mesmo sentido, é feita uma análise à história dos Caminhos Portugueses, que contempla uma indagação sobre os motivos subjacentes a esta devoção em território Português bem como uma referência aos caminhos reconhecidos.

Na quarta e última parte, e com base no que conseguimos apurar nas anteriores, será definida a proposta para a implementação de um percurso que faça a ligação entre os concelhos vizinhos tendo em vista a ligação ao Caminho de Santiago do Litoral.

Com este trabalho não se pretende somente definir um caminho, mas com ele promover uma melhoria da qualidade urbana, paisagística e ambiental, já que são componentes fundamentais do produto turístico.

Metodologia

A metodologia seguida para a elaboração deste trabalho baseia-se no conhecimento teórico e prático sobre o território em causa, sendo no entanto obviamente complementado pela análise de diversos documentos que ilustram a realidade do concelho e o estudo de várias publicações sobre a temática do Caminho de Santiago.

Este tipo de abordagem permitiu criar uma base sólida e desenhar o *framework* necessário ao desenvolvimento do trabalho. O trabalho foi ainda enriquecido pelos contributos dados por diversas entidades locais e entidades relacionadas com o Caminho de Santiago, portanto mais conhecedoras tanto do território como da temática em questão.

Adicionalmente, foram elaboradas diversas visitas ao terreno, não só para conhecer recursos e equipamentos, mas também para conhecer a localização exata do traçado e a sinalização a ser utilizada.

I. Diagnóstico - concelho de Vouzela

I.1 – Localização

Encaixada entre a serra e o mar!

O concelho de Vouzela ocupa uma posição singular que lhe é conferida pela localização central dentro da região de Lafões (longitude – 8º 7` e latitude – 40º 43`), com uma área de 190 km^2, administrativamente limitado a Norte pelo concelho de S. Pedro do Sul, a Sul pelo concelho de Tondela, no quadrante Este pelo concelho de Viseu e a Oeste e Noroeste por Águeda e Oliveira de Frades, com a largura máxima de 15 km e comprimento máximo de 25 km (Fig.1). Apesar de ser um concelho interior, a distância a que se encontra do litoral (cerca de 40 km em linha reta) não é suficiente para descurar as influências que o Atlântico exerce nas suas características, antes de mais pelo tipo de vegetação e pelas culturas agrícolas.

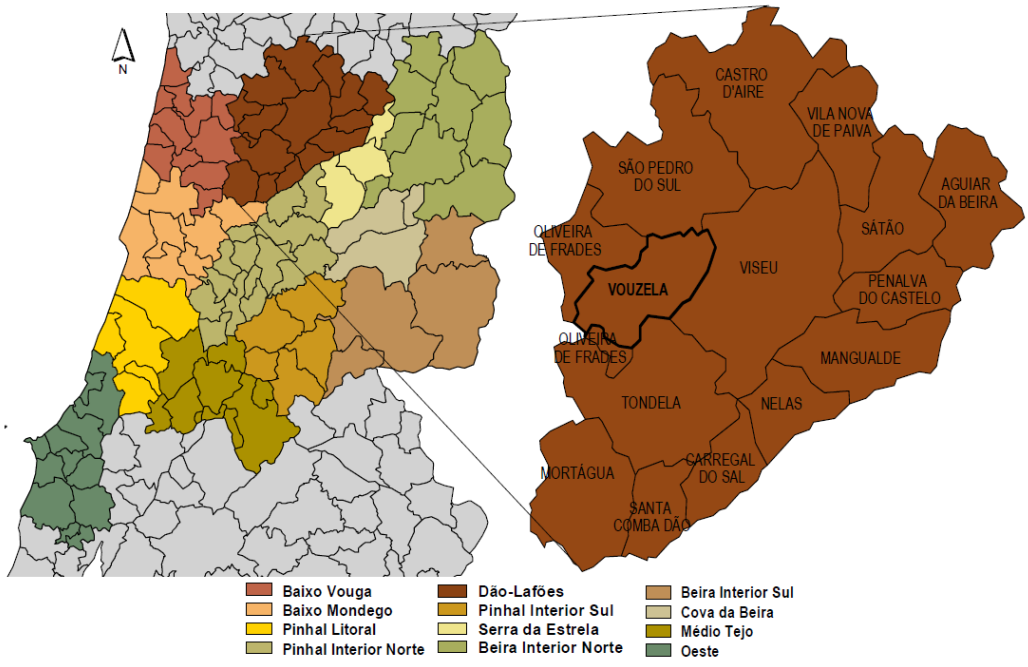


Fig. 1 | O concelho de Vouzela na Região Centro e na sub-região de Dão-Lafões. Fonte: CMV

No entanto, estas características que o aproximam do mar não são suficientes para, por outro lado, esquecer outros aspetos que o caracterizam, tais como zonas tipicamente de montanha com as suas culturas tradicionais ou ainda modos de vida muito próprios das respetivas

populações. Se uma parte do concelho é frondosa e exuberante, nomeadamente nos terrenos em que as cotas são mais baixas, a outra parte é austera e até agreste (Fig. 2).

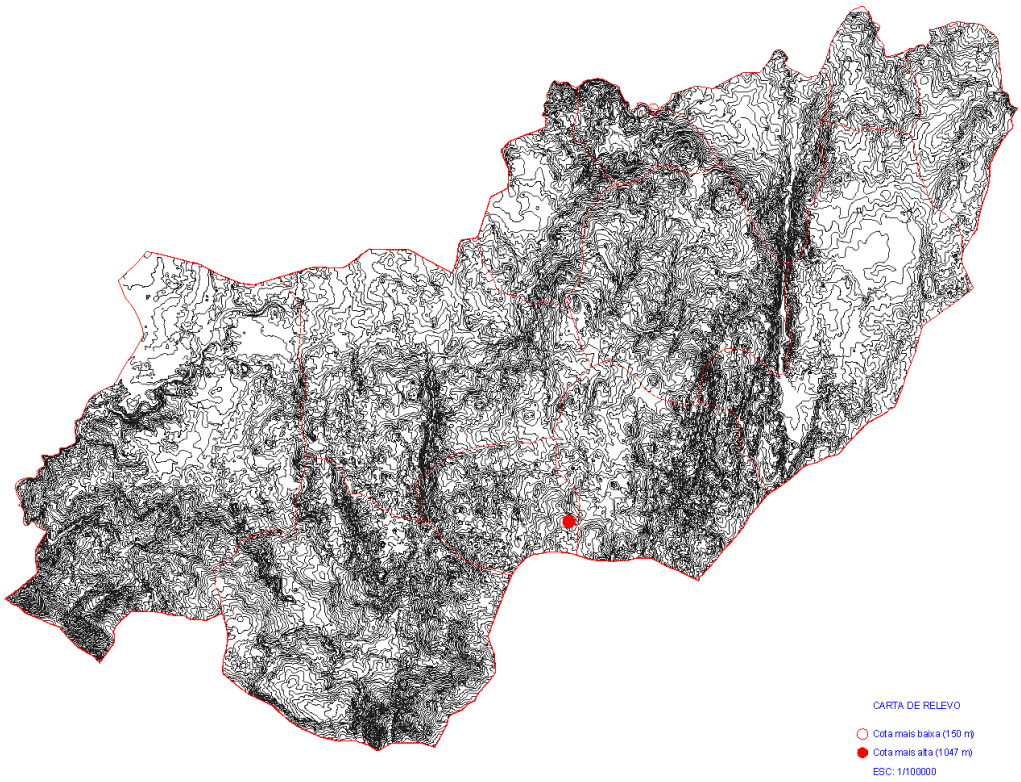


Fig. 2 | concelho de Vouzela – Relevo. Fonte: CMV

Assim, inserido na transição entre a faixa Atlântica e a zona montanhosa que constitui as serras do Caramulo e Montemuro, o concelho apresenta alguma diversidade a nível de condições climatéricas, a que não é estranha a influência da altitude, fazendo com que a paisagem seja diferente dos concelhos vizinhos.

Fig. 3 | Monte Sr.ª do Castelo. Fonte CMV

Os seus campos de cultura, xadrezados pelos cômoros de divisão de propriedade, onde a vinha se abraça às árvores de fruto, e emoldurados ainda pelas matas de pinheiros, carvalhos e castanheiros que revestem as maiores elevações do terreno, oferecem com efeito, ao turista um espectáculo sem dúvida interessante: um pequeno retalho do Minho perdido em plena região montanhosa da Beira Central

(Fundação Calouste Gulbenkian, 1921)

I.2 – Ambiente Natural

O concelho de Vouzela é caracterizado por uma grande quantidade de diversidade de recursos naturais, que derivam de facto de a área se inserir em duas zonas de características distintas. As diferenças de altimetria que se verificam, e que levam à existência de zonas planas e de áreas acidentadas, em muito condicionam a cobertura vegetal, o ambiente paisagístico, como também as próprias atividades económicas desenvolvidas pelas populações locais. Nas áreas mais acidentadas e de maior interioridade existem aglomerados que conservam ainda as características tradicionais, constituindo um complemento precioso à envolvente natural.

A rede hidrográfica do concelho de Vouzela é extremamente densa, com cursos de caudal variável, conforme as estações do ano. É de salientar o importante papel que a bacia hidrográfica do Rio Vouga desempenha nesta área, assim como alguns dos seus afluentes.

O clima, juntamente com as características físicas do concelho, influencia o próprio ambiente natural do concelho. Aos diferentes acidentes geográficos que o caracterizam estão associados uma flora variada que cobre todo o solo do concelho, contribuindo para uma grande variedade e diversidade de espécies. Em todo o concelho de Vouzela existe também uma fauna muito variada, que tem vindo, no entanto, a rarear nas últimas décadas, assistindo-se mesmo ao quase desaparecimento de algumas espécies, como é o caso do lobo. Persistem no entanto, a raposa, o coelho, o texugo, o milhafre, a coruja, o pardal, o melro e a rola entre outros.

Encontram-se ainda algumas áreas de grande importância para a conservação da natureza, onde espécies de fauna e flora (algumas delas com o estatuto de conservação da natureza) constituem o seu habitat, valorizando o ambiente natural do concelho.

O elevado número de linhas de água, com uma envolvente paisagística muito rica, torna a área ainda mais atrativa para o desenvolvimento de atividades turísticas. Essas atividades ligadas ao turismo, se desenvolvidas de uma forma integrada com o ambiente onde se inserem, podem trazer grandes benefícios para o concelho.

I.3 – Estrutura Sócio-Cultural e económica

O concelho de Vouzela ocupa uma área de 193,7 Km2, o que equivale a cerca de 5,5% da área total da sub-região de Dão-Lafões e 0,8% da Região Centro, sendo constituído por 12 freguesias: Alcofra, Cambra, Campia, Carvalhal de Vermilhas, Fataunços, Figueiredo das Donas, Fornelo do Monte, Paços de Vilharigues, Queirã, São Miguel do Mato, Ventosa e Vouzela (Fig. 4).

Fig. 4 | Freguesias do Concelho de Vouzela. Fonte: CMV

Das 12 freguesias, apenas Figueiredo das Donas, São Miguel do Mato e Vouzela (onde se situa a sede de concelho) são consideradas Áreas Mediamente Urbanas, sendo as restantes classificadas como Áreas Predominantemente Rurais. Além da vila de Vouzela, que é indubitavelmente o maior centro urbano do concelho, na rede urbana destacam-se, principalmente, as sedes de freguesia de Queirã, de Campia e de Cambra, já que as restantes povoações, são, na generalidade, de menores dimensões (Tabela 1).

Freguesias	Área km2	%	População residente	%
Alcofra	28,96	14,90	1001	9,50
Cambra	24,70	12,80	1244	11,80
Campia	39,27	20,30	1542	14,63
Carvalhal de Vermilhas	7,91	4,00	215	2,04
Fataunços	8,36	4,30	751	7,13
Figueiredo das Donas	4,30	2,20	352	3,34
Fornelo do Monte	15,08	7,80	288	2,73
Paços de Vilharigues	8,73	4,50	647	6,14
Queirã	23,84	12,30	1432	13,59
São Miguel do Mato	9,00	4,70	924	8,77
Ventosa	18,33	9,50	794	7,53
Vouzela	5,22	2,70	1350	12,81
Total	193,70	100	10540	100

Tabela 1 | Freguesias do concelho de Vouzela. Fonte CMV

A análise da tabela anterior permite distinguir, fundamentalmente, três freguesias de entre as doze, e que são precisamente as freguesias onde se inserem os principais centros urbanos do concelho: Queirã (13,59% da população residente em 2011), Campia (14,63% da população residente em 2011) e Vouzela (12,81% da população residente em 2011). Em conjunto, estas três freguesias representam cerca de 41% da população residente no concelho. A vila de Vouzela concentra os serviços e equipamentos de maior importância e constitui, em termos percentuais, o maior pólo aglutinador de população residente.

Freguesias	População residente		Crescimento populacional (%)
	2001	2011	2001/2011
Alcofra	1202	1001	-16,7
Cambra	1655	1244	-24,8
Campia	1899	1542	-18,8
Carvalhal de Vermilhas	309	215	-30,4
Fataunços	913	751	-17,7
Figueiredo das Donas	532	352	-33,8
Fornelo do Monte	484	288	-40,5
Paços de Vilharigues	720	647	-10,1
Queirã	1656	1432	-13,5
São Miguel do Mato	1331	924	-30,6
Ventosa	1195	794	-33,6
Vouzela	1340	1350	0,7
Total	13236	10540	-20,4

Tabela 2 | Evolução da População Residente do concelho de Vouzela, entre 2001 e 2011. Fonte: CMV

Numa primeira abordagem, a análise da tabela 2 permite concluir que o concelho tem vindo a sofrer um acentuado decréscimo demográfico, tendo perdido, entre 2001 e 2011, cerca de 20.4% da sua população (2696 habitantes).

Entre 2001 e 2011, onze das doze freguesias sofreram decréscimos populacionais, onde a única exceção ao decréscimo generalizado da população residente foi a freguesia de Vouzela (0.7%). Fornelo do Monte foi, nesta década, a freguesia que, percentualmente, perdeu mais população, com uma variação de cerca de -40.5%.

Este decréscimo revela a existência de algumas debilidades ao nível da capacidade de atração e de fixação populacional. A perda de população verificada na maior parte das freguesias, é perfeitamente justificável e enquadrável no contexto sócio-económico da época e da parcela territorial em que o concelho se insere. Esta diminuição é o resultado da taxa de crescimento natural (-0.82%), que se pode traduzir na taxa de natalidade (6.2%) e mortalidade (14.4) através de uma fórmula lógica, isto é, do decréscimo de uma e do aumento de outra. Da análise do quadro seguinte destaca-se o aumento do índice de envelhecimento no concelho de Vouzela, um indicador que se situava, em 2011, nos 224,6%.

Densidade populacional	Taxa de crescimento efetivo	Taxa de crescimento natural	Taxa bruta de natalidade	Taxa bruta de mortalidade	Índice de envelhecimento
N.º/Km2	(%)				
53,4	-1,23	-0,82	6,2	14,4	224,6

Tabela 3 | Indicadores de população município de Vouzela, 2011: Fonte CMV

Relativamente à distribuição da população por grupos etários, é de destacar o facto do concelho de Vouzela apresentar um número de idosos superior ao de jovens, o que mais uma vez demonstra o claro envelhecimento da população deste concelho (Tabela 4).

Período de referência dos dados	Local de residência (à data dos Censos 2011)	População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Grupo etário; Decenal														
		Sexo														
		HM					H					M				
		Grupo etário														
		Total	0 - 14 anos	15 - 24 anos	25 - 64 anos	65 e mais anos	Total	0 - 14 anos	15 - 24 anos	25 - 64 anos	65 e mais anos	Total	0 - 14 anos	15 - 24 anos	25 - 64 anos	65 e mais anos
		N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
2011	Vouzela	10 564	1 332	1 130	5 260	2 842	5 031	682	557	2 563	1 229	5 533	650	573	2 697	1 613
	Alcofra	1 025	110	97	514	304	495	65	46	250	134	530	45	51	264	170
	Cambra	1 244	170	150	587	337	588	88	73	291	136	656	82	77	296	201
	Campia	1 542	188	189	759	406	748	101	95	371	181	794	87	94	388	225
	Carvalhal de Vermilhas	215	35	22	83	75	105	22	9	43	31	110	13	13	40	44
	Fataunços	751	93	85	404	169	354	38	49	193	74	397	55	36	211	95
	Figueiredo das Donas	352	36	32	181	103	173	17	20	85	51	179	19	12	96	52
	Fornelo do Monte	288	44	18	111	115	137	26	8	54	49	151	18	10	57	66
	Paços de Vilharigues	647	85	73	345	144	315	44	33	172	66	332	41	40	173	78
	Queirã	1 432	182	139	739	372	680	90	73	353	164	752	92	66	386	208
	São Miguel do Mato	924	112	100	467	245	457	59	53	230	115	467	53	47	237	130
	Ventosa	794	76	74	394	250	376	36	38	200	102	418	40	36	194	148
	Vouzela	1 350	201	151	676	322	603	96	60	321	126	747	105	91	355	196

Tabela 4 | População residente (nº) por local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Grupo etário. Fonte: INE

Na distribuição dos ativos no concelho de Vouzela, constata-se uma afetação maioritária ao setor secundário (64.9%), face aos setores terciário (29.8%) e primário (5.3%). As atividades primárias são assim as que ocupam menor percentagem dos ativos. Pode-se facilmente concluir que se tem verificado, ao longo dos anos, uma deslocação de ativos do setor primário para os restantes setores de atividade, abandonando a agricultura e iniciando um processo de crescente industrialização e/ou de dependência dos serviços (Fig 5).

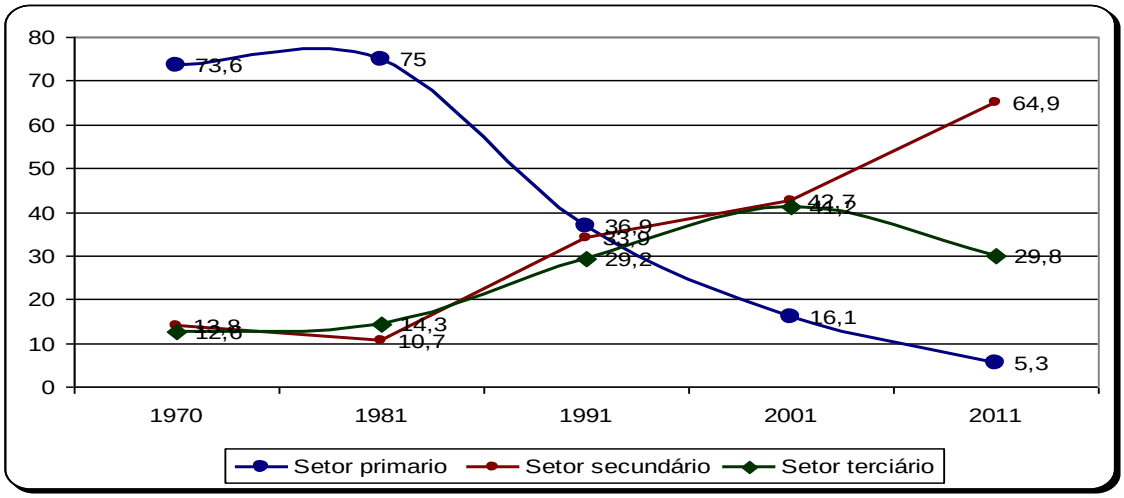


Fig. 5 | Evolução da população empregada, por ramos de actividade (%). Fonte: CMV

A estrutura empresarial de Vouzela é relativamente diversificada. Entre os ramos industriais presentes em Vouzela salientam-se os têxteis, as madeiras, os produtos alimentares, a produção de alcatifas, as rochas ornamentais, os plásticos, o papel, a metalúrgica e a construção. O grande crescimento industrial permitiu alargar o mercado de emprego local, o qual não só absorve grande parte da população ativa concelhia, como também de concelhos limítrofes.

Em traços gerais, a estrutura económica do concelho, está assente no setor secundário, embora o setor terciário apresente um valor bastante interessante, situação que está associada ao fenómeno de terciarização da economia, extensivo à generalidade do país. No entanto, o concelho de Vouzela carece de uma diversificação e qualificação neste setor, uma vez que a atividade terciária se concentra em torno de um comércio tradicional, que incide, particularmente, nos bens alimentares.

I.4 – Infra Estruturas e Equipamentos

I.4.1 – Rede Viária e Acessibilidades

O território concelhio é atravessado transversalmente pelo IP5/A25 (Aveiro - Vilar Formoso), que integra a Rede Nacional de Auto-estradas. Este eixo viário, de enorme importância a nível regional, nacional e internacional, assegura as principais acessibilidades exteriores do concelho de Vouzela. Esta via serve a rede concelhia através de quatro nós de acesso: o Nó de Cambarinho (EN 333-3/ ER 333-2), a poente, próximo de Campia e da respectiva Zona Industrial; o Nó de Vouzela (Confulcos), a poente/Sul da sede de concelho, com ligação à EN 333; o Nó de Sacorelhe (Ventosa); o Nó de Boa Aldeia, situado na proximidade imediata ao limite nascente/Sul do território (concelho de Viseu), com ligação à ER 228 (Fig. 6).

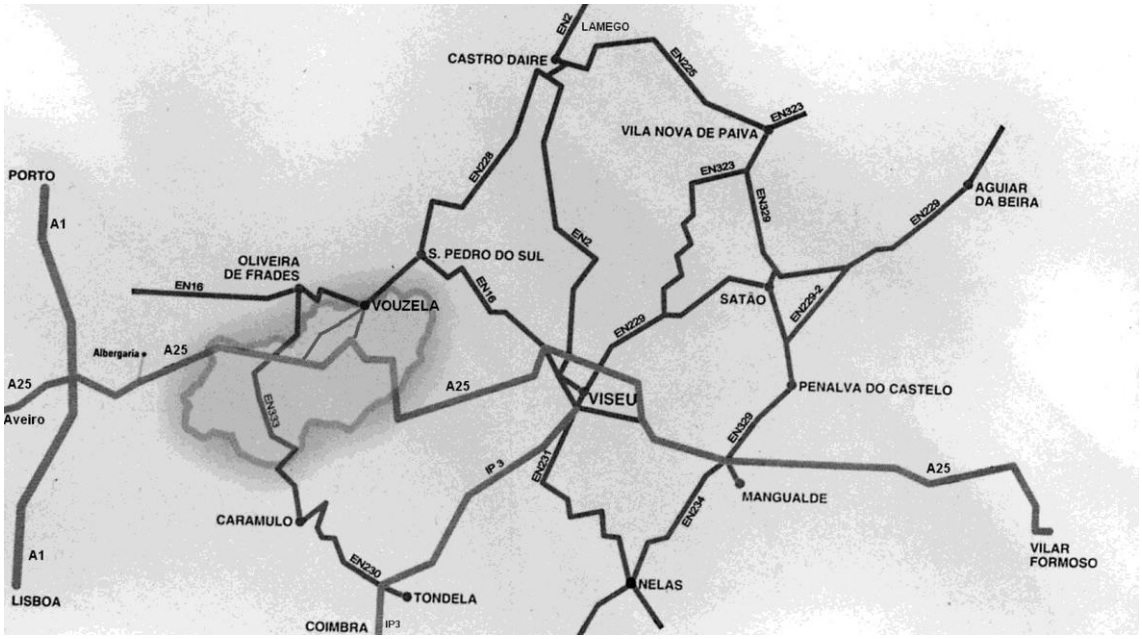


Fig. 6 | Rede viária da região. Fonte: CMV

Existem ainda várias estradas nacionais e caminhos municipais que desempenham um papel preponderante no desenvolvimento dos aglomerados. A rede viária secundária existente foi o suporte fundamental da ocupação urbana do território, não através da sua ocupação marginal mas da sua ligação a alguns aglomerados. Esta também garante o acesso e as ligações entre lugares concelhios, sedes de freguesia e sede do concelho, garantindo ainda ligações intermunicipais e regionais.

No que diz respeito aos serviços de transportes no concelho de Vouzela, há a referir a existência de algumas empresas a efetuarem o transporte regular de passageiros (intra e inter-concelhio), assim como empresas que oferecem serviços expresso para os centros urbanos mais distantes, e até mesmo para o estrangeiro.

A sede de concelho encontra-se bem servida relativamente ás ligações ao exterior do concelho. As ligações entre algumas freguesias e a sede do concelho são no entanto algo deficitárias, sendo essa situação mais visível nas freguesias mais afastadas da sede do concelho. De um modo geral, os serviços prestados não são suficientes, e os horários não são por vezes os mais adequados, havendo mesmo a falta de serviços a partir de uma determinada hora.

I.4.2 – Equipamentos Culturais e Recreativos

No aspecto cultural, verificam-se algumas carências ao nível de equipamentos que contribuem para uma melhor promoção e dinamização das atividades culturais (Tabela 5). Denota-se, porém, a consciencialização do executivo camarário para esta lacuna surgindo fortes intenções de dinamização e investimento ao nível desse tipo de equipamentos.

O potencial etnográfico do concelho é muito diversificado e, tal como este, também o património construído e toda a herança religiosa (refletida no grande número de eventos de cariz religioso) são igualmente ricos, sendo necessário zelar pela sua preservação e conservação.

	Museus	Bibliotecas	Salas de Espectáculos	Total
Concelho Vouzela	**1**	**1**	**3**	**5**

Tabela 5 | Espaços Culturais Existentes. Fonte: CMV

Por fim, mas não menos importante é a constatação de um levado número de entidades e organismos associativos que reflectem bem a existência de um grande dinamismo associativo no concelho de Vouzela.

A sede do concelho desempenha um papel importante na atividade cultural sendo o pólo preferencial da localização de alguns dos mais interessantes equipamentos deste género. Há a destacar as salas de teatro e espectáculos; bibliotecas; espaços de exposições e galerias.

O concelho é também rico em espaços de lazer e recreio, que se encontram espalhados em quase todas as freguesias (Fig. 7). As infraestruturas associadas a estes espaços estão de um modo geral relacionadas com as possibilidades financeiras da associação responsável, sendo na sua generalidade espaços pouco estruturados e com poucos equipamentos técnicos.

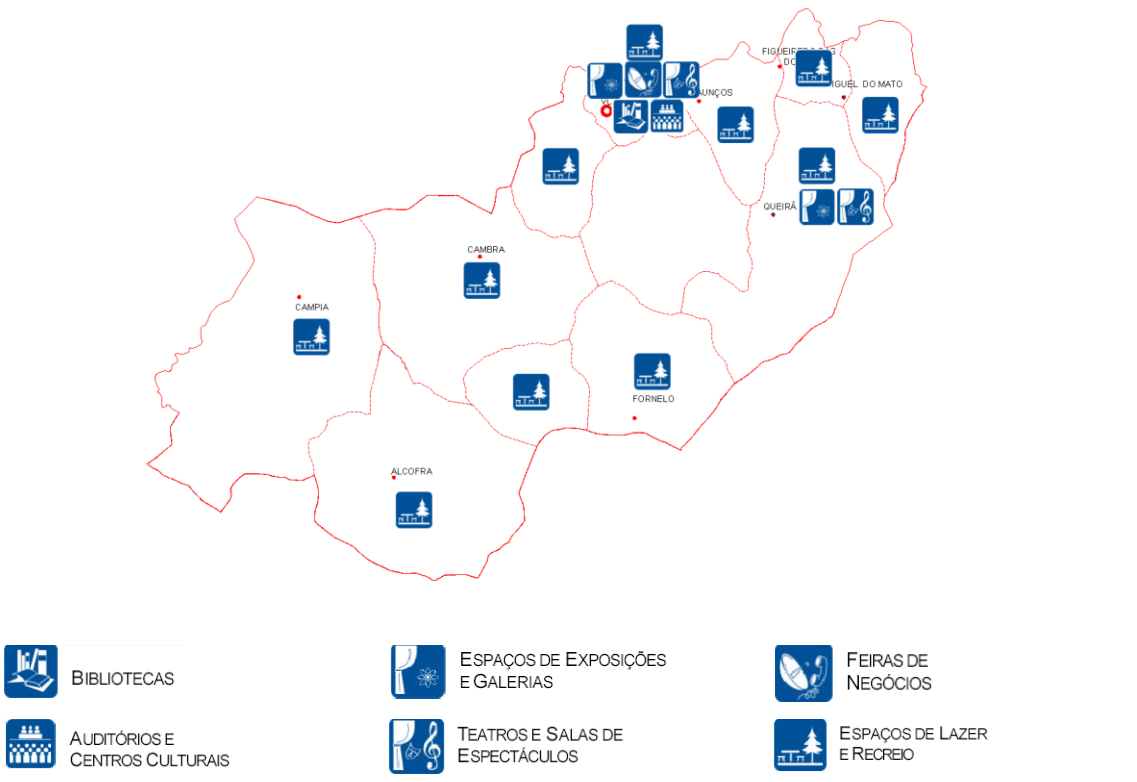


Fig. 7 | Distribuição de equipamentos culturais, recreativos e de lazer no concelho de Vouzela. Fonte: CMV

A existência destes equipamentos e serviços pode ser também fundamental para a dinamização e realização de eventos e atividades lúdicas e recreativas, não só para a população local, mas também para os visitantes, constituindo-se assim como atividades de animação, entretenimento e de ocupação de tempos livres que permite diversificar a oferta do concelho e aumentar o tempo de permanência médio dos visitantes.

I.4.3 – Equipamentos Desportivos

Em relação aos equipamentos desportivos, há a destacar a grande diversidade de equipamentos destinados à prática de várias atividades desportivas (natação, atletismo, ténis, futebol, etc.).

Estes equipamentos, à semelhança dos equipamentos culturais e recreativos, localizam-se maioritariamente na sede do concelho e nas freguesias adjacentes (Ilustração 8). As restantes freguesias estão equipadas com campos de jogos, que se traduzem muitas vezes em campos de futebol onde as associações desportivas desenvolvem as suas atividades.

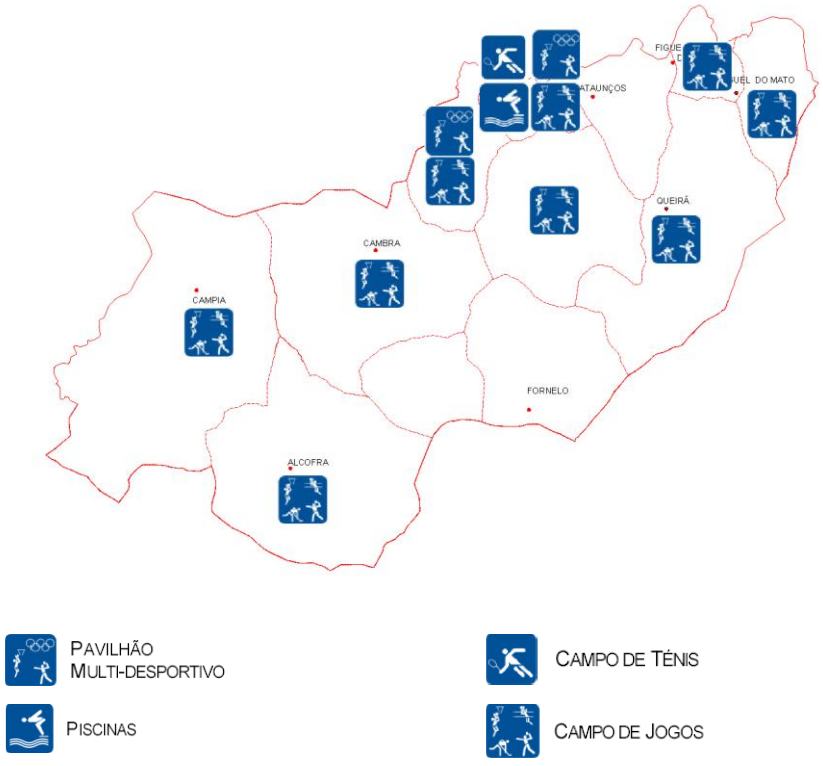


Fig. 8 | Distribuição de equipamentos desportivos no concelho de Vouzela. Fonte: CMV

I. 5 - Meio Ambiente

É um ponto forte do concelho de Vouzela, a qualidade ambiental deriva em parte das grandes manchas florestais aí existentes, e ainda de todo o seu património natural, onde se incluem pequenas porções de território ainda pouco exploradas, como a Reserva Botânica de Cambarinho.

Porém, a poluição não se encontra ausente, invariavelmente relacionada com os diferentes graus de industrialização. Contudo, o concelho de Vouzela demonstra uma crescente dinâmica na resolução dos problemas associados aos resíduos industriais, assim como de todos os problemas relativos à recolha e tratamento de resíduos urbanos (Fig. 9).

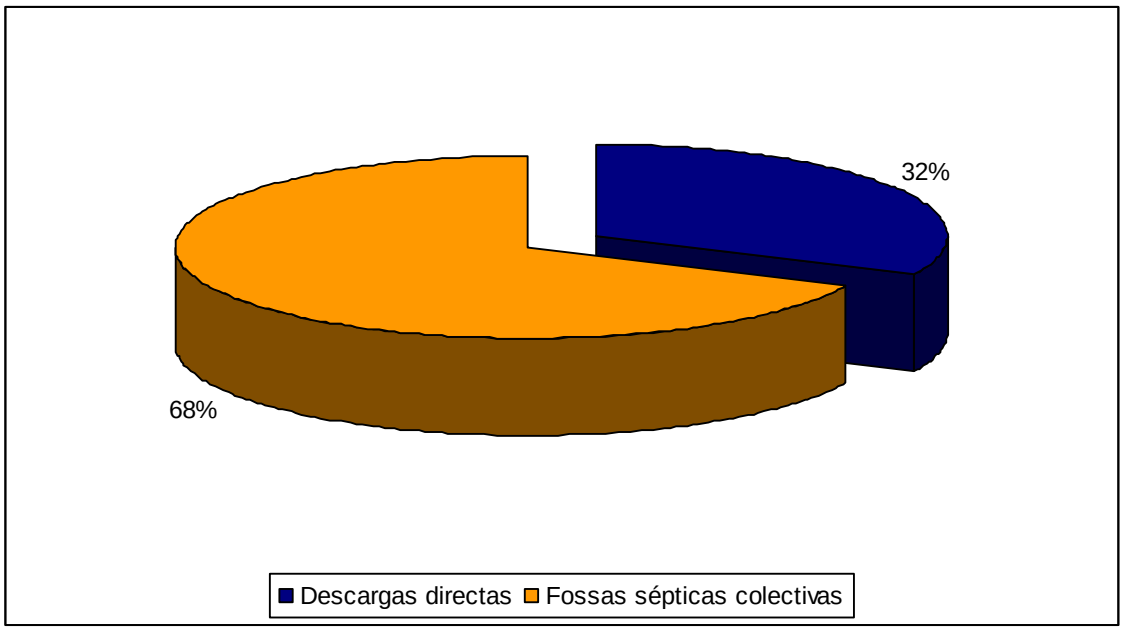


Fig. 9 | Fontes de poluição urbana na bacia do Vouga. Fonte: CMV

Nos últimos anos tem existido um esforço significativo no sentido de melhorar a qualidade da água dos rios, o que implica também uma melhoria da qualidade da água das praias (Fig. 10).

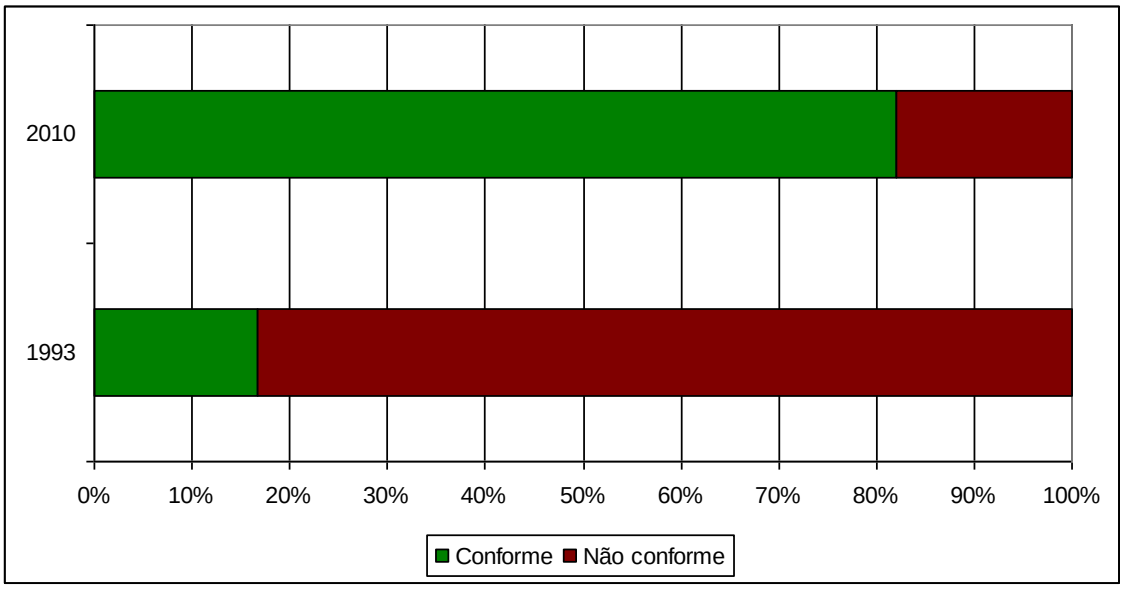


Fig. 10 | Evolução da qualidade das zonas balneares interiores, 1993-2010. Fonte: CMV

Como se verifica, tem vindo a ser demonstrada uma constante no sentido de garantir o cumprimento dos parâmetros de qualidade, o que levou a uma evolução positiva da qualidade das águas balneares interiores.

I. 6 Educação

Relativamente ao sistema de educação, cabe referir que grande parte das freguesias que integram o concelho possuem estabelecimentos de ensino pré-escolares públicos. No entanto, existem claramente carências em algumas freguesias, onde a cobertura de jardins-de-infância e centros de atividades de tempos livres é escassa. O mesmo acontece no que se refere a escolas do 1º ciclo do ensino básico, apesar de a cobertura ser relativamente maior. Algumas freguesias não possuem escolas motivado pela falta de alunos, e outras são frequentadas por um número reduzido de alunos, pelo que será de crer que acabarão por deixar de funcionar, como aconteceu com muitas outras.

Em relação às escolas do 2º e 3º ciclos do ensino básico, estas localizam-se nas freguesias mais próximas da sede do concelho e que são mais densamente povoadas. Só na sede do concelho é que existem escolas secundárias, sendo o seu número insuficiente para dar resposta às necessidades, verificando-se por vezes a deslocação de alunos para outros concelhos (Fig. 11).

Ao nível do ensino profissional, cujo objectivo é dotar o mercado de trabalho de profissionais capazes de responder às necessidades das empresas implantadas no concelho, encontramos a Escola Profissional de Vouzela.

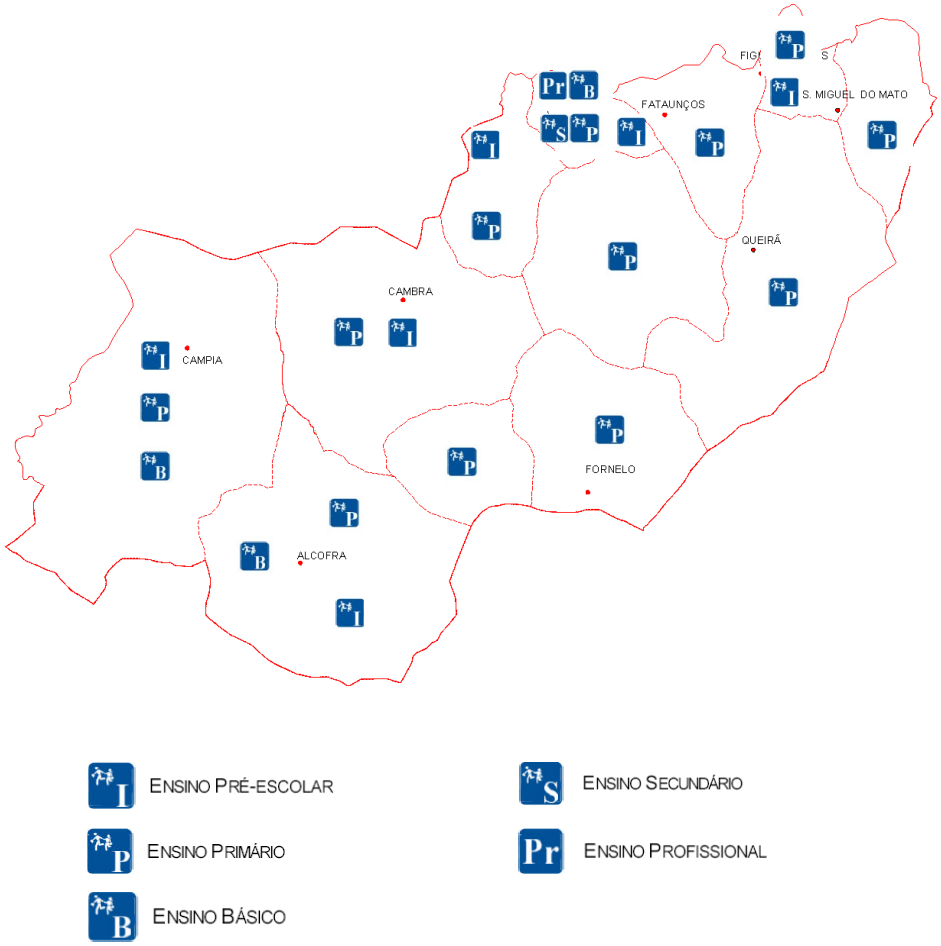


Fig. 10 | Distribuição de estabelecimentos de ensino no concelho de Vouzela. Fonte: CMV

I. 7 Saúde

A estrutura do sistema de saúde local assenta no centro de saúde localizado na sede do concelho, e unidades de saúde (extensões) em quase todas as freguesias. Há a registar a ausência de hospitais no concelho, obrigando as pessoas a deslocarem-se aos hospitais distritais de Viseu, Aveiro e Coimbra para determinadas especialidades. No que se refere a farmácias apenas existem 4 no concelho (Fig. 12).

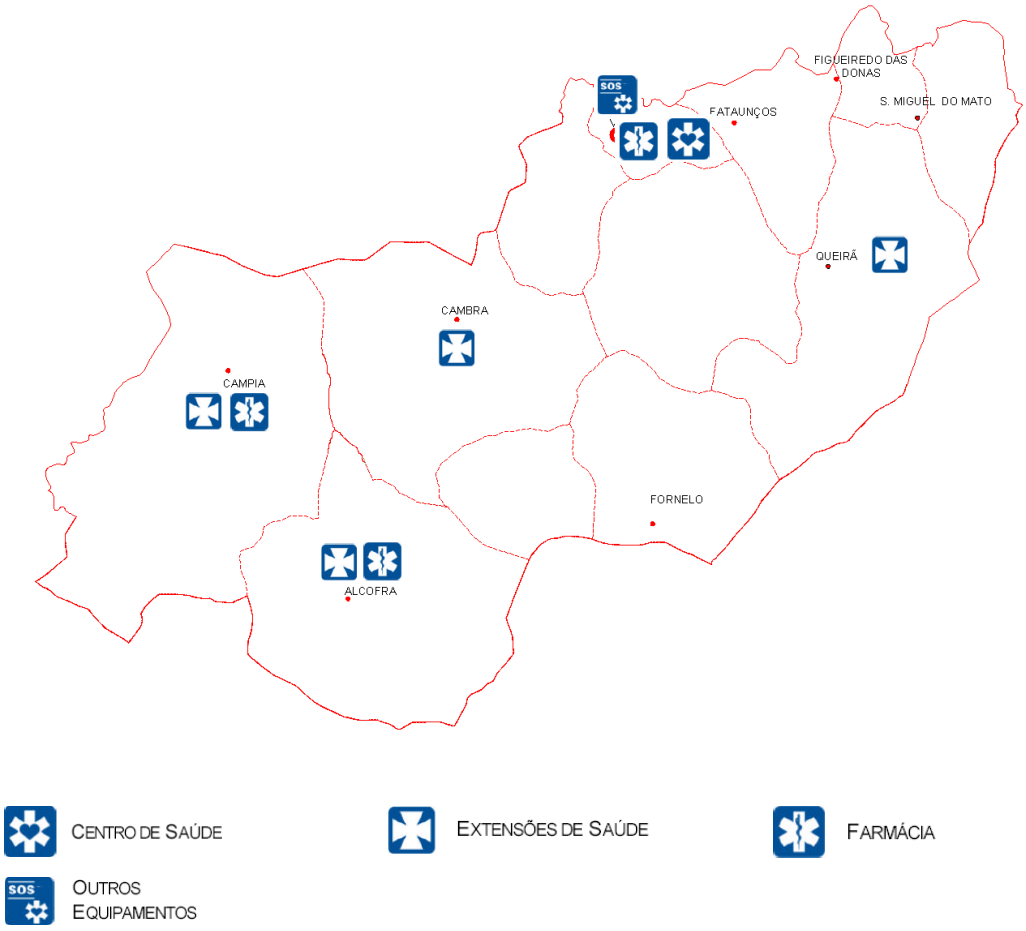


Fig. 11 | Distribuição de unidades de saúde e farmácias no concelho de Vouzela. Fonte CMV

I.8 Oferta Turística do concelho de Vouzela

I.8.1 Recursos Naturais

O concelho de Vouzela apresenta características montanhosas, surgindo nas encostas das serras linhas de água que se transformam em vales com grande valor paisagístico. Ao longo das vertentes montanhosas encontram-se com alguma regularidade miradouros e pontos de observação que permitem visualizar as várias características do concelho e o seu enquadramento paisagístico.

Estas características associadas à tranquilidade e à envolvente natural existente, podem por si só, ser consideradas como um elemento essencial para a criação de um produto turístico. No

entanto, neste concelho, a sua presença e importância tornam-se mais substanciais dado que existe uma atmosfera de repouso e descanso, que proporciona um elevado nível de qualidade de vida e ambiental, podendo-se ainda encontrar locais pouco alterados e modificados pela presença humana.

As atrações ou áreas de atração natural existentes no concelho estão de algum modo relacionadas com as áreas protegidas (Fig. 13). Porém, a mais-valia ambiental e a beleza do meio natural pode ser constatada em todo o concelho de Vouzela, constituindo-se assim como um concelho com forte apetência para o desenvolvimento de produtos e serviços turísticos baseados nas componentes de natureza e meio ambiente.

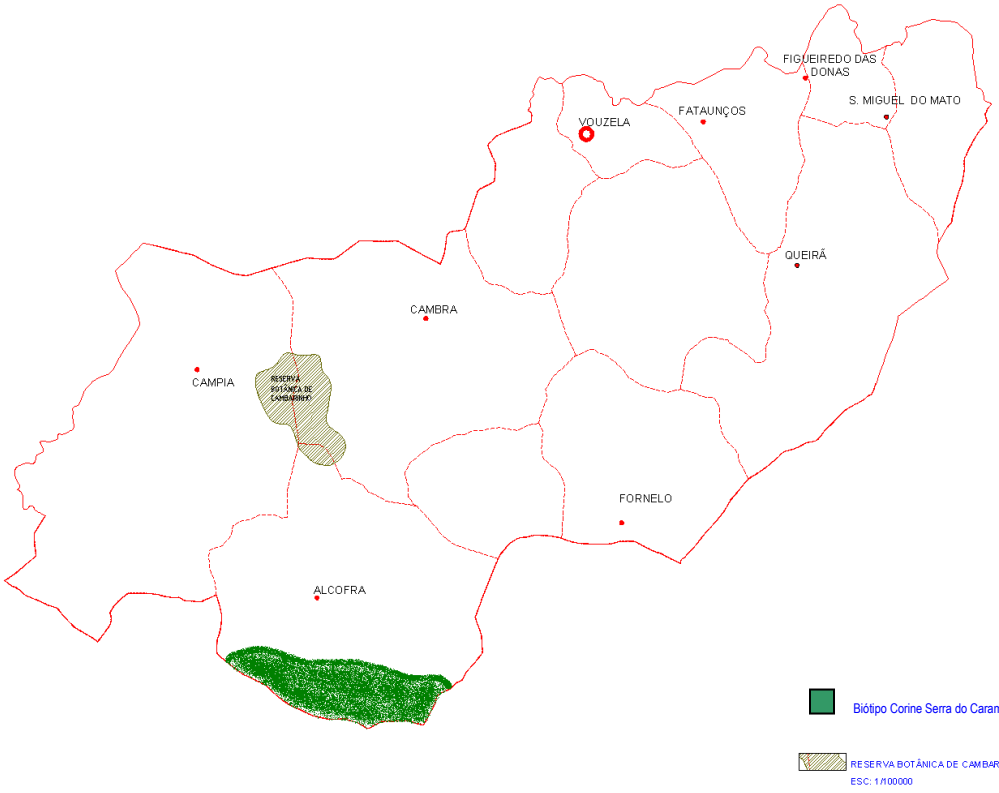


Fig. 12 | Áreas protegidas do concelho de Vouzela. Fonte: CMV

Dentro das paisagens que se podem admirar no concelho, encontram-se com alguma frequência uma paisagem marcadamente rural, reflexo das atividades assentes na exploração minifundiária dos solos através da agricultura, pastoreio e silvicultura. A estas características acrescenta-se ainda a existência de vales e encostas associados a importantes linhas de água, que conferem

ao concelho uma beleza particular. Apesar de não existirem praias marítimas no concelho, verificam-se outras mais-valias e de outros recursos também importantes para a consolidação da oferta turística. São exemplo disso as diversas linhas de água, as praias fluviais, não só importantes pela sua beleza paisagística, pelo seu enquadramento topográfico ou pelas espécies de fauna e flora que aí residem e se desenvolvem, mas também pelos seus espelhos de água que proporcionam a prática de determinadas atividades de lazer, recreio ou desporto (Fig. 14).

As características topográficas e as linhas de água do concelho de Vouzela possibilitam o desenvolvimento de atividades desportivas e de aventura em contacto directo com a natureza. Outra das potencialidades está relacionada com o valor cinegético das linhas de água, que pode ser aproveitado ou dinamizado para a criação de eventos relacionados com a caça ou pesca desportiva.

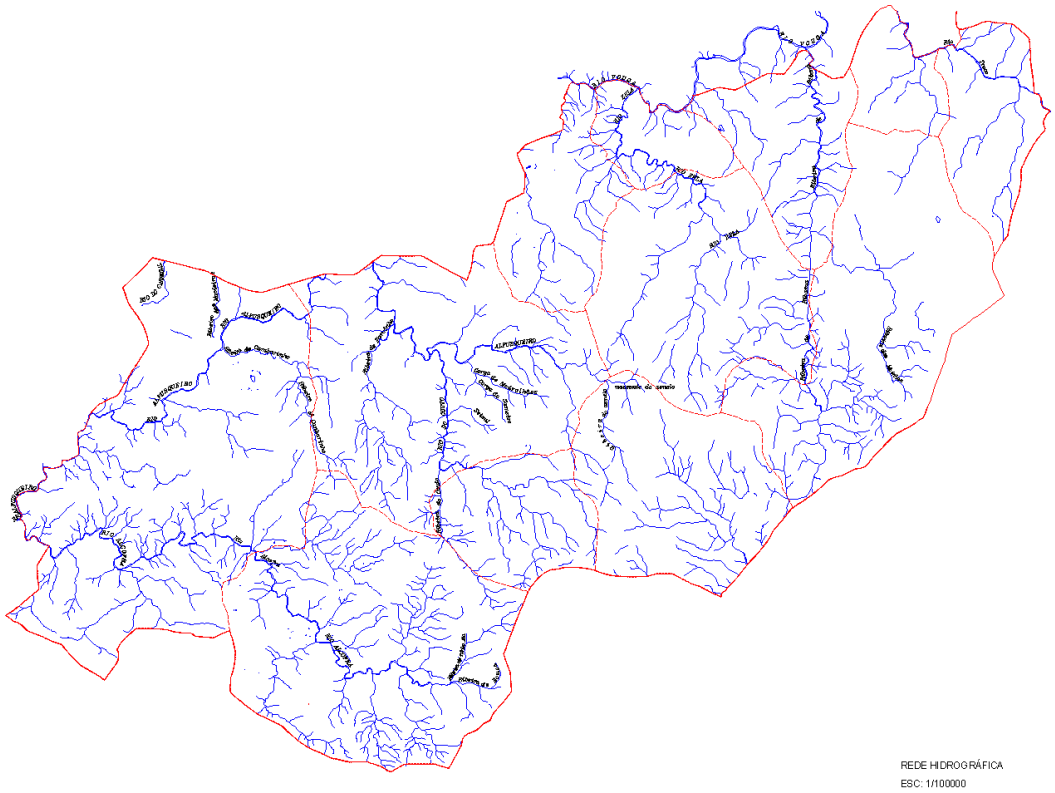


Fig. 13 | Linhas de água do concelho de Vouzela. Fonte: CMV

I.8.2 Recursos Culturais

Os recursos culturais refletem a vivência humana numa determinada região ao longo dos tempos; os usos e costumes das populações locais, seus hábitos e tradições; assim como se traduzem nas construções e nas próprias características dos aglomerados que hoje testemunham outros tempos e outros modos de vida.

O concelho de Vouzela é rico nos usos, costumes e tradições; nas inúmeras manifestações religiosas e populares; na gastronomia variada; nos monumentos megalíticos, estações e vestígios arqueológicos; no património edificado; nos pequenos santuários, locais de peregrinação, igrejas e capelas e por todas as peças de arte sacra a ela pertencentes.

Estes valores devem ser preservados, uma vez que são valores únicos que permitem identificar e diferenciar o território dos outros destinos. Por outro lado, as características próprias do interior do nosso país, e sendo o concelho de Vouzela parte integrante deste, torna-se necessário diferenciar e dinamizar estas especificidades.

I.8.3 Património monumental do concelho de Vouzela

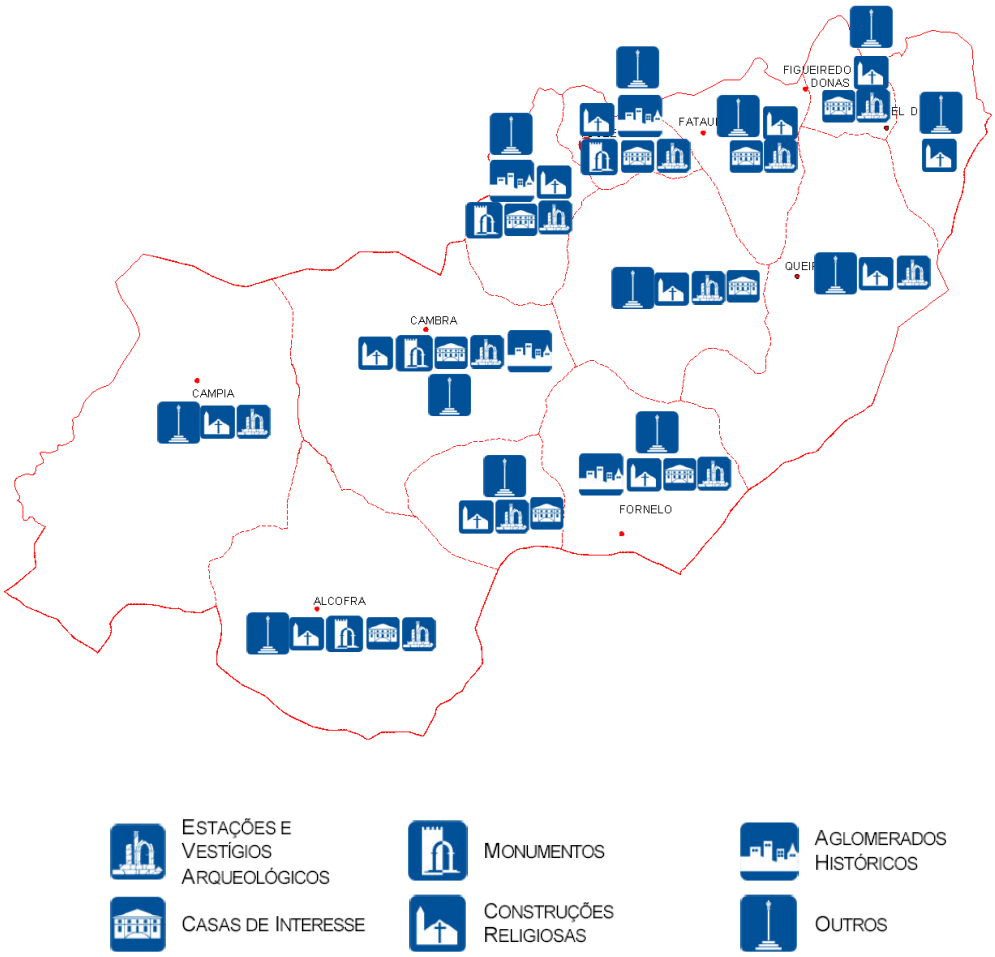


Fig. 14 | Distribuição do património monumental do concelho de Vouzela. Fonte: CMV

Um dos principais tipos de recursos que se podem constatar no concelho diz respeito às construções realizadas pelo homem ao longo da sua vivência. Estas construções podem ser admiradas individualmente pela sua imponência enquanto estrutura de valor histórico, arquitectónico e patrimonial (Fig. 15).

As construções de índole religiosa representam um forte potencial de atração de visitantes, nomeadamente no que diz respeito ao turismo religioso. Este fator está relacionado com a existência de alguns núcleos de peregrinação e santuários, geralmente localizados nos cumes de elevações montanhosas e próximos de espaços naturais importantes. A dinamização deste tipo de espaços pode constituir excelentes áreas de lazer e recreio. O seu aproveitamento para a

criação de percursos, itinerários e rotas surge como uma mais-valia, já que por vezes a sua localização está relacionada com outras atrações naturais importantes (flora, fauna, paisagem, meio rural, etc.).

I.8.4 Património artístico do concelho de Vouzela

Os recursos relacionados com o património artístico são sobretudo, objetos e coleções de arte sacra existentes nas igrejas, capelas e outros templos religiosos; no espólio do museu e nas coleções patentes ao público; nas associações culturais e artísticas que formam núcleos como as bandas de musica, grupos corais e outros grupos de teatro ou artísticos (Fig. 16). Estes últimos são muito importantes não só pela sua existência mas também pelo seu reportório e organização de eventos musicais.

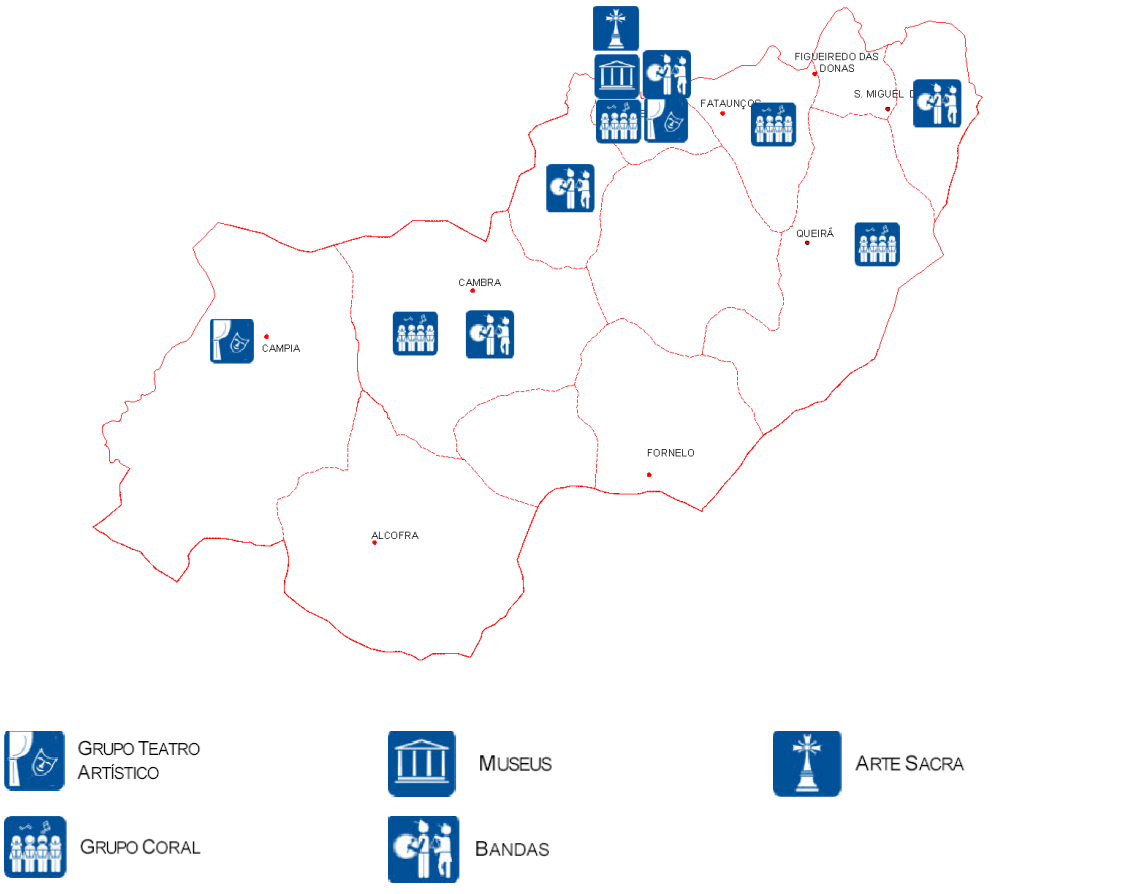


Fig. 15 | Distribuição do património artístico do concelho de Vouzela. Fonte: CMV

I.8.5 Património etnográfico do concelho de Vouzela

Relativamente ao património etnográfico, deve-se salientar a sua existência a vários níveis, nomeadamente ao nível do artesanato, dos trajes regionais e locais, do teatro popular, das festas populares, dos jogos populares e ranchos folclóricos (Fig. 17).

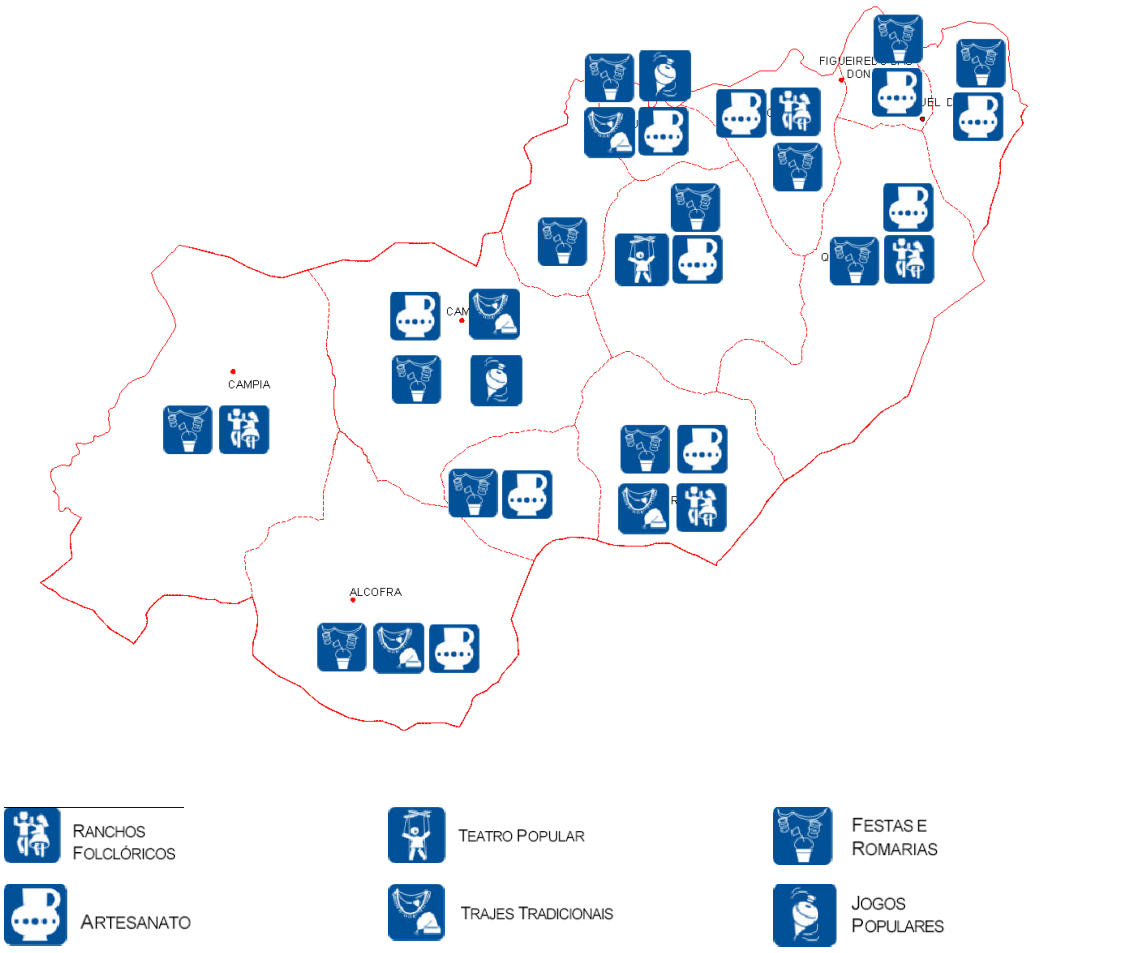


Fig. 16 | Distribuição do património etnográfico do concelho de Vouzela. Fonte: CMV

O artesanato local, devido à sua diversidade e variedade, pode assumir um papel fundamental na promoção e desenvolvimento do turismo, já que assenta em características próprias do concelho. O artesanato poderá criar uma imagem de marca com determinados produtos e artigos produzidos localmente, a sua comercialização, por outro lado, permite introduzir outras fontes de rendimento junto dos artesãos e população local.

Os ranchos folclóricos têm um papel importante na preservação, manutenção e promoção das características etnográficas do concelho, quer junto da população local como dos visitantes. Estes pressupõem o levantamento de músicas e cantigas, de tradições e hábitos da população, apresentando assim, uma exposição da tradição popular.

I.8.6 Alojamento

O concelho de Vouzela apresenta uma capacidade de alojamento insuficiente para o nível de desenvolvimento turístico que se pretende, traduzida num total de 33 camas, às quais se acresce a capacidade do Parque de Campismo (Tabela 6).

Designação do Estabelecimento	Tipologia	N.ª de camas
Casa Museu	Alojamento local	11
Casa Madressilva	Alojamento local	1
Casa de Igarei	TER - Casa de Campo	5
Casa de Fataunços	Turismo de Habitação	10
Paço da Torre de Figueiredo das Donas	Turismo de Habitação	6
Parque de Campismo de Vouzela	P. Campismo e Caravanismo	600 instalações

Tabela 6 | Número de unidades e camas/capacidade por tipologia. Fonte: CMV

Destaca-se a forte capacidade do parque de campismo de Vouzela que permite dar resposta a um segmento de mercado que geralmente não utiliza os outros meios de alojamento por serem mais dispendiosos.

I.8.7 Estabelecimentos de restauração, bebidas e de bebidas com animação

A par do setor do alojamento, a restauração é também importante para o desenvolvimento do turismo de uma região. Um dos principais atrativos do concelho é a própria gastronomia regional, que é rica nos pratos de carne, alguns dos quais sobejamente conhecidos, nomeadamente a "Vitela de Lafões" e nos doces tradicionais´, como os "Pastéis de Vouzela".

A distribuição dos estabelecimentos de bebidas, por freguesias, é desproporcional, uma vez que a sua maioria se concentra nas principais freguesias do concelho (Fig. 18). Relativamente aos estabelecimentos de bebida com animação, normalmente associados à animação nocturna e frequentados por um segmento de população mais jovem, estes surgem também próximos dos centros densamente povoados.

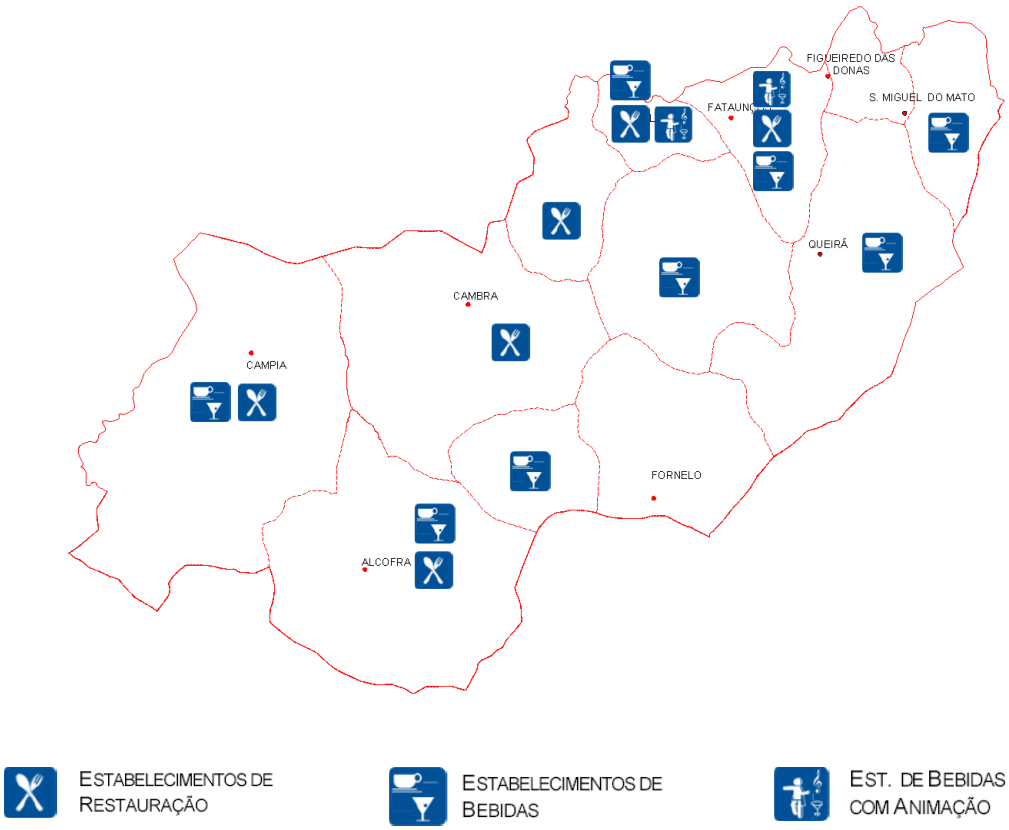


Fig. 17| Mapa da distribuição dos estabelecimentos de restauração, estabelecimentos de bebidas e estabelecimentos de bebidas com animação.
Fonte: CMV

I.8.8 Matriz de avaliação de recursos e equipamentos turísticos

Para que a análise efetuada nos pontos anteriores fosse possível, foi feito um levantamento exaustivo de todos os recursos que exercem ou podem exercer um poder atractivo sobre eventuais visitantes (turistas ou excursionistas), bem como o levantamento de todas as atividades, estruturas e equipamentos que permitem a sua estada (ou prolongamento desta) dentro das suas exigências, satisfazendo as necessidades decorrentes da sua deslocação.

Cada recurso foi analisado segundo duas variáveis (i) o nível de existência de recursos e o (ii) âmbito geográfico de influência desses recursos. A indicação dos diferentes níveis é feita com base numa simbologia de fácil leitura, sendo utilizados os círculos (○) para o nível de existência e os quadrados (□) para o nível do âmbito geográfico. O nível de intensidade de cada variável é representado pela intensidade da cor de cada símbolo, isto é quanto mais escuro o símbolo está apresentado, mais importante esse recurso é.

				Exist. de Recursos	Âmbito Geográfico
Recursos Primários	**Património Natural**	Rios/Ribeiras		●	▣
		Quedas de Água		○	▣
		Praias Fluviais		—	—
		Serras/Vales/Montes		●	▣
		Manchas Florestais		●	▣
		Áreas Proteção da Natureza		○	■
		Espaços Naturais de Recreio e Lazer		⊙	▣
		Miradouros		⊙	□
		Paisagem		●	■
		Albufeiras / Barragens		○	▣
		Fauna Flora		◉	□
		Recursos Piscícolas e Cinegéticos		○	▣
	Património Cultural	**Monumental**	Estações e Vestígios Arqueológicos	◉	▣
			Igrejas/Capelas/Ermidas	●	▣
			Aldeias Típicas / Históricas	⊙	▣
			Palácios/Solares	⊙	▣
			Pelouros/Cruzeiros	○	□
			Torres	⊙	■
			Fontes/Chafarizes/Aquedutos	◉	□
			Casas de Interesse	◉	▣
			Agl. Urb. com Valor Arquitetónico	○	■
			Alminhas	◉	□
		Artístico	Museus	⊙	▣
			Arte sacra	◉	□

			Bandas	⊙	⊡
		Etnográfico	Artesanato	○	⊡
			Ranchos Folclóricos	⊙	⊡
			Trages Locais	○	□
			Festas Cíclicas	●	⊡
		Complementar	Moinhos/Canastros	⊙	⊡
			Pontes	⊙	■
			Parques/Jardins Públicos	○	⊡
	Atividades	Desportivas terrestres		⊙	⊡
		Desportivas aquático		—	—
		Cultural e recreativa		●	⊡
	Equipamentos	**Culturais**	Locais de Peregrinação	●	⊡
			Espaço de Exposição	○	□
			Auditórios	⊙	□
			Bibliotecas	⊙	□
		Desportivos	Courts de Ténis	⊙	□
			Campo de Jogos	●	□
			Pavilhões Multi desportos	⊙	□
			Complexos Desportivos	○	⊡
			Piscinas	○	□
			Zonas de Caça	○	⊡
			Circuitos de Manutenção	○	⊡
		Recreativos e Lazer	Teatros e Sala de Espetáculos	○	⊡
			Espaços de Lazer e Recreio	⊙	□
			Percursos Sinalizados	●	⊡
	Eventos	**Culturais e recreativos**	Celebrações e Festividades Religiosas	●	□
			Feiras e Mercados	●	⊡
			Exposições	○	⊡
			Jogos Desportivos	⊙	⊡
			Festas e Feiras de Animação	⊙	⊡
			Festivais Gastronómicos	⊙	■
		Desportivos	Desportos com bola	●	■
			Desportos de Aventura	⊙	⊡
			Desportos Motorizados	○	□
		Negócios	Feiras e Exposições Especializadas	○	□
Recursos Secundários e Complementares	**Atividades**	**Gastronomia e Vinhos**	Pratos Típicos	●	■
			Doçaria Regional	●	■
			Vinhos	○	■
		Circuitos turísticos/Visitas Guiadas		⊙	■
	Equipamentos	**Turismo**	Cafés, Pastelarias, Gelatarias, etc.	●	□
			Restaurantes	⊙	⊡
			Bares e Pubs	○	□
			Discotecas	—	—
			Estabelecimentos Hoteleiros	—	—
			Turismo em Espaço Rural	○	■
			Alojamento Local	○	■
			Parques de Campismo e Caravanismo	○	■
			Agências de Viagens	—	—
			Rent a Car	—	—

		Transportes	Terminais Rodoviários	⊙	■
			Terminais Ferroviários	—	—
		Infra estruturas/Estradas	Eixos Principais	⊙	■
			Eixos Complementares	●	■
			Eixos Locais	●	▣
		Saúde	Centros de Saúde	◯	▣
			Farmácias	◯	▣
		Segurança	Policia/GNR	⊙	▣
			Bombeiros	⊙	▣

Tabela 7 | Matriz de avaliação de recursos e equipamentos turísticos

I.8.8 Análise SWOT da Oferta Turística

Pontos Fortes	Oportunidades	Pontos fracos	Ameaças
- Diversidade e abundância de recursos turísticos; - Existência de produtos que ainda mantêm as suas características tradicionais; - Importantes espelhos de água e grande extensão de manchas florestais; - Boa qualidade ambiental; - Existência de algumas áreas de proteção da natureza; - Beleza e variedade da paisagem, tanto natural como urbana/construída; - Património arquitetónico e arqueológico abundante e de elevado valor; - Riqueza e variedade do património etnográfico; - Envolvente cultural e patrimonial relevante, nomeadamente ao nível da gastronomia, tradições e artesanato; - Tradição de bem receber da população local; - Nível razoável de oferta de serviços de restauração e similares, garantindo em muitos casos uma gastronomia de características tradicionais.	- Existência de uma gama muito variada de recursos turísticos, capaz de proporcionar a criação de produtos turísticos que mobilizem turistas com interesses muito diversos; - Características culturais e etnográficas de grande valor; - Simpatia e hospitalidade da população local; - Grande potencial de descoberta de algumas áreas, que são ainda desconhecidas da maioria das pessoas; - Ampla variedade e disponibilidade de espaços naturais para a prática de um grande conjunto de atividades, atividades que têm sofrido um crescimento exponencial nos últimos anos; - Grande poder de atração de visitantes para a região exercida pelas Termas de São Pedro do Sul. - Conjugação de sinergias entre vários concelhos.	- Oferta insuficiente de espetáculos e de exposições; - Fraca capacidade de alojamento; - Sinalética deficiente, em termos de sinalização turística viária e de identificação dos recursos; - Falta de dinamização empresarial; - Insuficiência no âmbito da formação profissional; - Recursos humanos pouco qualificados; - Fraca projeção da imagem da Vouzela junto dos mercados; - Deficiente divulgação e promoção externa.	- Degradação do património histórico e ambiental; - Desertificação de algumas áreas mais rurais e envelhecimento das estruturas demográficas; - Mau estado de conservação e uso inadequado do património construído; - Incêndios florestais; - Introdução de espécies florestais não autóctones; - Poluição de algumas linhas de água; - Deficiente ou insuficiente promoção e marketing; - Falta de capacidade de iniciativa dos agentes locais para atividades de animação.

Tabela 8 | Análise SWOT da Oferta Turística

Da análise dos recursos existentes constata-se que a maior concentração de recursos, ao nível do património natural, se verifica essencialmente na paisagem, natureza e linhas de água.

Relativamente ao património cultural há a destacar o património monumental, já que se verifica a existência no território de várias construções de interesse relevante, como sejam os edifícios religiosos, as casas de interesse e diversos vestígios arqueológicos. Relativamente aos recursos secundários, destaca-se a necessidade de criar novas unidades de alojamento no concelho de Vouzela.

Os eventos e celebrações de cariz religioso, as festas populares e romarias, são também abundantes em todo o território. No que diz respeito ao âmbito e grau de atração que cada tipo de recurso exerce, há no entanto a salientar a existência de alguns recursos com um poder de atração regional, nacional ou mesmo internacional.

Deste modo os recursos mais importantes, tendo em conta este tipo de análise, centram-se no património natural no património monumental construído e nas celebrações e festividades religiosas. A forte presença destes recursos permite dinamizar e apostar no desenvolvimento de um tipo de turismo associado a estes recursos, nomeadamente o turismo religioso.

II. Turismo Religioso: religião ou espiritualismo

Ao longo dos tempos, milhões de pessoas, de várias religiões, percorreram caminhos até alcançar um território sagrado. A World Religious Association (2011) estima que as viagens motivadas pela religião chegam a atingir as 300 milhões por ano, o que espelha bem a dimensão mundial do turismo religioso.

O fenómeno destas deslocações é de tal forma importante para países como a Espanha, França, Itália, Israel, Arábia Saudita, Índia e o Nepal, que levam, em muitos casos, a uma dependência económica deste tipo de turismo. De acordo com Timothy (2011), em 2007, o número de turistas em Israel foi de 2,27 milhões, dos quais, 44% eram judeus e 23% foram considerados peregrinos (Central Bureau of Statistics, 2008). Já na Arábia saudita, são milhões de peregrinos que circundam a Kaaba, em Meca. O mesmo autor, fazendo referência ao Ministério da Cultura e Turismo Indiano, indica que as viagens de caráter religioso atingiram as 100 milhões. Ao nível local e regional, Lourdes, França; Fátima, Portugal; Santiago de Compostela, Espanha; Roma, Itália, tornaram-se em importantes destinos de turismo religioso para os mais de 1.1 biliões de católicos.

II.1 A Peregrinação

Na Religião Cristã, a peregrinação faz-se a lugares sagrados, por terem sido percorridos por Jesus, para o culto de relíquias ou culto de santos (Otero, 2009). As peregrinações nem sempre foram feitas por iniciativa própria, como refere Militzer (2008), uma vez que estas eram usadas como forma de expiar delitos, para pagar crimes. No entanto não deixavam de estar relacionadas com a religiosidade, uma vez que o criminoso seria sentenciado por Deus, ao longo do caminho, face aos perigos que enfrentaria.

Para Secall (2009), uma das formas utilizadas pelo homem para tentar alcançar o equilíbrio foi, desde sempre, caminhar. Segundo o mesmo autor, a peregrinação é uma viagem em direção ao sagrado, que acaba por se converter numa viagem turística-religiosa.

Segundo Olsen, (2006) pode-se definir a peregrinação como uma visita ou viagem organizada com motivos religiosos a um lugar sagrado onde se pratica rituais religiosos. A peregrinação é geralmente caracterizada por uma viagem a um lugar que proporciona o encontro com o divino.

Foi a partir do sagrado, enquanto centro, que os primitivos traçaram e organizaram o mundo, estabelecendo uma fronteira artificial, separando as dimensões do sagrado e do profano (Reis & Pissarra, 1999). A atração e, ao mesmo tempo, o temor que o Religioso suscita, fazem com que o Homem organize o mundo de determinado modo, traçando fronteiras no espaço e assinalando o que é permitido e proibido praticar para mais próximo se estar do sagrado.

Em alturas em que o medo invade o pensamento humano e a preparação para a morte é considerada como essencial enquanto se vive, esta luta pela salvação da alma é vista como tendo como único meio, as "armas" que a Igreja oferece. A meditação, o arrependimento, e as orações nem sempre bastam para os mais supersticiosos ou crentes. Assim surgem práticas como as invocações e amuletos que aparecem sob novas formas. As imagens são elevadas à categoria de símbolos religiosos, passando a bastar a sua veneração para se obter proteção.

Rosendahl (2003) considera que o centro de peregrinação é constituído por dois espaços: um primeiro, sagrado, onde a sacralidade é máxima e o material tem uma grande carga simbólica; e o espaço profano, em torno do espaço sagrado, com elementos sem sacralidade. Em termos práticos, consideramos que o espaço sagrado coincidirá com o espaço da adoração e das práticas, e o espaço profano o envolvente, onde o comércio religioso pode ser um bom exemplo.

Para Caillois (1979) o profano refere-se ao que é de uso e contacto comum, que não exige cuidado respeitoso, enquanto o sagrado aparece como algo inalcançável, perante o qual o Homem se sente impotente, respeitoso e por isso a adoração acontece.

Na realidade, peregrinação deriva do latim *"per agros"*, "pelo campo", enquanto peregrino provém do latim *"peregrinus"*, "forasteiro ou caminhante", a pessoa que se desloca ao lugar sagrado, para cumprir promessas ou pedidos anteriormente feitos a deuses ou santos, enquanto penitência pelos pecados ou de agradecimento pela resposta aos seus pedidos. De acordo com Santos (2006), a peregrinação é um tipo de deslocação no espaço físico, marcado por percursos

bastante longos, e cujas motivações estão ligadas a uma natureza espiritual e um empenhamento religioso.

Gil e Rodrigues (2000) referem Dante, na sua obra *"Vita Nuova"*, onde o peregrino tem um significado particular. A peregrinação é a forma de o Homem, enquanto usufrui do seu tempo na Terra, prestar provas para, depois da morte, poder aceder ao Paraíso. Para Dante, o Peregrino é antes de mais um estrangeiro que está de passagem até alcançar o território sagrado. Esta mobilidade simboliza então o caráter transitório da própria vida, a necessidade de desapego face ao terreno e a aspiração a um estádio superior.

Como metáfora da própria vida ideal, em busca da perfeição e da superioridade moral, a peregrinação procura a imagem do homem santificado. Para o alcançar, o caminho é penoso, cheio de provas de resistência tanto física como psicológica, algo que exige grande esforço e perseverança para concluir. Dante refere ainda que a peregrinação, quando comparada aos rituais de iniciação, corresponde à procura e seguimento do exemplo do mestre escolhido, do guia espiritual e da aproximação com este, enquanto o peregrino, é aquele que percorre um caminho até ao lugar sagrado, ao mesmo tempo que procura paz espiritual, o reencontro com o seu Eu, o caminho interior.

Na perspetiva de Secall (2009), o perfil do peregrino sofreu transformações ao longo dos tempos. No entanto é interessante a classificação que Dante também apresenta sobre os peregrinos. Para este autor, podemos tratar os peregrinos em sentido amplo, abrangendo todos aqueles que se movem geograficamente em busca da casa do sagrado. Por outro lado, Dante distingue sob um aspeto mais restrito e apresenta três sujeitos das peregrinações cristãs. Aqueles que caminhavam rumo à Palestina eram chamados de Palmeiros; os Peregrinos são aqueles que procuram Santiago de Compostela, uma vez que este foi o Apóstolo que mais longe da sua pátria foi sepultado; e os Romeiros são aqueles que vão a Roma.

Já Mendes (2009) apresenta no seu estudo os tipos de peregrinos a Santiago reconhecidos pela "*Federación Española de Asociaciones de Amigos del Camino de Santiago*", definindo seis tipos. O primeiro deles é o peregrino que procura realizar a peregrinação em solidão e por isso afasta-se de outras pessoas, que classifica como o "anti-social". Descreve também o peregrino "místico

ou peregrino Paulo Coelho", como aquele que tem como motivações, e procura durante a peregrinação, as experiências místicas e transcendentais. O "boémio" é aquele que encara a peregrinação como uma grande festa, enquanto o "turigrino" é o turista que se faz passar por peregrino. A nível individual existe também o "maratonista" que realiza a peregrinação o mais rápido possível, e o "veterano", que é aquele que já conhece perfeitamente o caminho, por já o ter feito inúmeras vezes. A nível coletivo, Mendes (2009) encontra os "grupos de jovens com padre" que pretendem "converter" os outros peregrinos através de cânticos e orações.

No caso particular de Santiago de Compostela, desde a década de 70 que se considera peregrino aquele que seguindo um caminho reconhecido, percorre pelo menos 100 km do percurso com motivação cristã, espiritual ou religiosa. Em alternativa, usando a bicicleta ou o cavalo, terão de percorrer o mínimo de 200km. Sobre a peregrinação a Santiago, Cuevas (s.d) afirma que os peregrinos da época medieval cumpriam as peregrinações por devoção, em pedidos relacionados com saúde ou perdão, como ação de graças, em nome de outro que não a podia fazer, ou por castigos, tendo em vista a absolvição dos pecados. O sacrifício da peregrinação incluía, além de todo o esforço físico, o afastamento do lar, os pequenos confortos, o jejum, os perigos diversos que tinham de enfrentar, acontecendo várias vezes, não regressar. Os vários perigos que se lhes apresentavam eram suficientes para pôr em causa a segurança do peregrino, desde os acidentes, doenças, assaltos, e mesmo ataques de animais.

No entanto, os peregrinos contemporâneos parecem afastar-se das anteriores conceções. São vários os autores que consideram que, nomeadamente no caso dos peregrinos de Santiago, tanto a forma de peregrinar, como as próprias motivações mudaram, e que hoje em dia se deve considerar que existem várias modalidades de peregrinação. As peregrinações, ao invés de realizadas por vontade individual, são integradas em grupos ou associações que promovem as peregrinações em grupo, normalmente com carros de apoio, alojamento reservado e outras facilidades relacionadas com novos equipamentos, que facilitam a caminhada.

Face à crise das instituições religiosas tradicionais, os peregrinos parecem afastar-se do conceito religioso e aproximar-se do espiritual. Desde sempre que as preocupações do homem estiveram relacionadas com a sua própria sobrevivência mas, além disto, este tem necessidade de ultrapassar a dimensão terrena da vida. O sentimento de incerteza, de angústia, dos desejos

impossíveis de concretizar, da sua morte e da finitude dos seus próximos, leva o indivíduo para além do limite do quotidiano. Por isto, constrói universos paralelos, como os dos mitos, dos rituais, da magia, do sagrado e do religioso, onde consegue encontrar alguma segurança e paz de espírito.

É consensual que a peregrinação a Santiago difere de outras peregrinações, uma vez que a devoção e a peregrinação não são controladas totalmente pela Igreja. O peregrino tem uma liberdade espiritual ao longo do percurso, sendo o próprio caminho o espaço sagrado, com os próprios símbolos, as experiências mais ou menos solitárias, o contacto com o desconhecido, e o afastamento do quotidiano, marcado pelo tempo de trabalho, as responsabilidades e a sociedade.

O campo espiritual é o conceito que melhor conseguimos aplicar entre o Religioso e o Profano, tal como refere Calvelli (2006), que estabelece a espiritualidade como algo que fica entre o religioso e o turístico, conceito muito utilizado pelos peregrinos a Santiago. O espiritual permite um afastamento da instituição religiosa sem, no entanto, desrespeitar o seu espaço.

Se considerarmos o caso específico do Caminho de Santiago, Solla (s.d), defende que o conceito de espiritualidade é o que melhor se aplica, uma vez que quem faz esta peregrinação, mais do que religião, procura percorrer um caminho em busca do Eu, do espiritual, através da peregrinação sagrada. Além disso, um número considerável daqueles que percorrem o caminho, fazem-no associado a um desporto, ou para usufruir dos lugares longe do caos do quotidiano. Segundo Baptista (1997), este novo tipo de turista, que procura o espiritual, tem como propósito (re)estruturar ou (re)afirmar o seu sistema de valores e, consequentemente, atingir um plano espiritual que lhe era desconhecido ou estava incompleto.

II.2 A Peregrinação e o Turismo

"O turismo religioso é o parente mais pobre, mais antigo e mais consistente de toda a família turística." (Guerra, 1989: 13)

O turismo religioso descreve-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados com as religiões institucionalizadas, trata-se de um fenómeno que provoca muitas deslocações a nível mundial.

Pode dizer-se que o turismo contribui para o desenvolvimento dos valores espirituais e deve ser considerado como um fator de restauração da personalidade e dignidade humana. O tempo na religião e na vida profana divide-se, genericamente, em dois. Na religião existe o tempo sagrado, dedicado aos atos religiosos ou rituais, e o tempo profano. A vida profana divide-se em tempo de trabalho e em tempo de lazer. Tanto no tempo e espaço sagrado, como no tempo e espaço de lazer, o homem procura o equilíbrio, tenta encontrar forças e conhecimento, para mais um período profano de trabalho (Secall 2009). No turismo, corpo e espírito humano restabelecem-se da fadiga do trabalho e do ritmo quotidiano da vida. O homem reafirma a sua necessidade vital de liberdade e movimento, e estabelece relações interpessoais num contexto de serenidade particular, de maior confiança e disponibilidade para o reencontro e o diálogo consigo mesmo.

Como refere Secall (2009), a origem do turismo religioso encontra-se nas deslocações feitas com intuito religioso para celebrar episódios litúrgicos relacionados com os ciclos agrícolas. No entanto, não pode ser considerado como qualquer outra atividade turística devido ao seu intrínseco cariz espiritual.

Para Steil (1998), citado por Silveira (2004) o turismo religioso acontece quando o sagrado é transportado para um ambiente quotidiano e intimamente ligado ao lazer, às festividades e ao consumo, mas sem deixar de ser espiritual. No entanto, devemos salvaguardar considerações contrárias de Eade e Sallnow (1991) citado por Secall (2009), que consideram que não é na peregrinação que o indivíduo encontra Deus, tendo em conta que existem distratores durante a viagem que impedem o caráter sagrado a que inicialmente a peregrinação está associada. Deste modo, são as necessidades humanas, das mais antigas às atuais, que fazem surgir o Turismo

Religioso de fé ou de ordem profana, podendo assim dizer-se que este segmento de turismo abarca tanto as deslocações por motivos primordialmente ligados à fé como outras.

Apesar das várias teses, opiniões e posições sobre as vantagens e desvantagens, bem como as suas funções e consequências, consideramos que o Turismo não é uma simples evasão ou distração unicamente para romper com a monotonia de uma vida de trabalho. É um fator de solidariedade do homem com o homem e universos, envolvendo os processos de hospitalidade, já que permite um contacto direto do homem com a natureza e com culturas diferentes da sua, contribuindo para a promoção dos valores dos recursos naturais e culturais.

Inserido no "Turismo Cultural", o "Turismo Espiritual**"** é visto como um meio de evasão ou fuga do mundo real, ou seja, é um tipo de turismo adotado por um grupo de indivíduos cujo motivo da deslocação é a procura incessante pela paz espiritual e renovação de valores. Baptista (1997) alega que a cultura, na ótica religiosa, incentiva o indivíduo, através do contacto com novos costumes, hábitos e tradições, a reformular o seu modo de ver e interpretar o mundo exterior, adotando e praticando novos valores, a fim de alcançar um plano espiritual superior.

Guerra (1989) aponta também o "Turismo em Lugares Religiosos" e o "Turismo de Objetos Religiosos", definições próximas do "Turismo Cultural", uma vez que o seu objetivo não é conhecer o objeto religioso como tal, mas enquanto resultado da cultura e tradição do homem. Para o mesmo autor, estes objetos são responsáveis por atrair grande parte do turismo profano, tendo um lugar muito importante no que respeita ao "Turismo Cultural". Exemplos destes objetos são as grandes construções religiosas, desde as igrejas, mosteiros, templos, pirâmides, ruínas, entre muitos outros. A importância das construções religiosas foi desde sempre de tal ordem que, aquando das disputas territoriais, normalmente não eram destruídas. Além disto, estas construções e os objetos de religião eram autênticos tesouros, uma vez que aquilo que os homens ofereciam aos deuses era normalmente o que de melhor tinham, na esperança de estes responderem na mesma medida às suas preces.

Parece então que o Homem não consegue fugir ao misterioso, nem deixar de tentar dar sentido à sua vida. Verifica-se isto pelo contínuo interesse do homem pela atitude constante de admiração pelo Universo e pela sua ordem, o permanente desejo de o compreender e explicar, o

recurso ao invisível, ao escondido, ao oculto para explicar o visível e o vivido, e a experiência frente a forças que não consegue explicar (Reis e Pissarra, 1999).

Quando pensamos nos sujeitos do Turismo Religioso conseguimos distinguir aqueles que se aproximam mais do sagrado e aqueles que o praticam visando também o contacto com o profano, isto é, o peregrino e o turista. Segundo Santos (2006), que distinguiu e caracterizou estes sujeitos dos territórios espirituais ou religiosos, considera que a distinção percebe-se desde o modo como se desloca: enquanto o Turista tem a sua viagem organizada, normalmente por agências de viagens ou organismos religiosos, o Peregrino desloca-se de forma mais livre, auto-organiza a sua viagem, sem estar ligada ao mercado turístico. Também as suas motivações são diferentes: enquanto o Peregrino, auxiliando-se de elementos de caráter espiritual, vivencia o divino pela fé; o Turista usufrui de uma experiência mais estética e intelectual dos elementos presentes no espaço sagrado ou mesmo do património, desde as características históricas, culturais, simbólicas e arquitetónicas.

O que há em comum entre os dois, é o facto de as suas deslocações serem voluntárias e delimitadas por um período de tempo, o facto de gerarem fluxos e usarem as mesmas vias para chegar ao lugar sagrado, terem associada a atração por lugares com estatuto simbólico e contribuírem para as questões económicas, demográficas e urbanísticas. No entanto, a mesma autora refere que, pela dificuldade de estabelecer com segurança definições lineares, também é assumida a possibilidade de troca de posições ao longo da viagem, de acordo com a sua vivência experimental do espiritual, bem como de uma posição intermédia.

Independentemente do tipo de caracterização ou tipologia que possa ser atribuída ao indivíduo, toda a peregrinação tem, como impulsionadores, razões, objetivos e motivos que estão na base da escolha desta deslocação. Estas motivações, pelo seu cariz individual e a própria dimensão da crença, são muito variáveis e podem ter diversos significados.

Tendo em conta que associado às peregrinações está uma deslocação, uma viagem, o uso de transportes e serviços de hotelaria e restauração, a proximidade com o turismo é alvo de discussões sob vários pontos de vista na sua relação com as peregrinações. Maak (2009:155) descreve a problemática de peregrinos e turistas da seguinte forma: “Nem todos os peregrino

são turistas, nem todos os turistas são peregrinos". Muitas vezes a diferenciação entre os dois é baseada na intensidade das vivências e nas motivações no que respeita à viagem.

Segundo Timothy (2011), são vários os investigadores que tentaram definir a relação entre religião/peregrinação e o turismo e o peregrino e o turista. Alguns investigadores afirmam que os peregrinos não são turistas porque a sua principal motivação é religiosa, em oposição, a motivação do turista é o lazer. Timothy (2011) afirma que esta tese é errada e reflete a confusão perante o conceito de turista.

Segundo a Organização Mundial do Turismo, os peregrinos são turistas porque se deslocam para outro lugar que não a sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com motivações várias, do lazer, saúde, religião, negócios e outros. Os turistas não são definidos pelas suas motivações e atividades. As pessoas que viajam em negócios ou para assistir a um evento desportivo, ou mesmo, em peregrinação, são, de uma forma ou outra, turistas. (Timothy, 2011)

De acordo com o mesmo autor e, independentemente deste debate conceptual, podemos distinguir o turista religioso e o peregrino numa escala de religiosidade ou de fé na sua visita aos locais sagrados. O mais religioso ou piedoso é, sem dúvida, o verdadeiro peregrino que viaja pela sua fé, num esforço para demonstrar a sua devoção perante Deus. Normalmente, esta viagem é realizada em grande dificuldade e sofrimento, a locais ou a um determinado evento, que o peregrino considera extremamente sagrado, ignorando, em muitos casos, todo o aspeto comercial do turismo. No lado oposto, situa-se o curioso turista cultural, ou o "turista secular" (Fig. 18), que visita o local sagrado apenas como uma paragem num predefinido itinerário. Este "turista secular" visita os locais sagrados por curiosidade ou por interesse cultural.

Fig. 18 | Escala de religiosidade nos locais sagrados. Fonte: Smith (1992)

Entre estes dois opostos, situa-se o viajante que pode ser peregrino, mas também viajante que participa em diversas atividades de lazer.

No mesmo seguimento, Smith (1992) citado por Rosendahl (2003), caracteriza os peregrinos em cinco tipos:

1) Peregrino Piedoso;
2) Peregrino (mais peregrino que turista);
3) Peregrino-Turista (tanto peregrino como turista);
4) Turista Peregrino (mais turista que peregrino);
5) Turista secular.

Do mesmo modo que tem, como impulsionadores, motivações, o Turismo Religioso tem a si associados impactos a vários níveis. Economicamente, os resultados dependerão diretamente da afluência dos turistas religiosos, uma vez que utilizam equipamentos hoteleiros, restauração e outros, ao longo do percurso. Ao nível do território e da paisagem, temos de ter em consideração que o território é o espelho das ações humanas, nomeadamente nas suas representações. O território abrange tanto a componente natural como a política e a social, uma vez que estes são elementos que organizam e moldam o território. Todos aqueles que viajam nos caminhos religiosos ou espirituais estabelecem contacto com este mesmo território e com os seus elementos. Também na esfera social a dimensão da religião é inegável. As construções religiosas, os modos de vida, até o próprio calendário, são sempre influenciados por uma ordem religiosa.

Em suma, nos Caminhos encontra-se uma pluralidade de discursos religiosos, seculares e políticos, bem como aí reúnem, num único espaço, agentes sociais, religiosos e não religiosos (Calvelli, 2006).

Por outro lado, Rosendahl (2003) considera três dimensões do território religioso: a "dimensão económica", que diz respeito à mercantilização dos lugares e bens simbólicos; a "dimensão política", no contexto do carácter político da religião; e a "dimensão do lugar simbólico", incidindo na diversidade e na difusão da fé, bem como das religiões que se vêm a desenvolver nos últimos

tempos. Neste sentido, podemos concluir que a religião modela o espaço. Para a mesma autora, a territorialidade religiosa resulta das práticas tomadas com intenção de controlar determinado território. É um território simbólico, onde se vivenciam experiências espirituais e de fé. A autora sugere ainda que o espaço sagrado é um espaço onde se conjugam forças e valores, e que permite ao homem sentir-se numa esfera diferente, espiritual.

Tanto nos continentes do Oriente como nos continentes do Ocidente, os deslocamentos territoriais e as catástrofes civilizacionais aconteceram simultaneamente. Os fluxos migratórios são impulsionados por fatores diversos e podem ocorrer isoladamente ou em combinações múltiplas. Alguns deles são de origem física, como as longas estiagens ou as inundações, as oscilações climáticas e terramotos. Outras deslocações decorrem de factos relativos à organização social, política e económica, pestes e o consequente medo de contaminação. Também as perseguições étnicas, religiosas, ideológicas, morais e a procura de liberdade têm vindo, ao longo da história, a despoletar as deslocações de grupos sociais e mesmo individuais. A esse conjunto de fatores objetivos, somam-se, por vezes, o desejo de aventura, a busca pelo novo, a atração pelo desconhecido, a procura de outras possibilidades, potencializados pelo desencanto do que foi vivido, e, por outro lado, pela imaginação criadora, pelo sonho e pela fantasia.

II.3 As grandes peregrinações no mundo

As movimentações pela Terra, na procura pelo sagrado com vista à adoração, consulta, festejo ou simples conhecimento, vêm já de há muitos séculos. As antigas peregrinações Gregas tinham como destino a Panatenéia, de Acrópolis até ao Partenon, para trocar o traje da estátua de ouro e marfim de Atenas, por outro (Coleman; Elsner, citado por Calvelli 2006).

Em 776 a. C., associado aos Jogos Olímpicos, as pessoas visitavam as cidades gregas, pela fama de curas sobrenaturais e pelos Oráculos, como era o caso das peregrinações ao Oráculo Sagrado de Apólo, na região de Delfos. Segundo alguns autores, foi a *Odisseia* de Homero que influenciou a ideia de peregrinação no Ocidente.

Atualmente, os principais centros de peregrinação cristã são Jerusalém, Roma, Lourdes, Fátima e Santiago de Compostela. No entanto devemos ressalvar que, desde a fundação do Cristianismo no Continente Americano, ainda devemos destacar Guadalupe (no México), Aparecida (no Brasil) e Luján (na Argentina) (Guerra, 1989).

Segundo a tipologia destes lugares religiosos, apontada por Kong (citada por Santos, 2006), estes podem, como primeiro tipo, ser santificados em resultado de decisões não religiosas que, nesse sentido, foram tomadas para a respetiva localização, como é o caso dos cemitérios muçulmanos ou cristãos. Um segundo tipo de lugares sagrados são aqueles lugares de manifestações tidas como sobrenaturais ou de ligação a acontecimentos importantes na História de determinada Religião. Um terceiro tipo diz respeito aos lugares cuja sacralidade está ligada à especificidade de características topográficas particulares, tais como os cumes das montanhas e o cruzamento de rios. Uma última tipologia diz respeito aos lugares cuja localização é vista como correspondente a um ordenamento cosmológico, respondendo a uma organização espacial em harmonia com determinadas conceções do universo.

Por todo o mundo existem territórios de religiosidade ou espiritualidade, com importância e significados diferentes. Um dos principais recetores da procura religiosa é Meca (Fig. 18), símbolo do islamismo, e visitada por milhares de fiéis que, pelo menos fazem uma vez na sua vida, a chamada Peregrinação Hajj.

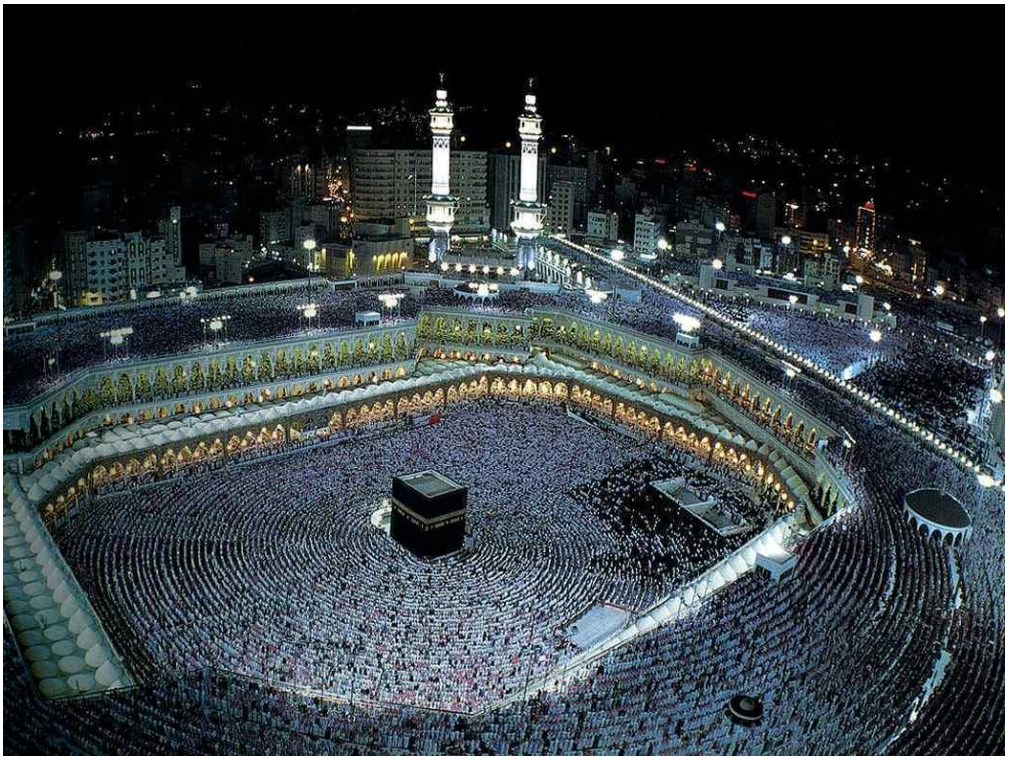


Fig. 19 | Meca.

Meca é a cidade natal do profeta Maomé e, por esta razão, torna-se a cidade mais sagrada do Mundo islâmico. Sem dúvida, impera o poder de construção da mesquita, na sua riqueza e beleza. Os peregrinos percorrem o itinerário para serem abençoados por Alá.

A Montanha Shri Pada, também chamada de "Montanha Sagrada", "Cume de Shiva", "Santa Helena" ou "Monte de Adão", em Sri Lanka é visitada por milhares de fiéis de diferentes religiões, como o Hinduísmo, Budismo e Islamismo. Neste caso, o que motiva os fiéis não é a adoração no espaço construído pelo homem, mas a peregrinação ao topo da montanha, que dura várias horas, onde contactam com a Natureza. Consoante a Religião, no topo da montanha, os crentes acreditam que está a pegada de Adão, Buda, Shiva ou São Tomé. Neste ambiente, o mais sagrado é a Natureza, neste caso, a montanha, o lugar mais próximo do céu.

Fig. 20 | Montanha Shri Pada.

Na Índia, a religião também está ligada ao natural. No cruzamento dos rios Ganges e Yamuna (Fig. 20), milhões de crentes do hinduístas cumprem o ritual de lavagem dos pecados, a fim de alcançar a purificação e salvação das suas almas, através da purificação pela água do rio mais sagrado do mundo, que nasce nas montanhas dos Himalaias. Segundo Patrocínio (2005: 64) "O simbolismo aquático apelava às qualidades regenerativas e curativas de Natureza, no próprio enquadramento das crenças num ciclo de renascimento ou revivescência".

Fig. 21 | Rio Ganges.

O berço do Cristianismo, Sião, Cidade de David ou Jerusalém, tem uma grande importância também para o Judaísmo e para o Islamismo. Para o Judaísmo, é no Muro das Lamentações (Fig. 21) que se lembra a destruição dos templos. Para o Islamismo, esta é a terceira cidade mais sagrada, por se associar aos profetas do monoteísmo. Para o Cristianismo, é o local onde Jesus viveu os seus últimos dias antes de ser crucificado. Tanto a cidade como as suas muralhas foram nomeadas pela UNESCO, Património Mundial da Humanidade, em 1981.

Fig. 22| Muro das Lamentações.

Roma, conhecida como a Cidade Eterna, alberga a residência oficial do Papa, sendo desta forma a capital do Cristianismo (Fúster, 1997). A Peregrinação ao Vaticano acolhe milhares fiéis por ano (Fig. 22). Aqui, além do Palácio, pode-se encontrar um vasto património de cariz religioso, destacando-se a Basílica de São Pedro, a Capela Sistina, o Museu do Vaticano, a Praça de São Pedro e a Arquibasílica de São João Latrão. Por todos estes motivos, é um dos centros de maior peregrinação.

Fig. 23 | Vaticano.

Na Grã-Bretanha podemos encontrar um rico património arquitetónico de cariz religioso, que vai desde Liverpool (com a sua Catedral Anglicana), Salisbury (com o monumento neolítico Stonehenge Fig. 23), Canterbury e Rochester (com as Igrejas de Santo Tomás Moro e Nossa Senhora de Walsingham, Lincoln e York), entre outros. (Fúster, 1997)

Fig. 24 | Stonehenge.

Desprovida de grandes monumentos religiosos, a Irlanda assume um caráter profundamente cristão. As peregrinações aqui realizadas focam o seu interesse em lugares sagrados onde apenas se podem observar menires, cruzes de pedra e torres redondas. Em Knock (Fig. 24), reúnem-se anualmente cerca de 200 mil peregrinos onde ocorreu uma aparição em 1879.

Fig. 25 | Knock.

A Alemanha, cristianizada pelo Santo Britânico, São Bonifácio, tem em Frankfurt um dos mais imponentes santuários religiosos, mais concretamente na cidade de Fulda (Fig. 25). Outro grande foco de atração é a cidade de Aachen, onde se coroavam os imperadores do Império Sacro Romano

Fig. 26 | Catedral de S. Bonifácio.

Por sua vez, a Áustria é considerada como um dos grandes centros culturais e religiosos. A capital do antigo império austro-húngaro possui um vasto património arquitetónico de cariz religioso, de que são exemplos representativos a Catedral de San Esteban (Fig. 26), a Cripta onde se situa o Panteão da família Real Habsburgos, a Karlskirche de São Carlos Borromeu, entre outros.

Fig. 27 | Catedral de San Esteban.

Em França, a principal atração religiosa é Lourdes (Fig. 27). Este centro, que acolhe cerca de 6 milhões de peregrinos ao ano, faz parte do circuito de peregrinações que envolve os locais santos respeitantes à Virgem Maria, sendo um dos centros de peregrinação mais procurados na atualidade. Podemos também considerar Paris como um centro religioso e arquitetónico, uma vez que aqui se encontram importantes catedrais e igrejas, sendo elas, a Catedral de Notre Dame, a Saint Chapelle, o Sacré-Couer, a Abadia de Saint Denis, entre outros.

Fig. 28 | Lourdes.

No nosso país, é em Fátima que se encontra o principal núcleo da Fé Cristã, onde se pode encontrar o Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Fig. 28). Após as aparições na Cova da Iria em 1917, tem-se observado um crescente fluxo de peregrinos do território nacional e internacional. Contudo, o Mosteiro dos Jerónimos, o Mosteiro de Alcobaça e o Santuário do Bom Jesus são também lugares de práticas religiosas no país.

Fig. 29 | Fàtima: Fonte: Região Turismo Leiria/Fatima

Os Caminhos de Santiago são considerados, desde a Idade Média, uma das principais vias de transmissão de correntes, ideias e valores. São detentores de uma forte vertente cultural e religiosa, que dão a conhecer, numa perspetiva religiosa, o processo histórico e artístico das Comunidades Autónomas de Navarra, La Rioja, Castela e Galiza, nos seus territórios correspondentes. Em geral, em Espanha, alguns dos exemplos mais representativos da dimensão religiosa existente, são as igrejas e sinagogas das aldeias típicas, o Vale dos Caídos e o El Escorial, em Madrid, a Catedral de Toledo, e Santiago de Compostela (Gomes E Quijano,1992). Fig. 29

Fig. 30 | Santiago de Compostela.

Consideramos importante destacar um outro tipo de peregrinação que tem vindo a acontecer na sociedade contemporânea. Têm sido tornados locais de peregrinação túmulos de artistas desde poetas, músicos, casas de personalidades importantes, locais de culto e homenagem. É de referir que, além das peregrinações guiadas por uma motivação religiosa, espiritual e mística, consideramos que surgem peregrinações de cariz ideológico, relacionado com os heróis e personalidades que de algum modo se destacam. A legião de fãs acaba por se comportar de forma próxima aos peregrinos, percorrendo piamente os caminhos, fazendo a visita e deixando oferendas. O tipo e o modo das peregrinações mudam, e o turismo deve estar a par e preparado para isso, para que, da melhor forma, responda às necessidades dos visitantes.

Apresentadas as características gerais das deslocações por motivos religiosos, como são as peregrinações no mundo, avançaremos para o estudo particular das peregrinações a Santiago de Compostela.

III. Caminho de Santiago – A origem

Independentemente do tipo de religião, animismo, politeísmo, monoteísmo, monolatria, panteísmo, o homem está submisso às leis divinas, buscando sempre a harmonia. Ao mesmo tempo, a religião tem também grande importância, tanto na vida social como política, em qualquer região do mundo. Sobre este assunto trata Rosendahl (2003), definindo três dimensões da Geografia da Religião. A dimensão económica analisa a mercantilização dos lugares e bens simbólicos, a dimensão política que trata a religião enquanto força ideológica e controladora do espaço, como legisladora, e a dimensão simbólica que pela sua diversidade imprime no espaço os seus símbolos. A mesma autora considera e defende a teoria de que a instituição religiosa é sempre modeladora do espaço, isto é, imprime sempre as suas características e identidades, definindo-o e demonstrando a relação entre identidade religiosa e o espaço geográfico.

Como já referimos, e por considerarmos o Caminho de Santiago a Compostela mais próximo do místico ou espiritual do que do religioso, entendemos o conceito, tal como nos sugere Gaarden (2007), como uma comunhão com Deus ou com o Santo ou com o "espírito do mundo", cuja aproximação com este estado resulta da passagem por estádios que vão purificando o peregrino. Para o mesmo autor, é possível identificar sete características deste estado místico, resumidamente, uma unidade em todos os elementos, existindo apenas um Deus, sendo o "encontro" com este, feito de forma passiva, sem noção de tempo. Está também presente um êxtase transitório, todo o processo é entendido como uma experiência, uma nova perspetiva, e que permanecerá depois desta. É também descrita como uma experiência inexplicável e paradoxal. Estas são, normalmente, características ou sentimentos descritos pelos peregrinos, nos diversos relatos que são publicados. Parece mesmo existir a crença de um poder ou da vivência de uma experiência inigualável quando se percorre o Caminho.

No entanto, antes da criação do Caminho de Santiago, já era tradição percorrer uma rota que seguia para Ocidente, para Finisterra, ou *"Finis Terrae"*. Para alguns autores, como Charpentier (1971), existem outros caminhos com funções similares ao de Santiago. Este autor aponta o "Eixo de Inglaterra", "Eixo de França" e o "Eixo de Compostela". Defende que estes eixos são

traçados tendo em conta os monumentos megalíticos, unindo os lugares sagrados, todos seguem de Este para Oeste, terminam em rias profundas e relevos acidentados.

Desta forma, tal como é apresentado por alguns autores que se conseguem distanciar das "criações" da religião católica, talvez este caminho de Santiago seja resultado de uma apropriação e adaptação de uma lenda, ou mais provavelmente, uma tradição anterior, isto é, que tenha passado do profano Celta ao sagrado Cristão. Para Charpentier (1971), as lendas não são inventadas, mas sim, são adaptações de situações reais, que existiriam em determinadas condições. Isto significa que, como terá acontecido noutras tradições, uma tradição pagã segundo a ideologia da instituição católica terá sido adaptada e modificada, desde os seus atores, enredo e objetivos, numa época em que o cristianismo se encontrava em expansão, e substituída por uma tradição e "religião nova".

Este é também chamado de Caminho da Morte (Charpentier, 1971), simbolizando o percurso feito pelo Sol, até se pôr (a Oeste, em Finisterra, em contraponto ao local onde nasce, em Jerusalém, a Este). Esta direção para a morte implica acreditar num renascimento simbólico daquele que faz o Caminho, num ciclo, tal como acontece com o Sol. Isto remete-nos para os rituais de iniciação, que pressupõem, tal como no Caminho, uma série de etapas, de obstáculos, de vitórias e do alcance de determinado objetivo.

Também Santiago terá viajado de Oriente para Ocidente na sua missão de evangelização. A peregrinação, a viagem a pé, obriga o indivíduo, normalmente afastado do ambiente do caminho e da Natureza, a ajustar as suas energias com a força natural. Daqui resulta a tal renovação, o renascimento, harmonia e equilíbrio.

De muitas histórias e lendas se fazem o Caminho a Santiago. E também a lenda de Santiago tem várias versões. Secall (2009) considera mesmo que todas estas histórias funcionaram como marketing comercial da Idade Média.

Ao falar de Santiago, a Bíblia Católica remete-nos para Tiago, o Maior, nascido em Bethsaid, que foi, juntamente com o seu irmão João, o Evangelista, feito discípulo de Jesus. Enquanto Jesus passava junto ao lago de Tiberíades, os dois irmãos estavam a pescar, juntamente com seu pai

Zebedeu, casado com Salomé. O convite para passarem a ser pescadores de almas foi o suficiente para deixarem as redes para trás e tornarem-se seguidores do Profeta. Tiago, um dos primeiros a ser tornado discípulo, foi também o primeiro a morrer em nome da Boa Nova. No entanto, pouco se sabe da vida do primeiro mártir do Cristianismo.

Após a Morte e Ressurreição de Jesus, era Pedro que orientava os outros discípulos na sua missão de pregar a Boa Nova. Por isto, enviou Tiago à Península Hispânica ou Ibéria, para pregar o Evangelho. Segundo Cardoso e Almeida (2005), na sua missão levou consigo dois dos seus discípulos, Teodoro e Atanásio. Segundo Charpentier (1971), teria antes pregado na Judeia e na Samaria e só depois terá seguido para a Península Hispânica, para tentar cristianizar esta região. Segundo o mesmo autor, Tiago fez nove, sete ou um só discípulo, não havendo concordância entre autores sobre esta questão. Ao invés dos discípulos, Charpentier (1971) apresenta um cão como companheiro de Tiago o Maior, e refere ainda, que não teve muito sucesso na sua missão de cristianização.

Cardoso e Almeida (2005) consideram que Tiago deve ter chegado à Península Hispânica pelo sul, à Andaluzia ou a Lisboa e percorrido o território até norte, pregando nas povoações por onde passava. Passando o Minho, ter-se-á dirigindo à Galiza e depois a Saragoça. Uma nova discordância surge entre autores sobre esse aspeto. Para Cardoso e Almeida (2005), Tiago regressa à Palestina, embarcando em Barcelona, pois Pedro o chamava através de sonhos. Charpentier (1971), por sua vez, refere que Tiago regressou à Palestina por não ter sucesso na sua missão de cristianização. Por outro lado, para Gil e Rodrigues (2000), no ano 44 da Era Cristã, Tiago estava em Jerusalém com Pedro, para festejar a Páscoa.

É nesta época que o Rei Herodes Agripa I manda prender o apóstolo para o decapitar, acusando-o de difundir ideias falsas e perigosas. Segundo Gil e Rodrigues (2000), o discípulo terá ainda feito dois milagres enquanto estava preso, sendo estes a conversão e batismo do seu guarda, o chamado Fariseu Josias, e a cura de um paralítico, no caminho para o cadafalso. Quanto à data concreta da sua decapitação também existem discordâncias. Para Cardoso e Almeida (2005), a data da sua morte teria ocorrido a 23 de Maio. Já Charpentier (1971:12) considera que aconteceu a "8 das calendas de Abril", segundo o antigo calendário Romano, dia 25 de Maio, dia da Anunciação.

Na época, para infamar os executados, era tradição atirar os cadáveres para fora das muralhas da cidade, para que fossem depois devorados por cães, abutres e outros animais. Conta a lenda que os discípulos recolheram o corpo do seu Mestre e o levaram, para fugir aos judeus, em direção ao mar, numa barca que encontraram. Martins (1992) considera que depois de morto, os Apóstolos levaram S. Tiago para Jaffa, em Israel. Conta também a lenda que a embarcação não teria velas nem leme, sendo conduzido pelos desígnios de Deus, para alguns autores, ou por um anjo que a empurrou e guiou, para outros.

Para Cardoso e Almeida (2005), a barca terá navegado todo o Mediterrâneo, passando o estreito de Gibraltar, seguindo para o Oceano Atlântico. Depois, prosseguiu para norte, junto à costa Bética e Lusitânia. Ao fim de sete dias de viagem, a embarcação terá entrado na ria de Arosa, na Galiza, encalhando na praia perto de Iria Flávia. Para Charpentier (1971) o barco teria embarcado em Iria Flávia, agora Padrón, no rio Ulla, "a 8 das calendas de Agosto", no Reino de Louve. Filgueiras (1992) considera que isto teria sido tecnicamente possível, uma vez que na altura já existiam meios como os barcos de comércio marítimo, que teriam possibilitado esta viagem.

Segundo a lenda de Jacques de Voraigne, do século XII (Charpentier, 1971), os discípulos, ao desembarcarem, pousaram o corpo de Tiago numa pedra que, por milagre, se moldou ao seu corpo, em forma de sarcófago. Precisando de um lugar para sepultar o corpo, conta a lenda que os discípulos correram a contar o sucedido à Rainha de Louve. Segundo Cardoso e Almeida (2005) esta Rainha chamava-se Lupa, a quem os discípulos pediram autorização para enterrar o corpo do discípulo, nas terras onde este tinha pregado. Lupa fingiu concordar e mandou-os falar com o governador Romano, Folotro, que os prendeu. Já Charpentier (1971) não faz referência à prisão dos discípulos, somente menciona que só depois de alguns acontecimentos este homem lhes teria concedido o pedido. Depois de conseguirem fugir, segundo a perspetiva de Cardoso e Almeida (2005) voltaram à presença da Rainha, que lhes deu dois toiros ferozes que os ajudariam no transporte do corpo. Além disto, conta a lenda que ainda enfrentaram um temível dragão. Para se defenderem, os discípulos serviram-se da Cruz de Cristo para parar o dragão e a Bênção, para amansar os toiros. Já para Charpentier (1971), apesar das semelhanças, as lendas continuam a não coincidir. Para este autor, regressando a Louve, a Rainha disse-lhes

para irem ao Monte Iliantes, onde podiam encontrar dois bois que ajudariam a transportar o corpo, oferecendo o lugar, à escolha, para a sepultura. No entanto, as suas intenções não eram de todo bem-aventuradas, pois sabia que tais bois eram selvagens. No topo da montanha também existia um dragão. Os discípulos defenderam-se do dragão fazendo o sinal da cruz e mataram-no pelo ventre. Aos bois, o sinal da cruz fez com que se tornassem mansos. Os bois levaram o corpo até ao Palácio do Louve (ou Loba), que ao ver tal, dedicou o seu palácio a Santiago.

Cardoso e Almeida (2005) referem ainda que depois disto, Lupa se converteu e decidiu ajudar os discípulos, concedendo-lhe um lugar para enterrarem o corpo do santo conhecido por *"Liberum Donum"* ou *"Libré-Don"*, expressões latinas que significam um lugar que foi oferecido, onde, supostamente, hoje está a cidade de Santiago de Compostela. Os mesmos autores referem ainda que, para lá chegarem, os discípulos percorreram 20 km, ao longo dos quais pararam três vezes. Numa primeira, construíram uma capela, numa segunda uma fonte, e na terceira sepultaram o corpo, numa tumba de mármore, que teria ficado numa capela que também lá construíram. Os discípulos teriam ficado naquela área a velar o corpo do santo até ao fim das suas vidas. Ainda segundo os mesmos autores, o que resta dos vestígios das duas primeiras paragens, da capela e da fonte, podem encontrar-se na Rua de Franco, em Santiago, sendo que o resultado da terceira paragem coincide com a Catedral de Santiago de Compostela dos dias de hoje.

Segundo Charpentier (1971), outra lenda conta que o corpo teria sido transportado para o Pico Sacro, ou Montanha Sagrada, ficando conhecido mais tarde por *"Arca marmorica"* ou *"Arcis marmoricis"*, perto de Amoea. Este local coincide totalmente naquele "Eixo de Compostela" que existia muito antes do Cristianismo, defendido por Charpentier (1971) e já anteriormente referido. O autor considera que este seria o caminho original de Santiago.

Existe depois um hiato de tempo, muito longo sob a nossa perspetiva, sobre o qual os autores passam sem fazer grandes questões. Desde uma altura em que o corpo teria sido sepultado até à sua descoberta no século IX, os estudos, por norma, somente referem, que o local ficou esquecido durante muitos séculos.

No entanto, Cardoso e Almeida (2005) defendem que os cristãos veneravam o túmulo desde sempre, mas as perseguições de Roma, na época do Imperador Vespasiano, em 257, fizeram com que este proibisse a adoração do sepulcro de Tiago, barrando o acesso a Libre-Don, acabando por ficar abandonado. Martins (1992) alega que o túmulo do Apóstolo foi visitado e venerado desde que foi sepultado até que em 257 Valeriano proibiu as peregrinações aos sepulcros dos santos, e que o túmulo foi escondido aquando das perseguições aos cristãos no tempo de Dioclesiano. No ano de 312 Constantino reconhece a Religião Católica como religião de Roma, mas não a impôs ao seu povo.

A maioria dos autores situa o achado das relíquias do Santo em Compostela entre 800 e 820, sendo as datas mais apontadas 813 e 814.

No entanto, Charpentier (1971) refere que para Bédier, o corpo só teria sido encontrado em 830. A responsabilidade teria sido de um homem, para Charpentier (1971) chamado Pelágio, que significa homem do mar, enquanto para Cardoso e Almeida (2005) chamado Pelayo, um eremita.

Já para Gil e Rodrigues (2000), o responsável teria sido Pelaio, um eremita que pregava na pequena igreja de San Fiz de Solovio. Cardoso e Almeida (2005) consideram que este foi chamado por uma melodia celestial, e que se apercebeu das estrelas que traçavam um caminho, acabando por cima daquele local, onde estavam estrelas mais brilhantes. Charpentier (1971) conta que Pelaio teria sabido do lugar do sepulcro por milagre, através de luzes sobrenaturais. A lenda conta que o homem corre para avisar o Bispo Teodomiro, que visita Libre-Don, acabando por encontrar as ruínas de uma pequena capela. Martins (1992:97) faz referência ao facto de que no local onde encontraram o corpo que "à meia-noite, se ouviam cânticos e se vislumbravam luzes e estrelas". Para Charpentier (1971), oficialmente se conta que foi o Bispo de Iria Flávia, Téodomir, que descobriu os túmulos, tanto do Apóstolo como de dois dos seus discípulos. Charpentier (1971:16) descreve o sepulcro como um "pequeno mausoléu coberto por uma densa vegetação. De modo geral também se admite que o edifício era tipicamente romano". Segundo Mendes (2009) as ruínas encontradas eram o que restava de um mausoléu pagão do século I e em seu redor havia vestígios de uma vila romana que continha um cemitério cristão que fora utilizado até ao século VII. Cardoso e Almeida (2005) defendem ainda que o Bispo seguiu para Oviedo, a capital das Astúrias, para avisar o Rei Afonso II das novidades. Este Rei partiu para

adorar as relíquias do santo, tornando-se no primeiro peregrino a Santiago após a sua descoberta. O Rei Afonso II Rei proclamou aquele como o lugar de Santiago, ou "Locus Neati Jacobi" mandando construir uma igreja ou catedral para albergar os túmulos. Secall (2009) destaca que no século IX o império carolíngio se desmembra e perde forças, e que esta descoberta foi uma manobra estratégica.

Ainda sobre a descoberta, Mendes (2009) faz referência ao que considera ser o primeiro relato da descoberta do túmulo, no manuscrito em latim "Concórdia de Antealtares", datado de 1077 e assinado pelo Abade do Convento de São Paio de Antealtares e pelo Bispo Diogo Páez, de Santiago, descrevendo de forma idílica a descoberta do túmulo.

Por outro lado, autores mais racionalistas tentaram encontrar provas nos factos históricos, na época da invasão dos mouros. Uma pedra encontrada em Mérida apresentava uma inscrição segundo a qual na primeira metade do século VII existia uma Igreja de Santa Maria, onde estavam guardadas relíquias da verdadeira cruz e de alguns santos (como S. João Baptista, S. Pedro, S. Paulo, Santo Estevão, S. João Evangelista e São Tiago, o Maior). Na invasão muçulmana, o clero de Mérida fugiu e levou as relíquias, deixando-as em Iria Flávia. As relíquias de S. Tiago teriam ganho importância, sendo levadas para o local onde mais tarde foram encontradas (Charpentier, 1971).

A antiga tradição romana ditava que as relíquias dos santos deviam permanecer no local onde fossem depositadas pela primeira vez, ou onde tivessem sido encontradas. Assim, segundo Otero (2009), era proibida a transladação dos restos mortais, como forma de dignificar a morte e manter a paz do falecido. No entanto, nem sempre foi assim. Durante muito tempo as paróquias usavam as relíquias para obter poder e prestígio e por isso havia quase como uma busca de relíquias. Quando não se podiam ter as relíquias verdadeiras, usavam-se representações. Talvez por esta razão, nos centros de peregrinação seja muito comum a venda de objetos, símbolos e imagens associados aos santos que, apesar de profanos, são tomados como sagrados para os crentes. O mesmo autor cita Vasquez de Parga, Lacarra e Úria Riu, que referem que na Idade Média surgiu um movimento de criação de corpos santos, quando não existiam provas de que esses santos tivessem estado naquele território, e cujas histórias estavam normalmente associadas ao sobrenatural e misterioso. Segundo Martins (1992: 97 a 102), quando abriram o

túmulo maior de Santiago "(…) encontraram um corpo com a cabeça cortada, com um bordão e um letreiro que dizia "Aqui jaz S. Tiago, filho de Zebedeu e Salomé, irmão de João, o qual foi morto por Heródes de Jerusalém; veio por mar com os seus discípulos até Iria Flávia da Galiza e chegou aqui num carro puxado por bois pertencentes a Lupa, proprietária deste campo donde não quiseram ir mais adiante".

Para Correia (1992) em 829 Santiago torna-se padroeiro e Senhor das Espanhas. Em 899, o Rei Asturiano Afonso III terá erguido uma basílica sobre a capela que continha o túmulo, que acabou por ser destruído por invasões bárbaras, de Al-Mansour ou Almansor, em 977. Mendes (2009) refere que a reconstrução da Basílica e Catedral Românica se deu em 1075 por ordem de Afonso VI da Galiza e pelo Bispo Diogo Peláz. Acabada a luta, quando Fernando III conquista Córdova, as peregrinações retomaram e não voltaram a cessar. Segundo Filgueiras (1992), a descoberta do túmulo aconteceu, historicamente, depois da primeira fase da Reconquista Cristã, depois de ser fixada a fronteira no Rio Douro, no reinado de Afonso I, genro de Pelaio.

Também sobre estes acontecimentos, diferentes autores têm diferentes perspectivas. Otero (2009) considera que foi Carlos Magno quem mandou construir uma igreja modesta. Considera também que em 872, no Reinado de Alfonso III el Magno, aquela igreja foi destruída e que posteriormente tenha sido erguida outra no seu lugar.

Já no que diz respeito a registos históricos, segundo alguns autores, o "Breviarium Apostolum" ou Breviário Apostólico Romano, é o documento mais antigo, datando de 600, que trata da tradição da peregrinação de Santiago na Península Hispânica (Otero, Santiago e Reinhardt, Klaus, 1992). Plotz (1992:55) refere que o Breviário Romano "consiste numa pequena narrativa em que consta o nome, a etimologia, lugar de pregação, circunstâncias de morte e detalhes da comemoração litúrgica de todos os apóstolos". Para Marcos (2002), o primeiro documento que admite o Apóstolo é o "Etudes sur les actes des rois asturiens (719-910)", datado de 885, fazendo também referência ao sepulcro de Santiago.

Outras menções foram feitas ao Apóstolo. Num poema de Aris de Aldhelmo, Abade de Malmesbury, que data de 709 consta a referência ao "primitus Hispanas conuerti dogmate gentes", bem como é referido no "Tractatus de Apocalipsin", ou "Comentários ao Apocalipse", do

Beato de Liébana, datando do último quarto do século VIII. Do final do século VIII data também um hino litúrgico. Podemos assim concluir, que os séculos VII e VIII são fulcrais na afirmação da tese de que Santiago o Maior teria pregado na Península Hispânica (Plotz, 1992).

No século X, acontece um facto muito importante quando a Ordem de Cluny, ou Beneditinos de Cluny, marcam as vias seguras do percurso a Santiago. Marcos (2002) refere que França teve então um papel muito importante no que respeita aos Caminhos de Santiago. Além disso, são responsáveis pela criação de mosteiros e hospitais ao longo do Caminho. Para Secall (2009) a Ordem de Cluny foi aquilo a que equivale o primeiro operador turístico da história. No que diz respeito à proteção do Caminho, a Ordem Militar dos Templários não pode ser esquecida. Além de terem tido um importante papel na reconstrução do velho Império Romano, quanto ao Caminho de Santiago em particular, os Templários tornam-se seus guardiões, contribuem para o culto da Religião, nomeadamente nos Santuários. Além disso, várias construções ao longo do Caminho são atribuídas aos templários (Los Templários y el Camino de Santiago).

Segundo Gil e Rodrigues (2000), só em 950 é que se sabe da primeira peregrinação estrangeira, sendo realizada pelo Bispo Gotescaldo de le Puy.

Para Plotz (1992), o autor de "Cronicon Irense", possivelmente dos fins do século XI é o primeiro historiador que alega a descoberta do sepulcro de Santiago sem, no entanto, indicar os critérios que definiram a concordância de identidade nem relacionando com qualquer pregação anterior.

Também importante é a Carta de Afonso III ao Clero de Tour, no século XII, que alega que Martinho de Braga terá sido o único Apóstolo da Galiza e que a tradição jacobita só se inicia com a transladação. Também no século XII são publicadas a "História Compostelana" e "Liber Sancti Jacobi". A História Compostelana serviu para consolidar algumas ideias que eram importantes que se tornassem mais fortes, relativas à importância de Santiago de Compostela no contexto religioso. O segundo, também conhecido como "Códex Calistinux", foi o primeiro Guia de Peregrinação, da autoria do Clérico Aymeric Picaud, datado de 1131. Este documento divide-se em cinco partes, onde se tratam os milagres, a transladação do corpo, e os inícios das peregrinações. O livro V é a seção que se considera ser o primeiro guia de peregrinações alguma vez escrito. Mendes (2009) refere que foi através deste documento que Finisterra passou

a integrar a tradição Jacobita. Por isso, foram a esse local atribuídos cultos, como o Santo Cristo em Finisterra e a Nossa Senhora da Barca em Múxia. Estes cultos tinham como função fazer esquecer uma vez mais os anteriores cultos pagãos.

Não podemos deixar de referir a reforma do já mencionado Breviário Romano. Resumidamente, em 1592, Clemente VIII, Papa, pede para ser revisto o Breviário aprovado em 1568 pelo Papa Pio V. O Cardeal Barónio, presidente da comissão, admitia a vinda de Santiago a Compostela com algumas reservas.

Em 1593, Girón García escreve "Collectio Concilionum Hispaniae". Ao ler a obra, o Cardeal Barónio muda de opinião e quer modificar o Breviário Romano. Na mesma obra, García de Loayse (Cónego de Toledo) tinha uma intervenção, citando o seu antecessor Dom Rodrigo Jiménez de Rada no Concílio IV de Letrán em 1215. Jiménez de Rada defendia aí, perante o Papa Inocêncio III, a primazia da sede compostelana que defendia que tinha sido fundada pelo Apóstolo S. Tiago, o Maior. Jiménez negava essa vinda a Espanha do Apóstolo antes da sua morte. Esta ideia não teve muita aceitação até ser conhecida pelo Cardeal Barónio, em 1593. Em 1600, nos Anais de Barónio tratou da sua opinião sobre a tradição jacobina e retirou do Breviário de Pio V a frase que fazia referência à presença de Santiago em Espanha enquanto vivo. Daqui resultaram protestos, a nível nacional, ficando para segundo plano as disputas entre Toledo e Compostela. Em consequência disto, em 1602 acontece a publicação do Breviário constando a vinda do Apóstolo a Espanha, bem como a conversão dos povos pelo Apóstolo. No ano seguinte, no pontificado de Urbano VIII, impôs-se a tese, confirmando a vinda de Santiago a Espanha como tradição e como facto histórico. Juan Roa Dávila escreve um documento defendendo esta tese. Este autor faz referência à história de vida de Santiago e analisa tanto o Novo Testamento, o Antigo Testamento e o Apocalipse (Otero e Reinhardt, 1992).

Segundo Gil e Rodrigues (2000) a notícia da descoberta do túmulo só chega a França um século depois, surgindo daqui um importante fluxo peregrinatório, tendo maior importância nos séculos XI, XII e XIII.

De acordo com Plotz (1992), o século XI foi o século das peregrinações religiosas devido a uma boa conjuntura da área económica e técnica, numa segunda época feudal, devido a

transformações sociais e decisões jurídicas que de algum modo motivavam o movimento peregrinatório e, por fim, pela tradição dos cultos devocionais, nomeadamente a relíquias dos santos. No caso concreto de Santiago, considera-se que ganhou algum destaque por ter sido o primeiro mártir da religião católica.

Já durante os séculos XII, XIII e XIV, a peregrinação a Santiago volta a entrar em decadência também porque surgiram inúmeros centros de peregrinação, influenciados em parte pelos interesses das paróquias e dioceses. Perdem ainda mais importância quando o Islão é afastado definitivamente pela conquista do Ocidente, altura em que já a proteção ao santo passava a não ser tão importante. Com o Renascimento, a atenção desloca-se da religião para as aventuras dos descobrimentos do novo mundo. Também as epidemias influenciaram o decréscimo das peregrinações, como a Peste Negra em 1348 que teve especial impacto na Europa. Muito devido às maleitas, também os santuários se multiplicaram, para que, geograficamente, não fosse necessário fazer grandes deslocações, para evitar o contágio. (Secall, 2009)

No entanto, a partir do século XVI, depois das críticas de Erasmo e dos Reformistas, as peregrinações diminuíram. Por isto, a literatura assume a peregrinação a Santiago como um fenómeno medieval, terminando as análises no século XVI. Existem contudo várias referências à Época Moderna, desde o Barroco da Catedral de Santiago e as imagens de culto de Santiago no Caminho Português, que datam dos séculos XVII e XVIII, bem como o crescimento da cidade de Santiago de Compostela e da sua catedral, para o que contribuiu o fluxo de peregrinos e doações. Abreu (1997) defende que esta época foi marcada pelo reacender da piedade nas décadas que se seguiram à Contra-Reforma. Durante a crise das peregrinações no século XVII, Erasmo e a sua teoria contra a Reforma, fazem diminuir as visitas aos santuários, dizendo mesmo que era preferível dar aos pobres o dinheiro que em esmola era dado a Santiago.

Na época do Iluminismo as peregrinações foram por parte de vários humanistas. Montaigne, escritor céptico e humanista, em 1556 já refere como muito antigas as funções do hospital de Santiago, em Paris. Nesta altura, em meados do século XVI, o Calvinismo passa a combater as peregrinações. Em 1572, o Arcebispo de Bordéus afirmava que já não se dava hospitalidade aos peregrinos no priorado e no hospital de Santiago. Ao mesmo tempo, as confrarias também adotaram, novas normas, passando a ser opcional fazer a peregrinação para pertencer à

confraria, perdendo assim o seu significado de reencontro de antigos peregrinos, como nos refere Abreu (1997).

O mesmo autor refere que a Contra-Reforma volta a criar condições propícias às peregrinações, a partir do século XVI, numa época em que o Concílio de Trento repete a convicção absoluta sobre a legitimidade do culto aos santos e aos seus restos mortais. Prova disto é o Hospital de Saint-Jacques de Paris que, após entrar em decadência no século XVI, retoma o acolhimento de 3 a 5 mil peregrinos por ano. Gil e Rodrigues (2000) partilham da opinião que, a importância que Santiago ganhou esteve intimamente ligada às condições políticas existentes na época, nomeadamente a necessidade de reforço da monarquia asturo-leonesa, aquando da luta contra os muçulmanos. Também as condições sociais e económicas eram propícias à mobilidade, como o fortalecimento demográfico, aumento dos cultivos e o aumento dos cultivos e, consequentemente, da produtividade.

Posteriormente, nos fins da Idade Média, o Estado Moderno toma várias medidas com vista a regulamentar a assistência e o movimento dos peregrinos e da peregrinação em geral. Castro (1997) considera que todas as leis pensadas e aplicadas desde que se sente um fluxo de peregrinos a Compostela foram regulamentadas em primeiro lugar para proteger o peregrino e acabaram por centrar-se na própria proteção do Caminho. As principais medidas tinham em vista garantir a segurança de circulação de pessoas e bens, tentando afastar criminosos, através da punição por diferentes formas, bem como pela disciplina de pessoas e instituições. Abreu (1997) refere, também sobre este assunto, que D. Manuel se preocupava com que as peregrinações tivessem um caráter de dignidade, muitas vezes transladando relíquias de algumas aldeias para locais considerados mais dignos. Relativamente aos hospitais e outras instituições de acolhimento e apoio aos peregrinos, estes encontravam-se em situação precária, sendo inadequados, não aproveitados ou em pleno estado de decadência.

Durante a época Barroca sente-se a crise económica, insegurança nos caminhos, o início da vida urbana e um controlo pelos organismos do poder. Crescentemente, durante os séculos XVIII e XIX renasce o espírito medieval, sendo recuperadas antigas tradições, antigos costumes, o que deu lugar ao consequente renascer das ordens religiosas. Entre 1846 e 1870, a devoção Mariana ganha força, para tal contribuindo as aparições de Nossa Senhora da Medalha

Milagrosa, La Salette e Lourdes e posteriormente as aparições de Fátima em 1917. Em 1880, pela declaração da autenticidade dos restos mortais do Apóstolo em Compostela, renasce o culto e a própria peregrinação. No século XX, com o novo espírito europeu, mesmo a nível económico, as peregrinações ganham uma nova força, apesar de a sua prática se aproximar cada vez mais do turismo. O próprio Conselho da Europa, a 23 de Outubro de 1987, declara o caminho de Santiago como o Primeiro Itinerário Cultural Europeu, pelo seu caráter e pelas alegadas motivações de procura espiritual, aspetos culturais e o contacto com a Natureza. (Secall, 2009)

A saúde e a higiene também foram alvos de preocupação nesta época. Carlos V, Carlos I de Espanha, determina, no capítulo XX das "Compostelanas", que os peregrinos que tivessem doenças contagiosas não deviam ser levados para hospitais. Outras medidas semelhantes são tomadas tendo em vista os vagabundos e pessoas com segundas intenções. Como exemplo, Filipe II, para evitar os vagabundos que se faziam passar por peregrinos, proibiu, a 13 de junho de 1590, o traje do peregrino. A partir daqui, todo aquele que quisesse peregrinar devia possuir licença para peregrinar e uma declaração do bispo da diocese. Os estrangeiros, por sua vez, também precisavam desta autorização e certificado episcopal, mas podiam usar o traje do peregrino. Neste ambiente acaba-se por criar uma série de mitos e desconfianças face aos peregrinos. Luís XVI, em Agosto de 1671, chega mesmo a proibir a peregrinação dos seus súbditos, exceto com autorização expressa das autoridades do Estado e aprovação do Bispo (Abreu, 1997)

Nos séculos XVII e XVIII o Caminho também sofreu com a Revolução Francesa, em 1790 com a dissolução de congregações religiosas e, como já tinha acontecido, com a Revolução Industrial.

No século XVIII, mesmo com todas as leis normativas, cresce a popularidade das peregrinações a Santiago. Depois da crise dos finais do século XVIII, consideramos que sendo real a presença do Apóstolo ou não, uma conclusão é clara: não o prova nem a crença da Igreja, nem a dúvida da Ciência, nem a força do Estado, mas sim os milhões de peregrinos que anualmente seguem caminhos, acreditando piamente numa força maior: a própria fé.

No entanto, e segundo vários autores, nem só de piedade foram feitos os Caminhos. Existiam, sem dúvida, muitos interesses no próprio Caminho, desde o comércio, ao crime. A motivação religiosa não deixava de ser o principal fundamento, tendo em vista a expiação dos pecados. Nesta época surgiu a indulgência por encomenda, que consistia em fazer a peregrinação em nome de alguém que não podia cumprir a promessa. A par da devoção, o Caminho também era cumprido como forma de pena face a um crime. Outra motivação seria a busca da aventura, forma de conhecer o mundo, como ainda acontece nos dias de hoje.

Chegará a altura em que se inicia um verdadeiro fluxo turístico, organizado em termos aproximados com os praticados nos dias de hoje. A exemplo disto Carandell, citado por Gil e Rodrigues (2000), descreve que em 1456 um viajante terá registado 84 navios no porto da Corunha, vindos da Irlanda e Grã-Bretanha, e que os passageiros teriam pago o equivalente à remuneração de um trabalhador.

É fortemente aceite que este processo peregrinatório tenha recuperado o espírito europeu nos dias de hoje, já defendido por Carlos Magno, e unificado um continente que após as diversas invasões, alcançou um estado de comunidade, propiciando a institucionalização da Religião Cristã. Santiago foi responsável pelas inúmeras construções, ao longo do caminho, representando uma imagem de marca por toda a Europa, desde as ermidas românicas, hospitais, albergues, pontes, catedrais, o romanceiro popular, a cultura jacobita em geral e as estradas romanas e medievais. Segundo uma lenda, Carlos Magno também teve um sonho ou uma aparição de Santiago que lhe mostra o simbolismo da Via Láctea, fazendo com que o Imperador, para venerar as relíquias, inicie a construção daquilo que viria a ser a grande via de peregrinação, com o seu exército, construindo os acessos ou vias romanas, o original Caminho Francês (Gil e Rodrigues, 2000). Até Santiago peregrinam milhões de peregrinos de vários países nomeadamente da Europa. Santiago acaba por ser um ponto de encontro, onde indivíduos de diferentes culturas e nacionalidades se encontram, e se apercebem desta característica em comum, que é o chamamento deste lugar sagrado da Península Ibérica.

Solla (2006) considera que Compostela ganha um novo significado e poder, por volta do século XIX, quando renasce a força que teria existido durante a Idade Média. Frente à forte concorrência de França e Lourdes, e numa altura em que Espanha sofria uma crise nacionalista

por ter perdido as colónias do ultramar, encontrou em Santiago o herói esquecido que poderia voltar a dar à Galiza e à Espanha o esplendor que tinha anteriormente. Quando Espanha consegue alcançar uma estabilidade, o ano de 1954 marca uma vontade e uma delineação de estratégias para recuperar o caminho perdido, de um lado turístico com apoio do aeroporto, e por outro, da abertura do Hostal de los Reyes Católicos que acaba por fazer parte do leque de alojamentos públicos, que se multiplicam daí por diante. Mas é em 1965 que efetivamente se regista um ressurgimento da procura, quando de 700 mil pessoas recebidas em 1954, se contam 2,5 milhões. Consequência desta procura abrupta foi a criação de alojamentos especiais, bem como novos hotéis, registando-se uma importante transformação urbana em Compostela, melhorando-se os transportes, desde a estação dos autocarros até ao aeroporto, e a criação do documento oficial da peregrinação, a chamada "Compostela".

Este tipo de medidas e iniciativas continuaram no ano santo de 1971 e novas preocupações surgiram, nomeadamente sobre o próprio peregrino. O documento oficial "Compostela" foi implementado definitivamente e o estudo estatístico sobre a procura dos peregrinos foi iniciado. A par disto, surge a necessidade de criar uma organização do fenómeno, de definir em que consiste o peregrino, de forma a tentar organizar e controlar as peregrinações. Os anos santos seguintes, de 1976 e 1982, no contexto Espanhol tiveram algum decréscimo da procura, uma vez que coincidiram com regimes políticos transitórios, com preocupações focadas na democracia e na descentralização, acabando por retirar do calendário de feriados nacionais o dia de Santiago. No entanto, na Galiza, o nacionalismo impôs que se reafirmasse a data de 25 de julho, ganhando até um novo significado, passando a ser o dia da Galiza (Solla, 2006).

Também muito importante, e como nos refere Solla (2006) é o ano de 1984, quando o Caminho Francês é declarado como primeiro itinerário cultural europeu. No ano seguinte, a UNESCO reconhece a cidade de Santiago como património da humanidade, e posteriormente também o já citado Caminho Francês (1993). Mendes (2009) acrescenta que em 1962 o Caminho de Santiago foi declarado conjunto Histórico Artístico pelas suas características. Também as visitas do Papa João Paulo II em 1982 e em 1989 ajudaram no reconhecimento da importância e divulgação do próprio Caminho religioso pelo mundo.

O mesmo autor refere que em 1980, a capacidade e até a própria consciência sobre a importância de gerir eficientemente a indústria turística era insuficiente e deixada para segundo plano. Na época eram prioridades a entrada na União Europeia e os assuntos relacionados com a indústria e a agricultura. No fim da década, o turismo ganha importância e é visto pela agenda política como uma alternativa à crise que se fazia sentir. Solla (2006) atribui especial importância a um antigo ministro da Informação e Turismo, Franco Fraga Iribarne que chegou ao poder nos finais de 1989.

Em 1993, o Caminho transforma-se num produto de Marketing, o chamado produto Estrela, desencadeando uma nova vaga de melhoramentos e investimentos, desde as acessibilidades à melhoria de oferta de alojamentos e, talvez o mais importante, uma forte campanha promocional. Assim, o Caminho de Santiago ganha uma tripla importância: espiritual, religiosa e turística. (Militzer, 2008)

Para Secall (2009), os Anos Santos são os Anos de Perdão, e aqueles que exercem maior curiosidade sobre os peregrinos, por razões religiosas ou devocionais, e sobre os turistas, uma vez que ao longo dos últimos anos têm vindo a ser desenvolvidos autênticos programas anuais de caráter religioso e cultural.

A Credencial do Peregrino é um documento que tem como função a identificação do peregrino, concedendo-lhe acesso aos albergues. Para a obter, normalmente é necessário escrever uma carta e apresentá-la ao Padre da Paróquia de uma confraria de S. Tiago ou a uma Associação de Amigos do Caminho de Santiago. Nessa carta deve constar ainda a principal motivação e o desejo de realizar a peregrinação tradicional, para que este pedido seja enviado para a Associação Espaço Jacobeus, entidade responsável pela Credenciação.

Por sua vez, a Compostela é o documento que o peregrino pode receber ao chegar a Santiago, se comprovar ter realizado pelo menos 100 quilómetros a pé. Este documento é só emitido pela Oficina do Peregrino.

Seguindo o raciocínio apresentado por Marques (1992), a procura dos santos e, neste caso, do discípulo é a procura de Jesus Cristo, através de um intermediário. Tiago o Maior, enquanto

discípulo, é apontado como um dos preferidos e íntimos de Jesus, juntamente com Pedro e João. O contacto com o santo, mesmo com os seus restos mortais, acaba por dar ao crente uma maior proximidade com Deus, por intermédio dos seus mais próximos. Além disso, por ser amado por Jesus, também os seus hábitos foram adotados pelos seus crentes, desde o afastamento do material, o bordão, a cabacinha, os pés descalços, nem que só durante a peregrinação, resultando daqui também o traje do peregrino.

O traje dos dias de hoje já pouco se assemelha ao que era usado, nomeadamente, na Idade Média. Em vez da larga túnica e esclavina, de tecido grosso de lã, para proteger da chuva e do sol, e amarrado por uma corda onde estava a pequena bolsa que continha só o essencial, o peregrino de hoje adota um vestuário de desporto e uma mochila onde leva tanto as roupas o colchão, o saco-cama e outros pertences. Os peregrinos de outros tempos usavam chapéus com abas largas, onde cosiam a vieira, o bordão era simples e servia tanto de amparo como de defesa, ao qual se pregava uma cabaça que continha água ou vinho e de calçado, botas. Nos dias de hoje, os bordões são substituídos por bastões de raides, adaptáveis e ajustáveis a diferentes necessidades, usando-se normalmente dois; a cabaça é trocada por cantis ou garrafas de água e as sapatilhas cómodas ou botas de montanhismo e um boné. Além de beneficiarem de todos os avanços, tanto no vestuário, calçado e instrumentos de apoio, há peregrinos que se auxiliam de carros de apoio, (que transportam as mochilas), mapas detalhados e GPS.

A vieira é, portanto, o elemento que se mantém com maior visibilidade, talvez por ser também símbolo da própria peregrinação. Se por alguma razão os peregrinos morriam no percurso de ida ou de regresso, como nos refere Matos (1988), eram amortalhados ao lado do seu bordão de peregrino e da concha simbólica de que se fazia acompanhar. A vieira era ainda uma espécie de bússola para orientação e avaliação das alturas dos astros, além de recipiente para beber água das fontes ao longo dos caminhos. (Silva, 1997)

Segundo o mesmo autor, a vieira tem maior importância e pureza do que as outras conchas e é a mais perfeita esteticamente. Segundo Matos (1988), existe mesmo uma hierarquia de escalões conquíferos que se apresenta por ordem decrescente como, a vieira, a amêijoa, a palurda, a lapa e o burrié. Simbolicamente associa-se cada tipo de concha a um padrão ou a um tipo de

indivíduo que se encontra no Caminho. Ao Arcebispo da Catedral de Santiago é atribuída a vieira, por ser o pontífice máximo e a imagem do Apóstolo na Terra. Apesar de diferentes, também neste grupo se englobam os sacerdotes e aqueles que trabalham na Catedral, por serem responsáveis por o peregrino se encontrar com o divino. À amêijoa corresponde o peregrino, que está inserido no espírito de Santiago mas, no entanto, não tem um caráter divino. Também neste escalão, mas com algumas ressalvas, encontramos o indivíduo que trabalha nos albergues e que dá assistência aos peregrinos. Por sua vez, a palurda é atribuída aos indivíduos da aldeia que de alguma forma contribuem para a peregrinação, numa função económica e de apoio; e a lapa à população em geral que não se insere imediatamente na peregrinação. Por fim, cabe à população que está efetivamente afastada do sagrado, e consequentemente da peregrinação, e que somente estão geograficamente inseridos no caminho, o burrié.

A vieira é associada ao renascer da vida, ao mistério e à beleza. A purificação que é realizada na metáfora da peregrinação tem paralelismo com este bivalve, e várias são as lendas contadas, justificando esta associação. Segundo Silva (1997), esta concha era também uma espécie de bússola para orientação e avaliação das alturas dos astros, bem como servia de recipiente para beber água das fontes ao longo dos caminhos. Nos dias de hoje, o molusco que alberga é por tradição, usado gastronomicamente tanto no Minho como na Galiza. A vieira também tem a si associadas várias lendas sobre o culto de Santiago.

As mulheres também tiveram uma condição no Caminho que consideramos de interesse destacar. Segundo Militzer (2008), a Igreja não aceitava a peregrinação das mulheres, por considerar que era propício para sofrerem tentações morais ou perder a inocência, ou mesmo por uma fragilidade face a ataques. Também as freiras estavam proibidas de peregrinar, mas apesar dos esforços a Igreja não conseguiu controlar totalmente.

Sobre a marcação e sinalização dos Caminhos, Mendes (2009) refere que a Asociación Gallega de Amigos del Camiño de Santiago, foi a responsável pela marcação, em 1992, do Caminho Português a partir de Tui, e que em 1995, esforços foram feitos pelas Câmaras Municipais de Valença e Ponte de Lima e da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Valença do Minho, marcando o percurso de Ponte de Lima a Tui, enquanto a Associação dos Amigos do

Caminho Português a Santiago de Ponte de Lima sinalizaram o percurso entre o Porto, Barcelos e Ponte de Lima.

A inexistência de um órgão oficial de marcação destes caminhos resulta em várias dificuldades, seja na falta de entendimento entre organizações, falta de consenso e certezas na marcação dos Caminhos, as diferentes formas de marcação ou a carência dela em zonas de fronteira de poder.

Mendes (2009) refere ainda que em 2006 é marcado, pela Asociación Gallega Amigos do Camiño de Santiago, pela Associação de Valença dos Amigos do Caminho de Santiago e pela Associação de Amigos do Caminho de Santiago do Norte de Portugal, o Caminho desde Lisboa, tendo como base os relatos históricos de vários autores.

O Xacobeo dos dias de hoje toma novas formas, já não é somente a comemoração religiosa do dia de Santiago. Assume formas de uma empresa, cujo público são milhões de pessoas e que, por isso, tem a si associado todo um plano de marketing traçando estratégias para que o número de visitantes, desde os peregrinos, turistas e curiosos, vejam a Galiza e Santiago como um destino a visitar. Por isto, as suas ofertas abrangem desde as cerimónias religiosas, o património cultural religioso e não religioso, a gastronomia, a história, a arte e a música. As campanhas publicitárias apresentam-se de várias formas, desde os spots de televisão, publicidade em provas desportivas, associado a outras marcas, entre outras formas. O Xacobeo é uma marca. Os símbolos da vieira ou da cruz de Santiago são conhecidos e reconhecidos. Além do mais, o programa, com vista a contrariar a sazonalidade, oferece atividades ao longo do ano, em vários quadrantes, sendo atrativo para os mais diversos gostos e interesses.

Vão surgindo novos movimentos, como o "New Age" como proposto por Mendes (2009). Este movimento parece ter como fundamento o reavivar das supostas tradições e cultos iniciais associados a Finisterra. Segundo a mesma autora, referenciando Turner, identifica este como os novos peregrinos, mais próximos do oculto e do esotérico, em crenças alternativas.

Assim sendo, várias são as mudanças que esta secular tradição, quer seja originalmente católica ou não, tem vindo a sofrer ao longo dos tempos, acompanhando tendências e necessidades sentidas. Se, regra geral, falar dos Caminhos de Santiago nos leva imediatamente a pensar no

Caminho Francês, é devido a toda uma estratégia que resultou nesta popularidade. No entanto, e como outros autores o defendem, pela proximidade geográfica, cultural e mesmo política, desde sempre, Portugal e os peregrinos portugueses tiveram uma grande devoção. Por considerarmos que ainda há muito para ser estudado sobre os Caminhos portugueses, nomeadamente, o que liga o Caminho do Interior ao do Litoral, nas regiões do distrito de Viseu e Aveiro, que praticamente não é reconhecido, avançamos assim para o estudo particular desta manifestação jacobita em território português.

III.1 Caminho de Santiago Português

Os Caminhos de Santiago criaram formas de repovoar territórios que a Cristandade conquistava ao Islão e, assim, além de caminhos de fé e devoção, foram também rotas comerciais. O traçado dos diferentes Caminhos foi definido tendo como base tanto essas rotas comerciais como as vias romanas e medievais, e preferencialmente por caminhos que conseguissem garantir aos peregrinos alguma segurança, evitando pontos em que o crime e o furto eram frequentes. Como já referimos, estes Caminhos têm mais do que a conotação religiosa. Através deles foram divulgadas ideologias e tendências, foram estabelecidos contactos entre culturas e surgiram mesmo manifestações artísticas, o que permite relacionar estes Caminhos com a identidade europeia. A Santiago foram desde os mais humildes peregrinos aos mais conceituados nomes, como vários membros do Clero e da Monarquia. Deste modo destacamos, tal como em *Los Templários y el Camino de Santiago (s.d)*, as quatro funções civilizacionais do Caminho. Em primeiro lugar tem uma função comercial, sendo responsável pela abertura de novas estradas. A sua função humana também foi muito importante, uma vez que possibilitou o contacto entre diferentes culturas. A sua função artística, que ainda hoje é bem visível, permitiu a difusão dos estilos Românico e Gótico. Para Cuevas (s.d), é graças ao Caminho de Santiago que, na segunda metade do século XI, o Românico se torna na primeira arte sagrada do Ocidente. Por fim, a sua função mística foi a responsável por fazer deslocar até Santiago de Compostela um sem-número de peregrinos até aos dias de hoje.

Ao longo do tempo, estas rotas foram-se estabelecendo e passaram realmente a constar dos mapas da Europa, contribuindo para a própria construção de algumas cidades, devido à sua importância económica.

Segundo o "Codex Calixtinus", os Caminhos a Santiago traduzem-se no traçado da Via Láctea e, por isso, na Idade Média, consta que os peregrinos se guiavam pelas estrelas enquanto peregrinavam à noite. No entanto, só as vias que estavam apetrechadas de albergues, hospitais e mosteiros chegaram a ter a importância que reconhecemos até aos dias de hoje como acontece, nomeadamente, com o Caminho Francês. A existência de pontes, consideradas obras sagradas, que permitiam atravessar as vias fluviais, por representarem o perigo e a dificuldade

principalmente no Inverno, acabaram por também contribuir para assinalar alguns Caminhos como principais (Gil e Rodrigues, 2000).

Nos dias de hoje são sete os Caminhos portugueses promovidos, uns mais do que outros, através de diversos instrumentos de marketing. Na realidade são inúmeros os caminhos, uma vez que se multiplicam ao longo dos territórios e se vão juntando e concentrando junto destas sete vias, até delas fazerem parte.

A Via Romana tem importante presença na Galiza e em Portugal. São conhecidas várias vias de calçada romana, a que brevemente fazemos referência, como a Via de Bordéus a Astorga (Asturica-Burdigala), a Via de Prata (Astúrica – Emerita), a Via de Astorga a Saragoça (Asturica – Caesaraugusta), a Via de Bearn a Saragoça (Asturica – Caesaraugusta). Além destas, para Otero (2009) aquelas que tiveram maior importância nas peregrinações a Santiago, foram a Via Marítima, a Via de Astorga a Braga (Asturica – Bracara), Via Nova de Astorga a Braga, Via do Berli a Lugo e a Corunha (Lugo de Llanera a Luco) e a Via de Lugo a Caldas dos Reis. Deduz-se que os principais Caminhos a Santiago se tivessem organizado e estabelecido partindo destas ligações viárias e marítima. (Otero, 2009)

Não nos iremos alongar na descrição dos caminhos principais, uma vez que não consideramos fundamental para o nosso trabalho, cingindo-nos a apresentar a listagem dos mesmos. Assim, constam como principais o Caminho de Ferrol e Corunha a Santiago, o Caminho Costeiro a Santiago, Caminho de Oviedo a Santiago por Lugo, o Caminho Francês, o Caminho de Sanábria a Verín, o Caminho Português e o Caminho de Finisterra. Como já referimos, Finisterra é um local carregado de simbologia, onde desde, pelo menos, o século II a.C. se realizavam rituais e cerimónias pagãs de culto ao Sol e à Via Láctea. No século XI, os peregrinos iniciam uma tradição de prolongar até aqui a sua peregrinação (Otero, 2009).

Segundo Cuevas (s.d), são oito os Caminhos que dão acesso à Galiza para visitar as relíquias do santo:

1	Caminho Francês
2	Caminho Primitivo

3	Caminho do Norte
4	Caminho Inglês
5	Caminho de Finisterra – Múxia
6	Rota Marítima de Arousa
7	Caminho Português
8	Via de Prata

Se existem tantos caminhos principais, questionamos por que razão se contam, até em maior número, caminhos secundários. A tradição diz que cada peregrino inicia o caminho partindo de sua casa. A salvo estão, naturalmente, questões relacionadas com promessas, ou mesmo por questões logísticas, que não permitem ao peregrino iniciar a peregrinação no formato tradicional. De qualquer forma, os caminhos multiplicam-se. No caso português, concentram-se principalmente no Minho, área em que também se regista maior devoção ao santo da Galiza. Além disto, a rede era naturalmente mais desenvolvida nas regiões de maior densidade populacional, como aponta Gil e Rodrigues (2000) em áreas como Lisboa, Santarém, Coimbra e Entre-Douro-e-Minho. No entanto, à medida que nos aproximamos da fronteira, os Caminhos vão afluindo para um só, nomeadamente nos pontos fronteiriços, como Valença (Tuy), Chaves (Verín) e Portela do Homem.

Segundo Matos (1998), os portugueses tiveram uma forte presença nas peregrinações a Compostela, desde sempre. O mesmo autor considera que este culto não estava relacionado somente com a peregrinação em si, mas também com todos os monumentos religiosos e imagens dedicadas ao Apóstolo Tiago, o Maior. Predominantemente estes monumentos encontram-se a norte do Tejo e do Mondego perto das rotas percorridas pelos portugueses. Os monumentos foram construídos por pessoas de variados grupos sociais e, por isso, estes estão relacionados tanto com monarcas como com os próprios lugares onde se encontram.

No que diz respeito à história das peregrinações a Santiago, partindo de Portugal, Cunha (s.d), divide-a em quatro épocas:

1) antes da nacionalidade;
2) depois da nacionalidade;
3) idade moderna;

4) atualidade.

O autor justifica que a devoção a Santiago existe porque era considerado o Patrono da Reconquista, bem como por haver uma importante relação com Santiago de Compostela, como provam as diversas doações feitas à sua Igreja. O autor faz referência à primeira viagem (e não peregrinação) realizada em 899, para a consagração da Basílica Compostelana. Ao longo do século X foram dedicadas a Santiago algumas construções religiosas. Para o autor, a primeira peregrinação a Santiago é feita por Fernando Magno que pedira ajuda a Santiago na conquista de Coimbra, realizando a peregrinação em forma de promessa e agradecimento depois da efetiva conquista, em 1064. Em 1097 também peregrinam a Santiago o Conde D. Henrique e Dona Teresa. Nesta época cresciam as devoções, tendo-se verificado em algumas paróquias a troca dos seus padroeiros por Tiago o Maior.

Para isto também deve ter contribuído a coincidência do dia de Santiago (25 de Julho) com as Batalhas de Ourique e de Clavijo, nos anos de 1139 e 884, respetivamente, tendo em conta que só com D. Nuno Álvares Pereira, o padroeiro deixa de ser Santiago e passa a ser S. Jorge. Com a Reconquista alcançou-se a paz no território, permitindo por si só as peregrinações.

Depois da Reconquista e da fundação da nacionalidade, as peregrinações passam a ser uma prática transversal a todas as classes sociais, e de forma tão comum que há documentos, datados por volta do ano de 1200 fazendo referência à modalidade de peregrinação por substituição, que ainda acontece nos dias de hoje. Nesta época começam a surgir de forma organizada um sistema de apoio a peregrinos, tanto de caridade como de índole comercial, albergarias e hospitais. Nesta época os Monarcas continuaram a peregrinar a Santiago como D. Afonso II em 1220, D. Sancho II em 1244 e a Rainha Santa Isabel, que realizou duas peregrinações, a primeira acontecendo em 1325.

Numa terceira fase, que o autor situa na Idade Moderna, finda a Idade Média as peregrinações continuavam constantes. No entanto, no século XIV as devoções voltam-se para a figura de Jesus, sendo deixado de lado o culto dos santos, também por influência de Erasmo. Assim, para pagar pequenos pecados, os crentes eram aconselhados a doar esmolas, orar ou ir a romarias.

No entanto, as figuras mais importantes da sociedade, como o clero e a nobreza continuaram a ir em peregrinação até Santiago e por isto são vários os relatos de peregrinação.

Já no século XVIII a peregrinação entra em decadência com influências do Iluminismo, do Liberalismo e da crise social e política que decorreram das Invasões Francesas. No século XIX as peregrinações ressurgem pela curiosidade romântica de reviver o passado medieval e popular, coincidindo também com a confirmação da autenticidade do corpo do Apóstolo, pela Carta Apostólica *Deus Omnipotens* de Leão XIII, em 1884. No século XIX os peregrinos continuam a ser, maioritariamente, os membros da família real, ao mesmo tempo que várias paróquias e ermidas trocaram a devoção jacobita pela devoção mariana. Na atualidade ainda persistem cerca de 184 paróquias que têm como padroeiro Santiago, sendo normalmente datadas de entre o século XV e XVIII. O autor destaca que apesar de terem desaparecido muitas paróquias de culto a Santiago, são imensas as marcas e símbolos deste culto no nosso território. A tradição da peregrinação não é praticada em número relevante (comparada com o passado ou com aquilo que acontece em outros Caminhos). Houve nos anos 90 uma nova força em sentido contrário, potencializada pelas estratégias da Galiza e de Santiago de Compostela, em particular. No entanto, Cunha (s.d), afirma que pouco resta da peregrinação jacobeia. Apesar de não se saber ao certo os caminhos percorridos pelos peregrinos, este assunto tem vindo a ser alvo do interesse das autarquias e do turismo em geral.

Já para Otero (2009), o traçado do Caminho português é um paralelo à calçada romana chamada Via Marítima, que em tempos foi de grande importância na comunicação e na ligação da Galiza ao Norte de Portugal. Considera também que o Caminho Português é resultado de vários caminhos anteriores, como a calçada romana, a via medieval, a estrada moderna, a auto-estrada e o caminho-de-ferro. No entanto, como outros autores, considera que o Caminho Português hoje não existe. Moreno (s.d) também refere que o Caminho Português é completamente esquecido, provando-o o facto de numa publicação de Luis Vasquez de Parga, datado de 1948 não ter sido dada nenhuma importância nem expressão a este percurso. Na nossa opinião este tipo de esquecimento continua a acontecer. Otero (2009) refere ainda que o Caminho português não está claramente definido e, por isso, não é reconhecido.

É neste contexto que surge a nossa proposta. Deverá definir-se uma ligação entre o Caminho do Interior e o do Litoral, dotá-los das condições necessárias, desde o alojamento até à marcação do percurso. Segundo Cunha (s.d), há importantes interesses económicos e turísticos nos Caminhos, considerando necessário defende-los dos elementos que os possam descaracterizar. Se por um lado, concordamos com o autor, porque se deve conservar uma memória e uma tradição, também é verdade que ao longo de todos estes séculos de história, tudo o que se relaciona com o Caminho sofreu uma evolução histórica normal, a par de todas as inovações e tendências. O caso do Caminho Francês é prova de toda uma mudança e massificação tanto da peregrinação como do turismo, acarretando consigo uma série de consequências, por vezes, irreversíveis. Talvez para que perdure uma tradição, também ela acabe por ter de se adaptar aos novos tempos, cabendo aos responsáveis proteger e legislar para da melhor forma defender os maiores interesses e a sua preservação.

É de consenso geral que, também por isto, não existe somente um Caminho português. São propostos vários caminhos, tendo em consideração aqueles que são mais utilizados. No que diz respeito ao estudo das vias em Portugal, Moreno (s.d) considera que, apesar de incompletos, os estudos mais importantes foram realizados por A. Botelho da Costa Veiga, Pierre David, Avelino Costa, Mário Martins, António Cruz, Veríssimo Serrão. Uma das grandes lacunas na história jacobita em Portugal é a falta de dados estatísticos. Raramente são apontados os números de peregrinos que visitam Santiago, percebendo-se as razões. As peregrinações que mereciam registo ao longo dos tempos eram as dos indivíduos das classes mais importantes da sociedade, sendo que estes contratavam escritores para escrever os diários de viagem. Quanto ao povo, é difícil saber em que números se deslocaram, visto que só mais recentemente se reconheceu a importância do controlo de número de visitas. Por isto não podemos garantir com segurança as variações na afluência à Peregrinação. Dizem-nos alguns autores, como Cardoso e Almeida (2005), que o Caminho está sinalizado desde Lisboa. No entanto, na zona centro, e em particular, a ligação da região de Viseu a Aveiro, não se encontra marcado nem definido. Em conversas informais, chega-nos a mensagem que o peregrino, nesta ligação, percorre o território sem grande informação, onde a preocupação principal é chegar ao caminho do Litoral, no menor tempo possível, já que não existe qualquer tipo de serviço de apoio.

Moreno (s.d) apresenta os Caminhos de Santiago em território português organizado da seguinte forma:

A) ENTRE DOURO-E-MINHO	
1	Porto - Braga - Ponte de Lima – Valença – Tui
2	Porto – Ponte do Ave – Rates – Barcelos – Ponte de Lima – Valença – Tui
3	Porto – Guimarães – Braga
4	Porto – Matosinhos – Mindelo – Azurara – Póvoa do Varzim – Esposende – Viana da Foz do Lima – Caminha – Vila Nova de Cerveira – Valença
5	Foz do Lima: Porto de Via Marítima do centro e sul do país, bem como da Europa Mediterrânea
6	Braga – Portela do Homem
B) TRÁS-OS-MONTES	
1	Caminha – Viseu - Lamego – Poiares – Vila Real – Vila Pouca de Aguiar - Chaves
2	Guarda – Trancoso – Sernancelhe – Lamego
3	Penamacor – Almeida – Escalhão – Santa Maria – Freixo de Espada à Cinta – Bragança
C) CENTRO E SUL	
1	Coimbra – Avelãs de Caminha – Águeda – Aveiro – Grijó – Pedroso- Porto
2	Coimbra – Viseu – Lamego
3	Évora – Evoramonte – Estremoz – Fronteira – Alter do Chão – Crato – Alpalhão – Nisa – Castelo Branco – Covilhã – Viseu
4	Coimbra – Figueiró dos Vinhos – Castelo Branco
5	Lisboa – Sintra –Torres Vedras – Caldas da Rainha – Alcobaça – Batalha – Leiria
6	Lisboa – Santarém –Tomar – Ansião – Coimbra
7	Santarém – Motemor-o-Novo – Évora
8	Lisboa – Setúbal
9	Beja – Tavira
10	Faro – Loulé – Amodôvar –Beja
11	Lagos – Évora – Ferreira do Alentejo
12	Lagos – Alcácer do Sal – Setúbal – Ferreira do Alentejo

Tabela 9 | Caminhos de Santiago em território português

Fig. 31 | Caminhos de Santiago em território português

O nosso trabalho irá centrar-se essencialmente na ligação entre os caminhos 1 e 2 do Centro e Sul. A escolha desta área justifica-se com a assinatura de um protocolo entre os Municípios de Tondela, Vouzela, Oliveira de Frades, Sever do Vouga e Albergaria-a-Velha, com o objetivo de conjugarem sinergias para definição e promoção do Caminho de Santiago nestes territórios, dotando-o com serviços de apoio ao peregrino e turista.

Fig. 32 | Caminho Santiago Tondela-Albergaria à Velha

A estrada romana traduzia uma área de passagem obrigatória para os peregrinos, e faz parte dela o maior número de monumentos românicos de todo o país. Além disto, sempre teve um papel primordial no que diz respeito à história do culto cristão em Portugal.

No território de Vouzela, o caminho percorrido pelos peregrinos foi, sem margem para dúvida, conhecido entre o povo pela designação de "estrada velha", incontestavelmente romana. O seu trajeto dentro da região faz-se pelas povoações de Gândara de Águeda, A-dos-Ferreiros (concelho de Águeda), Talhadas (concelho de Sever do Vouga), Bemfeitas, Ponte de Reigoso, Feira, Entre-Águas, Seixa, Ral, Ponte Fora, Vilarinho, Queijadães, Postasneiros, Santiaguinho (Concelho de Oliveira de Frades), Vilharigues e Vouzela (concelho de Vouzela). Neste traçado é de salientar o nome da povoação de Santiaguinho, clara alusão ao culto do Santo Tiago e segundo Amorim Girão (1921:8), a existência de um marco na povoação de Reigoso, junto a um albergue/albergaria em ruínas, conhecido pela comunidade local de padrão da albergaria que encerra esta inscrição: "Peregrinos vinde ao hospital de Reigoso, que vos darey caza cama agoa fogo azeyte e sal".

Em todo este percurso, podemos apreciar numerosas obras de arte para além das lajes da própria estrada romana, encontramos várias pontes, templos e vestígios arqueológicos. É neste contexto que surge a proposta de projeto "O Caminho de Santiago no concelho de Vouzela", em que destacamos os principais recursos, para que se dê a conhecer as potencialidades turísticas ao nível da oferta. O projeto envolve uma conjugação de esforços intermunicipais e visa contribuir para o desenvolvimento das regiões implicadas.

IV. Proposta – O caminho de Santiago no concelho de Vouzela

O grau de sucesso deste projeto depende da criação e implementação de uma estratégia de promoção eficaz para o tipo de desenvolvimento do turismo que se pretende ter na região (Tondela, Vouzela, Oliveira de Frades, Sever do Vouga e Albergaria-a-Velha), facto que reforça a necessidade de uma maior interligação eficaz entre os Municípios no período após a implementação do traçado do Caminho de Santiago.

A aposta na utilização de produtos genuínos em muito contribuirá para a maximização do objetivo de criar riqueza e aumentar os benefícios das populações locais, além de ajudar na preservação de aspetos ligados à cultura, que muitas vezes tendem a ser esquecidos e até ignorados.

Apesar de o território ser constituído por cinco concelhos que têm as suas particularidades e especificidades próprias, existem características e aspetos comuns, que ajudam a identificar o território e a vê-lo como um todo. Por outro lado, as diferenças entre os concelhos contribuem para que haja complementaridade entre si.

A estruturação dos recursos, o aumento da visibilidade da região e, como consequência, o desenvolvimento económico local, devem ser conseguidos através de processos de fixação estática e dinâmica.

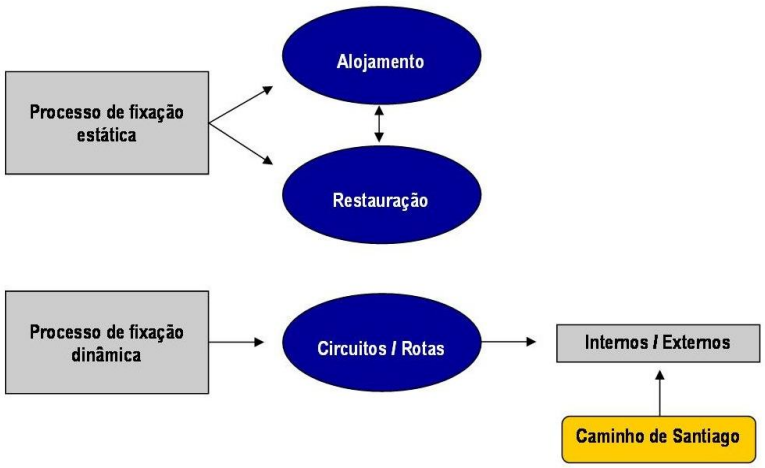
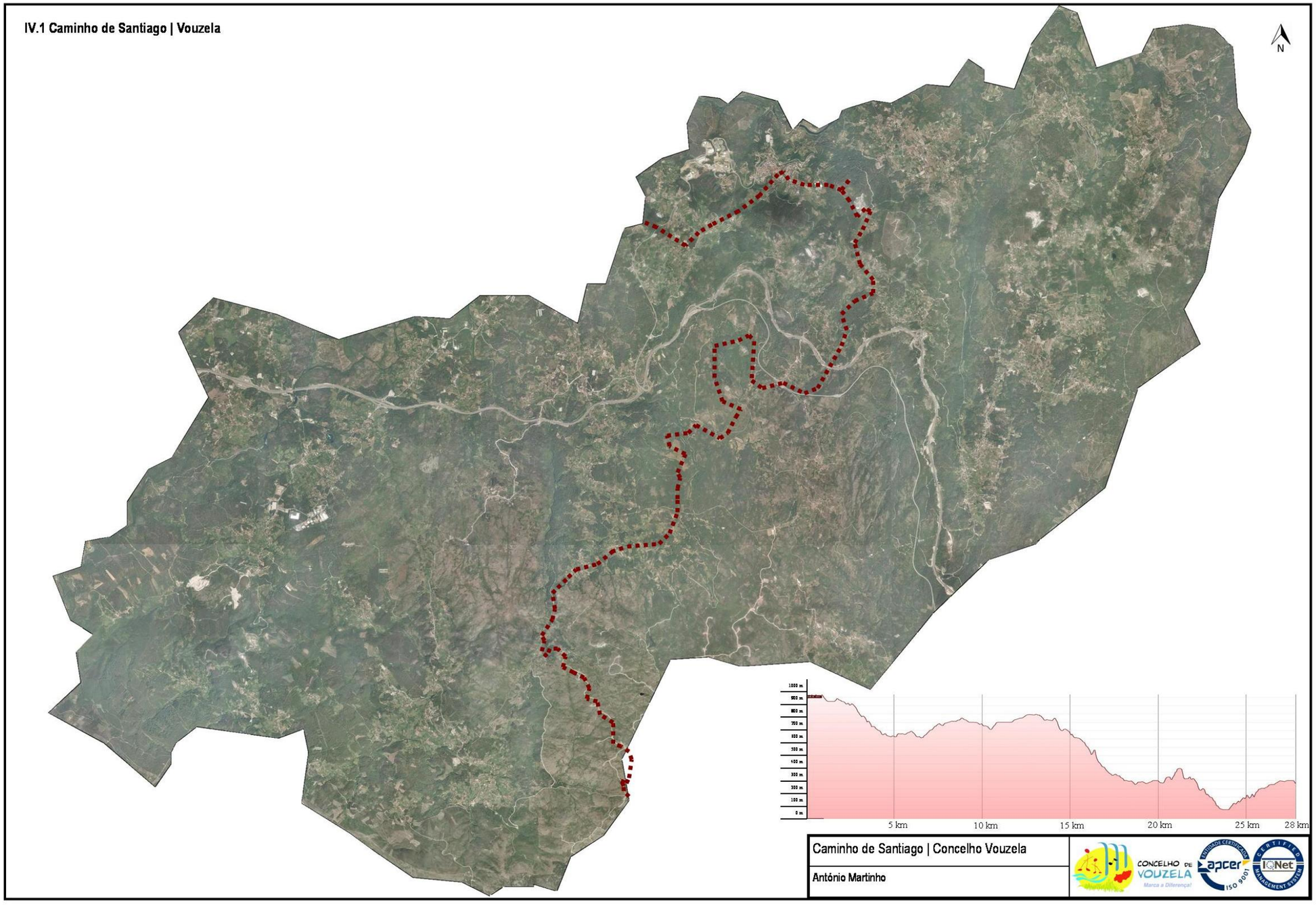


Fig. 33 | Processos de fixação

Está demonstrado que o alojamento e a restauração são as áreas de maior despesa no turismo e que sem estas não há turismo, isto é, constituem os elementos centrais do sistema turístico. No entanto, há também que estruturar o desenvolvimento em torno de outros aspetos do sistema e que são frequentemente esquecidos, como é o caso da animação.

Tendo em conta o argumento anterior, o grau de concretização deste projeto vai assentar no eixo central da animação através da conceção e desenvolvimento do Caminho de Santiago, em particular, no Município de Vouzela, contribuindo desta forma para o aumento do processo de fixação dinâmica.

IV.1 Caminho de Santiago Vouzela



Conclusão

O concelho de Vouzela é facilmente identificado por dois elementos naturais: a Serra do Caramulo e o Rio Vouga, elementos que sempre influenciaram e continuam a influenciar o desenvolvimento, a todos os níveis, do território.

Representando uma pequena porção do território nacional, o concelho de Vouzela evidencia uma evolução demográfica negativa. Em termos económicos tem se verificado uma deslocação de ativos do sector primário para os restantes setores de atividade, com o consequente abandonando da agricultura e o inicio de um processo de crescente industrialização e/ou de dependência dos serviços, o que implica a migração da população dos meios rurais para as cidades.

Vouzela apresenta igualmente duas situações distintas referentes aos tipos de aglomerados populacionais. Uma constituída por lugares mais concentrados e próximos uns dos outros, com maior índice populacional (sede de concelho e áreas industriais), e outra, em oposição, apresentando um povoamento bastante disperso e é constituída por aglomerados de índice populacional reduzido (freguesias serranas e mais distantes da sede de concelho).

Existe uma quantidade apreciável de recursos primários, sendo que grande parte destes se encontra essencialmente ligada à natureza (serras, rios, flora, etc.), ao património cultural e religioso.

O Concelho de Vouzela é também rico nos usos, costumes e tradições; nas inúmeras manifestações religiosas e populares; na gastronomia variada; nos monumentos megalíticos, estações e vestígios arqueológicos; no património edificado; nos edifícios de interesse relevante; nos pequenos santuários, locais de peregrinação, igrejas e capelas e suas peças de arte sacra. A forte presença de recursos etnográficos e rurais, a par da riqueza natural, permite dinamizar e apostar no desenvolvimento de um tipo de turismo associado a estes recursos, nomeadamente o turismo rural, o turismo de natureza e o turismo religioso

Ao abordar o tema do Turismo Religioso apercebemo-nos de um fenómeno que movimenta milhões de pessoas por todo o mundo, independentemente da sua crença. Conclui-se que, em termos de desenvolvimento económico, muitas regiões e mesmo alguns países estão dependentes deste segmento de mercado.

Na religião Cristã, os peregrinos procuram os locais percorridos por Jesus, para o culto de relíquias ou culto de santos. No caso especifico de Santiago de Compostela, parece-nos que as peregrinações a Santiago têm uma conotação mais espiritual que religiosa. Como vimos, os Caminhos não são particularmente controlados pela Igreja, nomeadamente no caso Português, estando mais a cargo de Associações de voluntários e antigos peregrinos que se unem num esforço para criar melhores condições à Peregrinação. Consideramos essencial relembrar os diferentes sujeitos ao longo do Caminho, desde os Peregrinos, Turistas, Curiosos, Místicos e muitos outros.

No que diz respeito à origem dos Caminhos e da própria devoção a Santiago, é certo que apesar das inúmeras lendas e associações a cultos anteriores, nunca foi a História, a Igreja ou a Política que conseguiram por si só fazer com que Santiago alcançasse a escala mundial. É principalmente a fé, a procura interior e a curiosidade que movem milhões de pessoas anualmente.

No caso específico do Caminho português de Santiago, é de consenso geral que não existe somente um Caminho português, mas inúmeros traçados que abrangem todo o território nacional. É também de consenso geral, que o Caminho não se encontra devidamente sinalizado e promovido. No caso de Vouzela, o Caminho utilizado pelos peregrinos a Santiago era a estrada Romana. Neste sentido, a proposta para o traçado, sinalização e promoção a implementar no Concelho recai sobre o antigo e histórico Caminho do Império Romano.

Quanto ao projeto, temos consciência que planificar um trabalho desta dimensão envolve e engloba inúmeros órgãos de poder, serviços, infraestruturas, entre muitas outras questões e, que por isso, o nosso projeto não poderá ser entendido como concluído, pois será necessária uma mais profunda investigação e desenvolvimento, principalmente na definição de uma estratégia de marketing comum aos vários municípios.

Bibliografia

BAPTISTA, M. (1997) - *Turismo – Competitividade Sustentáve*, Lisboa: Verbo

CAILLOIS, R. (1979) - *O Homem e o Sagrado*, Lisboa: 70ª edição

CALVELLI, Haudrey Germiniani (2006*) - A "Santiago de Compostela" Brasileira: Religião, Turismo e Consuma na peregrinação pelo Caminho da Fé*. Tese de Doutoramento. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.

CARDOSO, António Homem & ALMEIDA, Lourenço de (2005) - *O Caminho Português de Santiago,* [s.l.] : Edição Lucrena

CHARPENTIER, Louis (1971) - *Santiago de Compostela: Enigma e Tradição*, [s.l.]: Editorial Minerva.

CRAVIDÃO, Fernanda & Cunha, Lúcio (1993) - *Ambiente e práticas turísticas em Portugal,* Lisboa: Inforgeo, Associação Portuguesa de Geógrafos.

CUEVAS, Karina Ruiz (s/d) - *La adoración de los reyes magos como prefiguración del peregrino en el camino jacobeo: influencia del antiguo coro pétro del maestro Mateo en la difusión de este tema en la Galicia Medieval*.

CUNHA, Lúcio (1995) - *Turismo e desenvolvimento na Raia Central. A paisagem e o ambiente como recursos,* Coimbra. Cadernos de Geografia

CUNHA, L., Cravidão, F.D. (1997) – *Notas para uma Geografia dos Desportos Radicais em Portugal,* III Congresso da Geografia Portuguesa, Setembro de 1997, Porto, Edições Colibri e Associação Portuguesa de Geógrafos. Lisboa.

FUSTER, L. (1997) - *Introdución a la Teoria y Técnica del Turismo*. Spain: Alianza Editorial

GAARDEN, Jostein (2007) - *O livro das Religiões*. 3ª edição. Editorial Presença. Tradução de Ana Paula Tanque

GIL, Carlos & Rodrigues, João (2000) - *Por caminhos de Santiago: itinerários portugueses para Compostela.* 3º edição – revista. Publicações D. Quixote

GIRÃO, Amorim (1921) - *Antiguidades Pré-Históricas de Lafões. Imprensa da Universidade de Coimbra*. Coimbra

GOMEZ, J. & Quijano, C. (1992) - *Rutas e Itinerários Turísticos en España*. España: Editorial Sintesis

GUERRA, Padre Luciano (1989) - *O Turismo Religioso no Mundo de Amanhã. (Separata) In Tourism Education for the Early 21st Century.* VIII World Congress of WAPTT. Instituto de Novas Profissões. Lisboa

MAAK, Katharina (2009) - *El Camino de Santiago como posible motor turísitco en zonas rurales de escasos recursos: el caso de Brandeburgo*. Cuadernos de Turismo, nr.23.

MARCOS, Pedro Jesus (2002) - *The pylgrims sea-voyage and sea-sickness, poema medieval dedicado a los peregrinos ingleses com rumbo a Compostela.* Comentario y traducción al Español. EPOS, XVIII.

MATOS, Manuel Cadafaz de (1988) - *Os Caminhos de Sant'lago na Área Porto-Braga-Esposende numa perspectiva antropológica e eco-museológica e bio-bibliográfica do autor*. Lisboa. Edições Távola Redonda.

MENDES, Ana Catarina (2009) - *Peregrinos a Santiago de Compostela: Uma etnografia do Caminho Português*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa.

MILITZER, Klaus (2008) - *O Caminho dos peregrinos do sacro império Romano – Germânico a Santiago de Compostela*. Tradução de Álvaro Alfredo Bragança J Júnior.

MORENO, Humberto Baquero (s/d) - *Vias Portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média*. Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2042.pdf

OLSEN, Daniel H. & Timothy (2006) - *Tourism and Spiritual Journeys*, London: Routledge,

OTERO, Francisco Alonso. (2009) - *Santiago y los caminos de Santiago: un paisaje cultural, una cultura del paisage*. Boletín de la A.G.E., nr 51.

PATROCÍNIO, Manuel Francisco Soares do (2005) - *Um rosto para os deuses: A religiosidade e as representações de divindades nas antigas culturas do território português*. In: Idearte – Revista de Teorias e Ideias da Arte – Ano I, Nr. 2 (Abr/Jun)

PLOTZ, R. (1992) - *O desenvolvimento histórico do culto de Santiago* in I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela. Lisboa: Ed. Távola Redonda

REIS, Alfredo & Pissarra, Mário (1999) - *Rumos da Filosofia*. Lisboa: Edições Rumo Lda. 4ª edição.

ROSENDAHL, Z (2003) - *Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise*. In: Correa, R.L.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças (2006) - *Espiritualidade, Turismo e Território; Estudo geográfico de Fátima*. Principia. S. João do Estoril

SECALLI, Rafael Esteve (2009) - *Turismo y Religión. Aproximación histórica y evaluación del impacto económico del turismo religioso*. Jornadas de Delegados de Pastoral de Turismo. Conferencia Episcopal Española.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da (2004) - *Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado.* In Revista de Antropología Experimental n.º4.

Disponível em: http://www.ujaen.es/huesped/rae/articulos2004/sena2004.pdf

SONEIRO, Javier Callizo (1991) - *Aproximación de la geografia del turismo*, Madrid. Editorial Sintesis.

SOLLA, Xosé Manuel Santos (2006) - El Camino de Santiago: Turistas y Peregrinos hacia Compostela. Cadernos de Turismo, nr 18. Universidad de Múrcia. Múrcia. España.

SOLLA, Xosé Manuel Santos (s/d) - *Mitos y Realidades del Xacobeo*. Disponível em: dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1318654.pdf

STEIL, Carlos Alberto (2004) - *Interfaces entre peregrinação e turismo. Caminhos de Santiago no Brasil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/59460/Resumo_20050942.pdf?sequence=1

UMBELINO, J. (1997) – *Turismo em Espaço Rural: da utopia à realidade, Turismo Horizontes Alternativos*, Actas do encontro realizado 5 e 6 Junho, Escola Superior de Portalegre.

I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela (1992). I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela actas / org. Núcleo de Estudos e Revitalização dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela do Círculo Almeida Garrett. Lisboa: Távola Redonda.

III Encontro sobre os Caminhos Portugueses a Santiago (1997) III Encontro sobre os Caminhos Portugueses a Santiago: actas / org. Asociación Amigos de los Pazos, Câmara Municipal de Valença do Minho. Valença: Câmara Municipal.

Los Templários y el Camino de Santiago (s/d). Disponível em: http://www.infantesdigital.es/templarios/2.pdf

Fontes electrónicas

www.cm-vouzela.pt

www.turismodocentro.pt

www.pt.wikipedia.org

www.infantesdigital.es/templarios/2.pdf

http://worldreligioustravelassociation.blogspot.pt/

Anexos